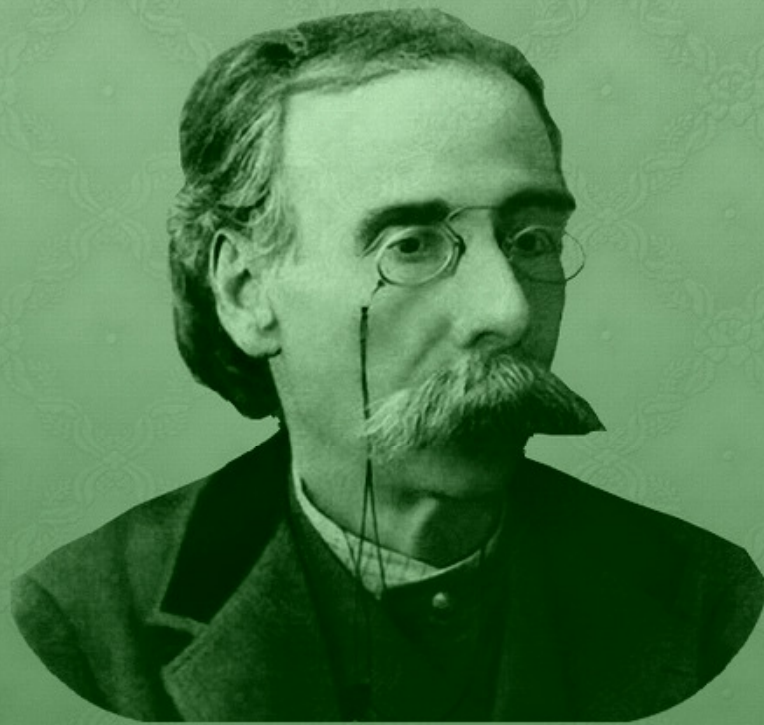


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Camilo Castelo Branco

Um Livro

(Poesia)



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Camilo Castelo Branco

Um Livro

(Poesia)

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825 – 1890)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 441



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Camilo Castelo Branco: *“Um Livro”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita”. Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um carácter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu carácter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boémia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polémica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.

Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento.”

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, afeitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n’este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d’esta irrupção sanguínea n’uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago (1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

*Estes desvarios me fizeram companhia,
ajudando-me a passar saudades e ilusões...*

D. F. Manuel de Melo, Apól. dial.

Solidão, eu te saúdo! silêncio dos bosques, salve!

A ti venho, ó natureza; abre-me o teu selo.

Garrett, Flores sem Fruto

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Dei à estampa estes versos, com temor da crítica. Esperava que me dissessem: “que temos nós com as tuas mágoas? porque não carpes em silêncio? se nos não deleitas com o primor da tua poesia, não te fora melhor recatar as ingenuidades do coração?” E isto, se mo dissessem, não tinha resposta satisfatória. O remédio era calar-me, obrigando-me a um silêncio judicioso.

Não me censuraram agramente essas linhas. Acolheram-mas com benevolência, e corações haveria que as recolhessem. A primeira edição foi depressa consumida, e muito há que esta coisa sem nome é procurada. Reimprime-se hoje com emendas, acréscimos e diminuições também, que havia ai muitas pieguices e pequices que mondar.

Se crítica vier agora, será bem-vinda e não perderá por serôdia. O defeito capital, se está na teima, fácil remédio tem. A terceira edição poderá o público evitá-la, negando-lhe a benquerença com que recebeu essas bagatelas que têm um pouco de coração e mais nada.

Porto, 28 de Setembro de 1857.

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Se eu pudesse aspar o título deste volume, e denominá-lo O LIVRO DAS SAUDADES!

Se eu pudesse, que mais ganharia ele, ou eu, com isso, na estima de quem abre este pobre livro? Que importa a quem lê o que vai na alma do escritor se as impressões do livro não bastam a recender no espírito de quem lê o aroma de flores escondidas muito adentro da alma de quem escreve?

Livro de saudades é este para mim; saudades do tempo, saudades das mágoas, saudades das esperanças que eu via por olhos marejados de lágrimas!

O que eu então via, e que horizonte este em que hoje me estou a fitar olhos no último, em que os mais avultuosos objetos que se me deparam são a relva rasteira duma campa, pobre campa como ela convém à mesquinhez e desambições da minha vida!

E, se assim não fosse, que desconveniente seria o desfecho dela!...

Estes versos valeram pouco entre as formosas poesias daquele tempo. Hoje, quando ressoam torrentes de primorosos poemas, nada valem. Para os amigos dos meus livros são mais um livro: para num são uma flor fenecida de saudade, fenecida e quase desfeita porque a lancei na urna das lágrimas.

Maio de 1865.

À MEMÓRIA
DE
JOSÉ BARBOSA E SILVA
este testemunho de antiga amizade e saudade eterna
OFERECE
O AUTOR

Meu prezado Camilo

Enquanto os saudáveis ares de Leça da Palmeira lhe estão depurando o sangue e amenizando a vida; enquanto se lhe está dilatando a alma em êxtases contemplativos diante das mais solenes solidões — o mar e o infinito; enquanto o seu grande gênio se fortalece e ensaia para os arrojados voos, e para novos suavíssimos cantos, — arrasto eu a grilheta parlamentar nesta galé política, dita a nau do estado. Chama-lhe assim, à parte a deselegância da frase, o meu mestre, e nosso comum amigo, o sr. A. F. de Castilho.

São sortes, meu romancista.

Não me detêm aqui as minhas mais gratas ambições; conhece-o quem me conhece; mas nem todos os passes que damos na vida se podem explicar a todos; e se o destino era cego, a providência é inflexível.

Sei que nada perdem as letras com as minhas longas inércias; e que na sua hierarquia, como na política, é o menos visto lugar o que me pertence; mas perde o meu espírito, e lastima-o o meu coração.

Nasci para os gozos íntimos e para as solidões fecundas. O meu berço alpestre acalentou-me ao som dos cantos livres e augustos da natureza; da natureza sem confeições; da natureza sem atavios de arte; da natureza de Deus e para Deus. Criei-me assim, eduquei-me ali.

Não sei se alguma vez premeditei os meus versos: sei que nunca os predestinei.

Na minha solidão saudosa não havia lugar nem incentivo para vaidades. Eu era o meu ator e o meu público; o meu censor e o meu apologista. A minha glória aplaudia-me e animava-me nos íntimos e secretos êxtases da minha alma. Nunca as estrofes que eu escrevia tiveram crítico menos indulgente que a minha consciência; menos delicado sim.

Era o egoísmo da poesia que só cantava, para si; e, quando mais, para dar alguns hinos aos campos, ao céu, aos horizontes. Tinha que lhes agradecer os cantos das suas aves e os seus palpitantes murmúrios.

Depois o egoísta fez-se cidadão; o monge da poesia secularizou-se; disse à indiscreta publicidade os seus mais escondidos segredos. As cândidas asas da poesia tem-lhas querido crestar o lume impuro de ignóbeis ambições. A fumarada que sai deste braseiro enorme, onde continuamente se consomem nomes ilustres, reputações honestas, capacidades profícuas, aspirações generosas, e quantas vezes a honra, a fortuna e o futuro das famílias, tem-lhe empanado à mórbida plumagem o fino esmalte da açucena.

Recordo-me agora de que já disse em verso o que aqui deixo em prosa. Escrevi-o no álbum de unia espirituosa senhora provinciana que encontrei em Lisboa.

E pois que tão a ponto me lembraram, deixe-me transcrever-lhe aqui alguns fragmentos que sei de cor:

.....

Ave da brenha alpestre, ao ledo canto esquiva,
fadada já por Deus para cantar só mágoas,
cruzei o espaço azul buscando uma luz viva
que vi lá da montanha a dardejar nas águas.

Voei... voei... a luz crescia no horizonte!
“Adeus, gratas canções! adeus, soidão celeste!...”
Era já longe o extremo, alcantilado monte,
onde há mato florido, onde há perfume agreste.

.....

.....

Cheguei, parei, descí; poisei nesta voragem
que rouba o amor do seio, a candidez das almas!

crestou-me a chama a branca, a mórbida plumagem;
poisei sobre um pragal onde sonhava palmas!

.....
.....

Ó pomba foge, foge! este murmúrio eterno
aturde e abafa a voz da pátria tão querida!
Mas não leves, como eu, saudades deste inferno,
Onde me fica... morta uma porção da Vida!

E contudo aqui estou, e Deus sabe até quando. Talvez enquanto se não
consumir a última porção de vida útil que me resta.

E assisto envergonhado, por assistir como estranho, ao augusto convívio das
letras; convívio onde não há catedrais mais que para o sacerdócio; festa onde
não entram convidados nem romeiros; templo onde só têm voz para os cânticos
os coroados de loiro e revestidos de estribe.

Assisto de longe, de tão longe, que se me perdem na distância os meus
modestos aplausos. Embora! Vingo-me em aplaudir para a minha consciência.
Ficou o egoísmo do louvor substituindo o egoísmo da poesia. São-me tão gratas
as reminiscências dos meus antigos solilóquios!...

Um dia, entusiasmo-me ante as perfumadíssimas composições de Pinheiro

Chagas, esplêndida primavera da nossa poesia, que aprende o matiz, nas flores;
o voejar, nas pombas; a transparência, no lago; os frêmitos amantes, nos beijos
que a viração leva ao bosque; a música, nas endeixas tristes da, rola; e nos
epitalâmios do rouxinol; a luz, no céu; a melancolia no crepúsculo, para nos
copiar todos estes enlevos no seu Poema da Mocidade.

Outro dia é Bulhão Pato, o português andaluz, o conversador gracioso, o
improvisador elegante, o fino espírito irônico, o coração que tem ímpetos, o
gênio que tem febre, a recrear-nos com a recitação do seu poema indefinível e
interminável a Paqueta; a fazer-nos provar os temperos picantes e as malícias
amáveis das suas cantigas malagueñas; a casar aos sons furtivos do piano as
suas valsas ardentes e delirantes.

Depois embelezo-me nos contos meio pueris, meio fantásticos, — agora tristes
e agora humorísticos, do nosso *touriste* elegante e amável Júlio César Machado,

a mais formosa borboleta do nosso jardim literário, sempre volitante, fugitivo, impalpável; — espírito que tende para o céu, coração que se prende à terra.

Agora é Teófilo Braga; a varonil criança; o embrião que frutifica; a flor que amadurece; o fruto que floreja; a vergôntea tronco; Outono e Primavera que tem perfume nos frutos e sabor nas flores; o velho do passado que nos aparece imberbe; a larva brilhante que ilumina dum fulgor misterioso o casulo de névoas em que se envolve, e de que há de sair astro fulgente para os espaços infinitos.

É Mendes Leal, o gênio enciclopédico — que deixa descansar a lira quando tem de nos ensinar a história; que sai do teatro para nos vingar duma grosseira afronta escrevendo o Pavilhão Negro; que sobe do jornalismo à cadeira de ministro, e que depois de ilustrar ali o seu ilustre nome e do seu honrado país, salvo do naufrágio político, chega ao posto das letras, segurando nas mãos, como Camões, uma glória nossa e dele: Os Primeiros Amores de Bocage.

É José de Sousa Monteiro Júnior, o herdeiro de um nome ilustre. Dezoito anos ubérrimos! Aurora que se entremostrou esplêndida na Visão do Lago para se esconder de novo nas sombras castas da sua modéstia. Um nome que pouca gente conhece hoje, mas que há de ser amanhã inscrito entre os mais ilustres quando a glória o tomar de assalto e o apresentar ao mundo. Heis-de vê-lo ruborizado de pejo infantil, mas aureolado pelo talento e pelo estudo sério e consciencioso que aquela idade mal comporta.

Meu querido bisonho, aqui te denuncio ao mundo.

É João de Lemos, cuja alma se me afigura um templo povoado de luzes trêmulas e de harmonias plangentes, onde a saudade se adora com todo o culto do amor e com toda a melancolia duma religião que vai transformando em êxtase o que nós quiséramos em cânticos.

É Rebelo da Silva, o vulto mais simpático da nossa tribuna parlamentar, o romancista patriótico, o continuador de Alexandre Herculano, e dele, por isso, pode dizer-se o que disse Zorrilla do primeiro general dos tempos modernos, quando o apresenta defronte das pirâmides do Egito:

Dos gigantes los siglos los trajeron;
los dos en el desierto se encontraron;
cuando grandes los dos se conocieron

de hito en hito los dos se contemplaron.

Vejo entre eles o paciente e consciencioso trabalhador Inocêncio Francisco da Silva, — o autor do nosso panteão literário, o arquiteto e guarda do nosso museu ilustre, e nele das nossas glórias letradas.

Alexandre Herculano, o grande estatuário da pátria! Escrevi-lhe o seu nome: resta-me curvar-me reverente diante do seu grande vulto.

Castilho, o nosso amado Castilho; mestre da poesia e da língua, único sacerdote impoluto das musas neste despoetizado país! Mineiro do passado, cultor do presente, apóstolo do futuro! Coração injuriado pelos que o temem, caluniado pelos que o invejam, incompletamente apreciado pelos que o respeitam, amado até ao culto pelos que o conhecem! Cego, a transvasar de luz, que jorra sobre a humanidade! O sol não vê: alumia, dá, e é rico de mais para receber.

Quero beijar aqui a mão do meu querido mestre.

Aqui me ia eu perdendo e transviando da senda que me traçara! É tão sedutora esta contemplação das nossas boas fortunas! são tão simpáticos os nomes de Palmeirim, o nosso trovista popular; de Cordeiro, o nosso mais espontâneo improvisador; de Vidal, discípulo de Garrett; de Júlio de Castilho, o morgado de grandes responsabilidades; de Biester, o nosso dramaturgo; de Palha e Roussado, os nossos distintos parodistas; do meu mimoso João de Deus; do imaginoso e vernáculo Antônio Pereira da Cunha, e de tantos outros que me estão povoando deliciosamente a memória, que ficaria com eles horas esquecidas se não se me deparasse o nome de Camilo Castelo Branco, a quem e a respeito de quem somente, me propus escrever uma carta literária.

E agora que o tenho em boa companhia, apraz-me descansar aqui da longa romagem que empreendi com piedosíssima devoção.

É ameno o sitio que me acolhe: vejo palácios e jardins, relvas e cascatas, grutas e caramanchões, horizontes e perderem-se dum lado por terra a dentro; do outro, por mar em fora. Tenho laranjais es lagos; madressilvas e gorjeios; basques de luz misteriosa, coada em réstias movediças e trêmulas pelas estrelas transparentes da folhagem.

Não raro vejo atravessar pelas clareiras a caça estranha que os argonautas. Lusos acharam a banhar-se e a fugir-lhes na encantada Ilha dos Amores. Não raro, na mais escusa gruta ou junto da mais sombreada fonte, encontro solitária a carpir-se uma paciente saudade ou uma esperança impaciente. Assisto a festins e bailes, intrigas, caçadas, duelos e serenatas. Há dias de lida vertiginosa, noites de amores delirantes.

E quando a febre do prazer tiver cessado, e quando o espírito necessitar de concentrar-se nas suas melancolias contemplativas, e quando o coração quiser entrar em si, e quando a pupila afogueada carecer de banhar-se em furtivo pranto, ali tenho a mudez do santo ermo onde a solidão suspira uns murmúrios que têm carinhos, umas endeixas que têm afetos. Irei visitar os desgraçados que se estorcem nas labaredas de suas almas precitas, ou nas ânsias de suas aspirações impossíveis. Levarei esperanças aos tristes, e lágrimas aos desesperados.

Aqui não há desejo que se não satisfaça, milagre que se não realize.

Encantos são que fazem lembrar: umas vezes as brilhantes narrativas do Oriente com os seus gênios onipotentes, com os seus palácios de ametistas e diamantes, com suas Javas e seus Bósforos, com suas volatas e haréns, com seus palmares e desertos, com suas miragens e pirâmides, tudo a transbordar de luz, de aromas, de harmonias e de glórias; — outras vezes as misteriosas lendas da Alemanha, com suas fadas vaporosas, com seus castelos e ruínas, a recostarem as pitorescas margens do Reno, velado tudo com a prateada cambraia de suas névoas transparentes, e a falarem-nos a linguagem suavíssima dos singelos cantos do Norte.

Pois tudo isto nós temos sem necessidade de percorrer o Norte ou o Nascente, sem o poder mágico dos gênios e sem a varinha de condão das boas fadas. Tudo isto é nosso; tudo isto é de Portugal e português: estamos na livraria de Camilo Castelo Branco, dum homem que vive (em Portugal!) do seu trabalho e da sua glória!

Em vez dos Gênios, o gênio; em vez das fadas, o condão.

Estão aqui sessenta volumes escritos por sua mão. O autor conta hoje trinta e nove anos! É quase a taquigrafia acompanhando os raptos instantâneos dum espírito que não repousa.

Eis aqui entre os seus romances, a Filha do Arcediago, estudo consciencioso de intrigas, invejas e misérias espreitadas na vizinhança. — A Neta do Arcediago, consagração caprichosa da noticia dum jornal; um malogrado amor. — Onde está a felicidade, como se o autor soubesse onde ela existe!...

Mas que sublimes criações não há neste livro: a costureira, o operário, o jornalista e Guilherme do Amaral! — Um homem de brios... morre arrependido; tinha de quê. O que fazem mulheres: epopeia sublime duma virtude paciente. — Amor de perdição: a abnegação das abnegações. — Coisas espantosas: um amor que apesar de não ter senso comum, inda difere de todos os outros amores; um coração que está fora da lei e que estaria também fora da natureza se a natureza não fosse a officiosa explicadora dos mais monstruosos absurdos. — Lágrimas abençoadas: um seio que se desfaz em bálsamo de prantos para curar as úlceras gangrenosas dum coração; e o coração curou-se. — Anátema. — Mistérios de Lisboa, que já fez a sua quinta edição. — Livro Negro do Padre Dinis. — Cenas contemporâneas. — Doze casamentos felizes. — Romance de um homem rico. — As três irmãs. — Estrelas funestas. — Noites de Lamego. — Cenas da Foz. — Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado. — Estrelas propicias. — O bem e o mal. — Coração, cabeça e estômago. — Vingança. — Memórias de Guilherme do Amaral. — Vinte horas de liteira. — A filha do doutor negro. — Amor de salvação. — No Bom Jesus do Monte. — Esboços de apreciações literárias. — O Esqueleto. — A Queda de um anjo. — Cenas inocentes da comédia humana. — Duas horas de leitura. — Agulha em palheiro. — E quantos outros?! Tudo quanto a imaginação mais fecunda e o espírito mais investigador pode escogitar e perceber no grande palco da comédia humana aí está, nessa galeria imensa de quadros em que o visitante não sabe que mais admire; se as criações do gênio, se a fiel criação das cópias da natureza.

Em breve virá juntar-se a esta preciosa coleção, uma trilogia de romances históricos que já o prelo nos está preparando: A luta de gigantes — A sereia — O Judeu. — Novos ramais e mais valiosos para as letras pátrias vão pois ser explorados por este mineiro incansável das melhores e mais puras riquezas da nossa literatura contemporânea.

Continuemos a nossa visita às estantes da biblioteca: — escritos religiosos: — Horas de paz — Divindade de Jesus.

A quantas injustiças não está sujeito o espírito que se levanta acima do vulgo?

Quantas vezes não tenho eu ouvido caluniar os sentimentos religiosos de Camilo Castelo Branco, o redator da Cruz, o autor destes dois livros que aí ficam mencionados, o homem que por tanta vez se tem erguido debaixo do lenho da desgraça que o oprime, para louvar como Job, a mão de Deus que tudo pode tirar porque deu tudo? Leva-se em conta a palavra de desconforto, que mais traduz um queixume do que uma blasfêmia, e ninguém quer ouvir a prece e o hossana com que se resgata o momento de fraqueza em que se não pode esconder o pranto.

Almas ignaras e hipócritas, há mais pecaminosa torpeza em vossas ignóbeis murmurações, do que em todas as culpas em que possam incorrer os espíritos iluminados! Os répteis, como vós sois, nunca se erguem da terra; a águia, se desce, levanta-se, e remonta voos tão altos, que a pouca luz de vossos olhos não pode acompanhar.

Continuemos:

Dramas: Agostinho de Ceuta — Marquês de Torres Novas — Justiça — Purgatório e Paraíso — Poesia e dinheiro — O último ato — Vingança — Consciência. — A mais fina essência da dor, do sentimento e da filosofia está compreendida aí nesses admiráveis quadros dramáticos, que são glória do nosso teatro, e que têm tido a sagração de tantas lágrimas sentidas.

Comédias — O Morgado de Fafe em Lisboa — O Morgado de Fafe amoroso, a última expressão da boa graça portuguesa, da que se não contenta com sorrisos, da que desafivelaria os lábios do próprio Heraclito, da que exige a franca e estrepitosa gargalhada provinciana.

Versos: — Juízo final, poema. Tinha o seu autor quinze anos quando escrevia um poema, e um poema com o título de Juízo final! Inspirações — Duas épocas da vida: muito amor na primeira, muita unção religiosa na segunda.

Um livro... Um livro! O título não diz nada à força de dizer tudo. Que pensamento dominaria o autor quando assim batizava a sua obra? Seria o espírito da vaidade ou do orgulho que entendera haver escrito o livro por excelência nos versos que dava ao mundo? Seria antes fantasia de poeta que deixava no indefinido o que era talvez indefinível? É certo que o misterioso tem a atração do espírito; é certo que a vontade se prende ao desconhecido; é certo que a fantasia se compraz de se demorar no enigma.

Estas mesmas reflexões fazíamos nós estudantes de Coimbra quando em 1855 se nos anunciou pela primeira vez Um livro de Camilo Castelo Branco.

A Coimbra daquele tempo era toda acadêmica e galhofeira: tinha violas e cantos em noites de luar e vésperas de feriado. O jardim, a ponte, o encanamento, o Penedo da Saudade, as barcas do famoso rio sabiam de cor as canções alegres e os mimosos conceitos daquela mocidade viçosa, donde irradiava luz, esperança, primavera. Vida ruidosa, folgada, febricitante. Exame que na manhã da existência se condensava zumbindo em torno aos festivos alecrineiros antes de se dirigir ao cilhal para as laborações sérias do futuro.

Hoje o aspecto da feiticeira do Mondego é pensativo e sério; a mocidade, bem outra do que fora, é hoje luxuosa e sábia. A Primavera perdeu ali os seus direitos de cidade e refugiou-se com os rouxinóis nas engrinaldadas margens do rio amante. A canção passa ao largo, timorata e esquiva, não ousando perturbar a austeridade ascética da camponesa que se fez senhora. A dicção portuguesa e chá daquelas eras é taxada de plebeia depois que a fidalguia alemã veio enxertar-se no intelecto da nossa mocidade esperançosa. Não sei bem se ela nos entende; sei que nem sempre nós a compreendemos. Era doutra feição a nossa ídole; fez-se por outro caminho a nossa educação. A planta é por ora exótica; a aclimação há de ser difícil. E trar-nos-á ela tais proveitos que nos pague os sacrifícios e as despesas que reclama?

O futuro dirá quais são os getas, e dará a coroa de Ovídio a quem a merecer.

Recebemos Um livro de Camilo Castelo Branco no meio de férvidos entusiasmos.

Não foi o espírito frio e alemão que o recebeu para o dissecar sobre a mesa anatômica da academia: foi o coração jubiloso, foi a esperança entusiasta, foi o espírito que antegostava manjares duma iguaria literária que tinha por fiador e abonador um nome que nos era glória e autoridade.

Juntámo-nos eu e meus companheiros em convívio fraternal; unificamos as nossas atenções; fizemos a leitura em comum, e aplaudimos uníssonos e unânimes cada estrofe, cada canto, cada verso e cada conceito.

Transcrever aqui os trechos que mais nos impressionaram fora tarefa prolixa e improveitosa. O livro é tão repassado de melancolias que num momento os

nossos rostos imberbes assumiram as tintas daquela tristeza suave que formam o seu fundo e o seu tom característico. Estávamos identificados com o poeta. A isso nos convidava a primeira estrofe do poema:

Soledade, triste amiga,
vim buscar nos teus afagos
suavidade à minha cruz;
dá-me aqueles sonhos vagos,
aquelas crenças ditosas,
em que a alma folga e espera
paz e amor, esp'rança e luz.

Era um coração que se nos apresentava triste foi-nos bem-vindo assim.

Começava a narração dos suaves amores do poeta; amores entrelaçados de açucenas e saudades, de inocências e amarguras.

Um dia a criança troca as margens do Tejo e as carícias infantis da sua Amélia por

..... agras montanhas
onde a torva natureza
não tem galas nem poesia,
onde é triste a Primavera
sem aromas nem verdores,
onde o sol calcina a rocha,
e não deixa ao prado flores.

Encontra aí um perdido que tenta contagiar-lhe a alma da lepra do cinismo que o devora. O seu credo é de horror; a sua história, de precito. Despenhado de crime em crime, volta este filho de Satanás à casa de seus maiores, toma de surpresa nas trevas da noite a desprevenida esposa, e paga-lhe o adultério com a morte.

O dia que segue esta horrorosa noite acorda assim (que contraste!)

A aurora tinge o horizonte;
arraia os visos do monte
indecisa, frouxa luz.

Some a Lua a fronte lívida
no branco véu da manhã;
em redor tinge-se o disco
da rubra cor da romã;
ligeira névoa se estende
ao correr das mansas águas,
como um véu de tristes mágoas
em rosto há pouco risonho.
Começa ao longe o murmúrio
do lavrador que saúde
a luz da aurora, que o chama
nas fendas do seu tugúrio.

.....
Como é santo este silêncio
dum formoso amanhecer!
Tudo aqui nos diz que a infância
e como a aurora a nascer:
primeiro a luz sem ardores,
a luz do amor sem paixões;
depois o sol e os amores,
como o sol, abrasadores
de sedentas comoções.

Haverá mais formosa e mais amena descrição? Vê-se, sente-se o desabrochar, o

florir, o refulgir da vida!
Ouvide além na outra margem
o cantar da pastorinha

.....
.....
Sentada sobre o restolho,
velando inquieto novilho,
cinge na folha do milho
flores agrestes, que afaga.
Em que amor ela divaga,
di-lo a inocência da flor,
do malmequer que lhe ensina

segredos do seu amor.

Onde há aí por esses livros falados, mais campesino sabor de singelezas bucólicas?! Deixai-me extasiar diante desta estrofe!

Que dirá desta plebeiazinha a sábia fidalguia alemã?

Mancebos da nova escola, vale mais esta esteira de restolho e esta fitinha de milho, do que todos os vossos subjetivos desdenhosos, e do que todas as vossas estéticas pretensiosas.

Ainda há pouco eu respondia aos pequenos espíritos que pretendem compreender o que julgam contradições do poeta: aqui tenho melhor resposta, e é de ver como de repente o Béranger se apresenta Vítor Hugo:

Pergunta o mundo ao poeta:

— como, tão cedo, está morto
quem, há pouco, amanheceu?

E pergunta o poeta ao mundo:

— como pode o humilde tojo,
que nasce e vive de rojo,
ver o raio que fendeu
O cimo de alto cipreste?

Não posso furtar-me o prazer de copiar aqui uma descrição que pode servir de modelo aos mais esmerados descritores:

..... Um dia
o relâmpago acendia
roxas lavas pelo espaço;
ao longe, o eco bramia
do trovão repercutido
de horizonte a horizonte,
que prendia uni ígneo traço.
Pela garganta profunda
ruge a torrente, que inunda
cavernosos barrocais.
Estala o sobro da encosta

que, soberbo, a fúria arrosta
dos infrenes vendavais.
E eu senti-me penetrado
dum terror santo. E chorava,
e, de mãos postas, orava.
Vi, no céu, cruzarem fitas
de abrasada vibração;
um triângulo de fogo
vi crisar na cerração,
resvalar no dorso à fraga,
reduzir a fraga a pó.
E soltei um grito!
Um riso
respondeu ao meu pavor!...
Olho... e um vulto ali diviso,
sobre a rocha, estátua em pé!
Soberbo, encara a tormenta,
que vem rugir-lhe ao sopé!

Ou a minha competência em coisas de poesia é ainda inferior ao pouquíssimo em que a tenho, ou este esboço é sublime e belo como é arrojada a fantasia que o criou, e a mão que lhe acertou os traços.

Transcrevi mais que o meu dever; menos porém, muito menos que o meu desejo.

A definir o que seja a obra não ajuda mais o contexto do que o título. Um livro é... um poema truncado... um ramilhete de poemas indecisos, vagos, misteriosos, esboçados a traços incompletos... às vezes não principiados... às vezes não acabados. Ais que se não puderam abafar; lamentos que se completam num riso de ironia; preces que terminam em blasfêmia; sarcasmo que se apaga em lágrimas.

Um livro é a carteira de viagem em que o poeta lançou a esmo, na primeira folha em que a abriu, as notas soltas dos seus sentimentos mais íntimos, das penas e dos trabalhos da piedosa romaria do coração.

Um livro é a fixação dos marcos miliários no caminho do martírio que só os eleitos conhecem; espécie de via-sacra onde o poeta volta de tempo a tempo sozinho com as suas reminiscências beijar as pedras onde caiu, e regar com lágrimas as saudades que semeou, limpar e pronunciar baixinho para si o nome ou a legenda que deixou gravada no pedestal de cada cruz.

Ó romagem da saudade! Que religioso culto não deves tu à poesia!... E morto o crente devoto, apagam-se os vestígios de seus joelhos e as luzes de suas lágrimas; mirram-se as saudades, desabam-se as cruzes, e voltam-se para a terra as legendas de seus pedestais! Os lábios, que podiam contar e recompor a história de cada estação, perderam-se no abismo do sepulcro!

Fica Um livro, roteiro incompleto para todos, mistério amável para muitos, cofre de relíquias sagradas e de saudades seletas para bem poucos!

Um livro! índice do coração do poeta, rosário que tens contas de lágrimas, mistérios de dores, e em cujo remate oferece o abraço cadavérico a cruz do martírio! com que poética devoção eu te compulsei na minha adolescência, decorei as tuas preces, e me entristeci com as tuas amarguras! Chegou o momento de te pagar o tributo do meu peito sincero: é modesto, mas pertence-te. Tu pagas-me eternizando-me.

Quando o nome glorioso do teu autor passar da vida à imortalidade, ficarás tu aureolando a sua querida memória, como a coroa de perpétuas, o moimento.

És cofre, serás urna. És hino, serás epitáfio.

Camilo: Já vê; escrevi de si o menos que podia; menos, muito menos do que devia.

Não o coloco abaixo nem acima de pessoa alguma; não o quis comparar. O lugar que lhe pertence na hierarquia literária não é nem pode ser mercê de ninguém. A liturgia pára onde começam as legítimas conquistas. O que o seu talento lhe ganhou, é seu por direito próprio. Negar-lho é um crime; oferecer-lho uma indelicadeza.

Sei que Um livro não é a sua obra predileta; acusa-lhe muitos defeitos, e alguns terá; mas eu não vejo nele senão o muito que lhe quero.

Consinta pois que no princípio ou no fim da terceira edição fique nele o meu nome subscrevendo este singelo documento da muita admiração e amizade que lhe consagra.

Lisboa, 8 de Setembro de 1865

Tomás Ribeiro

I

Soledade, triste amiga,
vim buscar nos teus afagos
suavidade à minha cruz;
dá-me aqueles sonhos vagos,
aquelas crenças ditosas
em que a alma folga, e espera,
paz e amor, esp'rança e luz.
Paz! se o mundo bem soubera
a que bens ela conduz!...
Amor!... aspiração, glória,
que dilata o coração!
Esp'rança!... luz transitória,
que nos mostra, a furto, o céu!...
Luz ideal de tantas cores,
refletida em tantas flores,
grinaldas de anjos, e amores,
mil poemas, num instante,
abrangendo o infindo espaço
daquelas mágoas de Tasso,
das fantasias de Dante!
Solidão! grato remanso,
onde eu vim do mar irado,
como náufrago, cansado,
recostar-me em teu abrigo,
ai! não digas teu segredo
aos que sofrem. Neste mundo,
neste inóspito degredo,
quem não sofre? Tenho medo,
que te amem quanto eu amo,
que me roubem teu carinho!
Sê tu minha; que eu, sozinho,
como a ave, que além canta,
dou-te um altar no coração;
cantarei na harpa santa,
ao Senhor votada, o hino,

que me influis, ó solidão!

Sinto ainda enlevos de alma
que pensei já não sentia.
Vivo ainda; arfam-me o seio
enlevos de alta poesia.
Vai-se-me a vista alheada
por cerúleos horizontes;
diviso imagens celestes,
quando o murmúrio das fontes,
que, Senhor, às várzeas destes,
não sei que falas murmura...
Tristes... sim; mas que doçura
nesta sombria tristeza!...
Perde-se alma, de encantada,
nesses silêncios, quebrados
pelos cantos afinados
na lira de anjos aéreos;
vai a alma onde os mistérios
do sentimento se escondem.

Esses, do mundo que sondem
os mil segredos daqui...
Não sabem, não, que delícias
Deus reserva aos desgraçados,
se lhes dá ermos e prados
a vicejar e florir,
a noite e o luar, e a fonte,
selva escura e horizonte
que ensina a amar e sentir.

Não peço gozos ao mundo,
não perturbo o seu festim;
dei-lhe da alma um tesouro
de ilusões, que mundos de ouro
já não podem dar-me a mim.
Em recompensa, se posso
pedir pobre galardão,
dêem-me gozo inocente,
que não valha a inveja ardente
dalguma estranha ambição.
Deixem-me o ermo, e as galas,
que não têm valor nas salas,
onde a, ventura delira;
deixem-me o céu e as estrelas,
e do Estio as noites belas,
quando a saudade suspira.
Deixem-me as tardes saudosas,
em que as auras sonoras
são como a dor que respira.
Deixem-me esta fé que sinto
renascer dum ponto extinto...
Deixem-me a crença e a lira.

Aqui, desdobram-se as cenas
da longa vida do homem,
que folgar-se pode, um instante,
do combate excruciante
de paixões contrariadas.
Vêm-se os quadros diversos
no pó das crenças dispersos,
crenças perdidas... choradas!
Lembram-me instantes ditosos,
precursores do tormento,

que instilara o desalento,
em peçonha ao coração.
Mas que saudosas quimeras
me reluz a fantasia!
E que instantânea alegria
me não abre esta ilusão!
Lá vêm as sombras malditas
que o meu passado escurecem...
Embora venham, que ao menos,
as fibras de alma estremecem...
É que as paixões, os venenos
que eu traguei quando as senti,
laceraram-me entre angústias
de infernado frenesi.

Flores, vós éreis o encanto
dos meus anelos de infância
como o símbolo adorado
de alto amor predestinado.
Horas e horas de enlevo,
horas de amor esquecidas,
a namorar-vos passei.
Eu tinha uma, que amei,
rosa de folhas tingidas
pelo nácar do pudor.
Era minha, e não viessem
disputar-me a pobre flor...
Choraria, se quisessem,
mas perdê-la...
Ai!... que eu perdi-a!...
do nordeste o sopro, um dia,
perpassou por ela, e a triste,
pálida já dos ardores,
nem já linda era nas cores,

nem, por meu pranto, regada,
erguera a fronte queimada,
nem, por meus lábios quecida,
sentira o éter da vida...
Morreu!... de rojo, levou-ma
vento do inferno, e não sei,
se outra mais bela, tão bela,
como foi gentil aquela,
neste mundo encontrarei!...

Rosa de amor, e do pranto,
por quem senti viva ânsia,
flor, tu eras o encanto
dos meus anelos de infância!

Os anjos amam as flores.
Na terra um anjo vivia:
era mulher pelas dores,
que, fundas n'alma, sentia,
no mais, não era, não tinha
neste mundo coisa sua.
Mistérios de alma sabia
decifrá-los nas estrelas,
e na solitária Lua.
Sempre extática, sorria,
quando um querubim de sonhos
dentre nuvens luminosas
com grinaldas lhe acenava.
Eram momentos risonhos;
mas as noites tormentosas
da vida dela!... que vida!...
Eu vi-a quase transida

naquela peleja cruel.
O cálice intransitivo
não tinha gota de fel.
Na fronte úmida do transe
resplendia luz do empíreo,
luz divina do laurel,
prêmio e pompa do martírio.
E nas mãos lívidas,
alvas uma camélia sustinha.
Poucas lágrimas chorava,
que poucas lágrimas tinha...
E as extremas derramou-as,
horas antes da agonia,
nas caras flores... Deixou-as,
quando o espírito expedia.
A mão, que os olhos cerrara
à mártir desconhecida,
nas mãos dela entrelaçara
as confidentes da vida,
as suas queridas flores,
os seus primeiros amores,
e derradeiros também.

Nem as lágrimas de mãe
quebram os selos da lousa?...

Oh, tão ditosa, repousa!
Começas hoje a viver...
Onde estás? a qual estrela
te subiu a tua cruz?
Na terra chamei-te bela,
No céu és anjo de luz.

E aqueles sons divinos
dos teus angélicos hinos,
que santificavam a dor?
Esses são da terra ainda.
Voejaste, ó pomba linda;
mas deixaste aqui algumas
daquelas argêntas plumas
das asas do teu amor.
Flor, tu eras o encanto
dos meus anelos de infância!
O teu prestígio era santo
para mim, que via o imenso
no mar, no bosque, nos céus.
E eu eras, flor, o incenso,
perfumando, em mãos sem mancha,
a majestade de Deus.
Alvas roupagens vestia
o meu lírio, cor do arcanjo
das singelas poesias.
Hoje, sim, vejo quão doce
e arroubada fantasia
Deus concede à inocência!
Ai! venturosa demência
a dos meus sonhos pueris!
Coisas, que eu via nas flores,
fadas, arcanjos, e amores,
o homem feito não diz!
Nesta idade, o lírio é pálido,
veste da cor da tristeza;
não podem olhos que choram
ver as galas que decoram
a formosa natureza.
A arte mata a poesia;
a razão mata a inocência;
a luz que o prisma alumia,
no viço de alma infantil,

é clarão de instantes breves,
como a flor dum dia só:
de manhã, galas de Abril,
e a noite, murcha no pó!

Este amor da minha infância
profetava o mau destino
das almas apaixonadas.
Primeiras notas do hino
de tristes notas choradas,
aquele amor eram dores
pressagas disto que sou;
era a previsão do abismo
onde maniatado vou.
Era, em lábios de criança,
balbuciante expressão;
era o sorrir de esperança,
desmentido pelo pranto
da esvaecida ilusão.
Era tudo... ou era nada...
Era a flor, o mago encanto
dos meus anelos de infância.
Era aquela infantil ânsia
de esposar, numa afeição,
tudo que é belo, que é santo,
tudo que é luz radiosa,
e exalta a alma ansiosa
no arroubo da aspiração.

Saudade meiga, transporta
a pobre alma abatida
aos jardins, que a minha vida

perfumaram de ilusões.
Dá-me instantes de inocência,
tão rica alfaia perdida!
Que eu dispa as honras falazes
desta mentida ciência,
filha dos gelos eternos
da álgida e torva razão.
Dá-me os dislates da infância,
dou-te por eles as pompas
desta vaidosa ambição,
que rasga o véu dos mistérios,
sonda os abismos aéreos,
abre as entranhas da terra,
como quem abre um sepulcro,
onde sepulta a ilusão.

II

Bem haja, melancolia!...
Envolve a harpa das dores
com teu crepe funeral.
Fora perdida a alegria,
Mentira inútil no rosto,
quando o peito vara o gume
de infame e hervado punhal.
Nem o lívido desgosto
dum sorriso se irradia,
sem que o aspeito da desgraça
se transverta em ironia.

Vem, amiga! tens doçuras
no teu fel; é de ouro a taça
em que dás o teu veneno.
Voluntário, me condeno

a ser teu. Em ti, tristeza,
como num crisol de dores,
perde a alma a impureza
dos regalos sedutores.
É que a dor nos aproxima
da justiça onipotente,
como quem envia acima,
ao trono da divindade,
os clamores da orfandade,
desamparada indigente.

Mãe, eu era inda criança,
já te não vi: morta eras!
buscou-te amor, e esperança,
e o coração que me deras.
Com que fé eu te pedia
um carinho maternal,
pois, na terra, eu não sabia
quanto um doce afago vale!
E eram mudas as estrelas,
mudo o altar e a solidão;
mas eu tinha imagens belas,
tão formosas... mais que elas,
no meu céu do coração.
Essas, sim, diziam muito,
em teu nome... Adivinhei
os prantos que tu choraste,
pelos prantos que chorei.
Delas soube o longo drama
da tua breve existência.
Vi que intensa fora a flama
que queimou tua inocência.
Vi o ecúleo de tormentos,
que teus lábios macilentos

oscularam, na agonia.
Vi desses lábios o fogo,
senti-lo pude, também,
sobre meus lábios, na hora,
em que a morte se demora,
respeitando a dor de mãe.

Descei dos olhos meus, lágrimas tristes;
se o árido infortúnio o pranto enxuga,
foi grande a angústia, e a filial saudade,
que o pranto me esmolou.
Deixai-me ver, Senhor, a imagem dela,
que o sangue, derramado em seu caminho,
eu pude ainda ver, como um vestígio
da mártir que passou.
Descei dos olhos meus, lágrimas tristes!
perdi o amparo, o amor, e o pão da alma;
deixei meu coração, livre, sem guia,
os abismos sondar.
Nas horas lancinantes do remorso,
à beira de fatais desfiladeiros,
pedi ao céu que a mão da mãe finada
descesse a me salvar.
Descei dos olhos meus, lágrimas tristes!
Ferventes orações meus lábios mandem
ao trono do meu Deus, onde o martírio
recebe galardão.
Meu anjo valedor, mãe, se me escutas,
se, espírito invisível, vens, no ermo,
o pranto abençoar do pobre filho,
ai! dá-me um coração!
Descei dos olhos meus, lágrimas tristes!
Sem ti, pomba de amor, não sei librar-me
nos espaços da fé, onde a virtude

exalça os voos seus.
Ai! dá-me um coração! lava-lhe as nódoas,
desata-lhe as algemas, que o prendem
às baixeiras da terra, que não pode
servir o mundo e Deus!

Eu vi os lúcidos raios
da minha aurora de amor,
quando apenas concebia
neste mundo uma só dor.
A orfandade julguei-a
a desventura suprema,
quando vi solver a morte
o insondável problema
desta existência dum dia.
Férvidas crenças sentia,
quando ao silêncio das campas
meu destino interrogava.
O cipreste murmurava
lúgubres sons dum gemido,
que me deixava transido
de pavor sagrado e estranho.
Já me disseram que a morte
interpõe imenso espaço
entre filho e mãe, partindo
deste amor imenso o laço.
A Ciência o diz! Ciência!
manto de ouropéis bordado,
dourada jóia do orgulho,
não dás nada ao desgraçado!
Pões em gélida indigência
o coração, despojado
dos crentes dons da inocência!

Vi dilucidar-se a alva
da minha aurora de amor,
quando uns dobres a finados
me coavam frio horror.
Incendida em viva frágua,
ansiava afetos minh'alma
como a gazela sedenta arde,
e anseia gota de água.
Só no mundo! A consciência,
vigilante, noite e dia,
acordada desmentia
áureos sonhos de inocência.
E foi ela, que tão cedo,
ensinando-me o segredo
dos tesouros da paixão,
me acendeu no pensamento,
o precoce sentimento
que insinua ao coração
venenos que lhe consomem
o melhor sangue. Depois,
a criança, feita homem,
pela desgraça, aspirava
sensações intempestivas.
E, sozinha, ela anelava
abrasar-se em chamas vivas,
embora fossem do gládio
do arcanjo do Senhor,
que defende o paraíso...
Mais que o anjo pode o amor.

Vi dilucidar-se a alva
da minha aurora de amor.

O meu ar fez-se um pó de ouro
em que cintilavam lumes,
como espíritos e numes,
que velavam o tesouro
daquela imagem, tão minha!
E ela passava, rainha
daquele mundo infinito,
que na fantasia eu tinha.
E eu, desde a terra, proscrito,
lhe mendigava uma estrela,
onde, humilde escravo dela,
espirasse o ar e a vida,
dum mundo todo ideal.

À noite, à beira do Tejo,
no esplêndido cristal
daquelas ondas dormentes,
pascia a vista encantada
pela visão, que não via.
Suspensa a alma, alheada,
no alvoroço da alegria,
não sei que místicas vozes
de eólias harpas ouvia.

Amélia, a filha dos sonhos,
a rival dos anjos, vinha
povoando aqueles mundos
para mim, que mundos tinha,
no coração, para dar-lhos,
e não ousava ofertar-lhos,
nem como escravo humilhado,
nem como rei de mil tronos

no coração escondidos,
conquistados pelo gênio,
só ao gênio concedidos.

Como aquele amor nascera,
tenho uma vaga lembrança...
Da Lua um raio descera,
e, de improviso, ilumina
as feições emaciadas
dum anjo que, por magia,
suas asas convertia
nas cabaias alvejantes
com que, virgem, se vestia.
Que mulher, Deus, que mulher!
Moça, tão moça, e menina,
os seus segredos, se os tinha,
nem a arte os adivinha
quando sondá-los quiser.
Mas a tristeza!... o que era
aquela nuvem sombria,
triste presságio de dores,
que esmaia o Sol, e as flores
da tão linda Primavera?!
Órfã não é... que eu sei bem
aquela dor... se ela a tem,
adivinhar e sentir.
Amimada e estremecida
da mais carinhosa mãe;
das mais crianças inveja;
Farta dos gozos da vida,
que o ouro a frouxo lhe dá...
se aquela alma deseja,
que desejos sentirá?!

Amor! impulso vibrado
pela mão, que rege o espaço,
e marcou ao sol um traço,
como às leis do coração!
Amor! inteira existência,
sol da alma, que termina,
breve, a noite da inocência!
Amor! sorriso dos anjos,
que vem no berço sorrir,
e sobre a campa chorar!
Amor! ditosa tristeza
númen santo, cuja palma
é a própria dor da alma,
consagrada ao seu martírio!
Amor! enlevo, delírio
que dá alma e harmonia
aos transportes da poesia,
que perfuma terra e céus!
Amor! cintila de Deus,
que prende o homem, restrito
na estreiteza dos gozos,
às regiões do infinito!
Amor!.....

Amélia, esqueceste
aquelas noites do Tejo,
quando vinha dar-te um beijo
a brisa, que te dizia
o que não dizia o pejo?
Em redor de nós viviam
vida diversa da nossa
teus irmãos e mãe, que viam

em nosso amor um gracejo.
É que não viam no espaço,
onde a poesia flutua,
duas almas num desejo,
presas por íntimo laço,
aos raios de ouro da Lua.
Para eles a tristeza
desses momentos ditosos,
e de teus olhos formosos
a pupila, úmida sempre,
era a índole mimosa
de mimosa compleição;
era a infância acarinhada,
contristada, sem razão;
era um enfado sem causa,
sensação indefinível,
excesso de alma sensível,
mas, amor... ai! tanto não!
E quem diria, querida,
na manhã de minha vida,
quem diria os mil poemas
nas alvoradas da infância
daquela extática ânsia?
Se nos vissem sós... recordas?...
Naqueles dias tão breves,
em que te eu disse... que disse?...
Palavras, não, que não pude,
por mais que à alma pedisse,
dizer que era então amar-te!
Ai! que mistério profundo,
naquele erguer-me tão alto
das coisas baixas do mundo!

Onde existes, vago mito

daquele culto sagrado?
Busca-te a alma ansiosa,
e não te encontra, ó formosa
sombra do amor infinito!
Amélia, sonho, acordado
pela desgraça estrondosa,
não sei se vives... Perdi-te
quando a mão impetuosa
da desventura imperiosa
longe de ti me levou.

Das cismadoras montanhas,
nos crepúsculos de Agosto
que saudades tamanhas
te mandei, chorando, Amélia,
pela andorinha, ao sol posto,
quando a via volitando
e altos cerros transmuntando
para os céus que eram os teus!...
De cá, saudei-te nas auras,
que teu nome murmuravam;
mas estas auras não eram
as que, no Tejo, beijavam
teus lábios virgens dum beijo.
Além, num trono de nuvens,
inda, qual eras, te vejo
pelo prisma da saudade.
Tens na fronte um diadema,
anjos te entrançam capelas,
a teus pés fulgem estrelas,
és divindade.....
Que importa
a fantasia risonha,
que o pincel da ardente alma

traçou nos céus para ti?
Quem me diz que não és morta?
foi a desgraça, a vergonha?

III

Vivi por agras montanhas
onde a torva natureza
não tem galas nem poesia;
onde é triste a Primavera,
sem aromas nem verdes;
onde o sol calcina a rocha
e não deixa ao prado flores;
onde o Inverno se contorce
em vulcões de ventania,
e, ruindo sobre a espalda
daquelas serras cinzentas
onde a custo alveja o dia,
com bramido pavoroso,
gênio infernal das tormentas.
Dei uns longes da agonia
da terra ao nada volvida.
E vim das margens do Tejo
na aurora da minha vida
desterrado para ali.
Pela desgraça proscrito,
deram-me um solo maldito,
onde o amor santo e infinito
da minha infância chorei.
Em temos anos, ao peso
da vida ingrata verguei.
Olhei, com ira e desprezo,
esta providência oculta
que a blasfema piedade
piedosamente insulta,
quando diz ao inocente,
sem mancha na sua vida,

que a desgraça é providente,
da Providência nascida!...

.....

Quando, eu, tão triste, buscava,
O linimento das penas,
que nos muda escuras cenas
pelas que a fé ilumina,
e nos converte em doçura,
de resignação na dor;
via-te, anjo de amargura,
colorir um falso amor
ao teu forçado destino.
Altivez, gênio, hombridade,
Coração e mocidade,
Tudo vitimado a um lance!...

.....

Ó Moloque! à falsa honra,
quantas mártires se matam
em tuas aras assim?
Quantas dos olhos desatam
aqueles prantos de sangue
para chorá-los sem fim?
Quantas morrem de abafá-las
as lágrimas que injuriamos?
E pudeste sufocá-las!...
E com sereno semblante,
de agonia acerba estalas
sem que um gemido ofegante
desprendas do coração?
Que vida a tua, que vida!
Que perpétua solidão!
Se te resgatas, suicida,
quem te negará perdão?!

Por que vais ao cemitério
n'altas horas do mistério
fitar os olhos na cruz...
Por que perguntas às sombras
que estremecem, se vasqueja
aquela pálida luz
do lampadário suspenso
na capela de Jesus...
Por que perguntas, ó triste,
se o repouso é irrisão?

Ouvide um hino, e só esse
diz o profundo segredo
daquela imensa aflição.
As correntes do degredo
parte-as, um instante, a agonia
quando a alma, fraca um dia,
segue, forçada, a expansão.
Aquele canto sem nome,
canto sem eco, e perdido,
de amargas notas, quebradas
no soluçar dum gemido,
é doce, e amargo lembrar:

Passo aqui tardes, sozinha
nestas rochas calcinadas.
A cismar.
N'alma sinto as fundas mágoas,
ao murmúrio destas águas,
suspirar.
Quando assim me vejo triste
dum penar de Intima pena,

choro então...
Que eu não amo a natureza,
quando traja só tristeza
na solidão.
Amo-a, sim, embalsamada
dos perfumes, que lhe aspira
a alma em paz.
Mas, se a dor punge, de aguda,
esta natureza muda
não me apraz.
Sei que a dor tem desafogo
no alaúde, terno amigo,
tão fiel.
Faço trovas, mas as trovas
são amargas, duras provas
de agro fel.

Em tardes de saudade amargurada
ao pé do anoitecer,
eu venho aqui, viúva abandonada
viúva duma crença requeimada
num triste amanhecer
Aqui na solidão, arfa-me o peito,
aspira imenso ar!
Careço para a dor um vasto leito,
não posso respirar no asilo estreito,
onde é força calar.
Amargas, nestes ermos, eu chorava
as lágrimas um dia.
Busquei repouso aqui... ai! se buscava...
Em vão no peito, a dor acalentava,
em vão... que não dormia.
Hoje choro também... Foi-se a ventura
nos anos que perdi.

Já morto o que é sentir, vive a amargura...
É tempo de morrer... ó sepultura,
em ti, espero em ti!
Debalde, íntima voz me diz na alma:
“silêncio! ignóbil dor!”
É mártir a mulher, mártir sem palma!...
De que serve a mudez, se não lhe acalma
o destino opressor?
Há no seu coração tanta harmonia
em tudo que é amar!
Em tudo vê florir tanta poesia...
Em tudo... mas, aqui, a fantasia
suicida-se a, cismar!
Que é pena vê-la escrava da mentira
em nome da razão!
É pena ver-lhe inútil quanto aspira
na infância, quando a alma arde e delira
por tudo que é paixão!...

.....
De que serviu este pranto?
Ouviu-me algum nesta dor?
Quem se dói da oculta lágrima
chorada sobre unia flor?
No desamparo da vida
os tormentos são assim...
Dobra-se a eles quem sofre,
como ao vento este jasmim!...
Eu, solitária, não tive
consolação em chorar...
Sou bonita dentre campas...
Quem vem às campas chorar?
Como a flor, eu pendo a fronte
à luz ardente do céu,
e, depois, cinza, me junto
às cinzas do mausoléu.
Flor da morte! não ressorges,

quando te orvalha a manhã!
Para ti... morte perpétua...
Para mim... esp'rança vã!...
O meu destino... cumpriu-se...
Tive-o no berço... este foi...
Não é de hoje a farpa hervada,
que no peito acerba dói!
Ao regaço da inocência,
vós me enviastes, Senhor,
uns sonhos que me pintaram
estes infernos de dor...
.....

IV

Quando a saudade sombria
me dava asas, e eu ia
à minha terra natal,
e de lá, triste, volvia
àquelas ermas montanhas,
uns lábios desconhecidos
estas vozes me disseram:
“Chora e espera, que estas dores
nem tão fundas, nem tamanhas
são como outras que te esperam
onde vês em tudo flores.
Não vás lá. Diz-te um mendigo
que não vás!... A toda a parte
a desgraça irá contigo.
Esperanças pedem dar-te
uma ilusão de momento;
mas o algoz, o inimigo
vai contigo... o pensamento.
Que não vás, diz-te um mendigo
pela esmola, que lhe dás.
Não te desonre este amigo...
A desgraça irá contigo

a toda a parte, que vás.”
Quem era este homem? Mistério
para a condoída mão,
que respeitosa, lhe dava
pedida esmola de pão.
Quem era este homem? Falava
como fala a inspiração.
Tinha momentos sublimes
de impressiva exaltação.
Revelava infames crimes,
mas não diz se dele são.
Quem era este homem?
Se ria, eram sinistras risadas;
o rosto pálido, exangue,
de rubor de vivo sangue,
de improviso, se tingia.
E, nos olhos coruscantes
de sangue, e ódio e furor...
não sei que medo, que horror
aquele olhar incutia!
Quem era este homem?
Um dia,
o relâmpago acendia
roxas lavas pelo espaço;
ao longe, o eco bramia
do trovão repercutido
de horizonte a horizonte,
que prendia um ígneo traço.
Pela garganta profunda
ruge a torrente, que inunda
cavernosos barrocais.
Estala o sobro da encosta,
que, soberbo, a fúria arrosta
dos infrenes vendavais.
E eu senti-me penetrado
dum terror santo. E chorava,

e de mãos postas, orava.
Vi, no céu, cruzarem fitas
de abrasada vibração.
Um triângulo de fogo
vi crisar na cerração,
resvalar no dorso à fraga,
reduzir a fraga a pó.
E soltei um grito!
Um riso
respondeu ao meu pavor!...
Olho... e um vulto, ali, diviso
sobre a rocha, estátua em pé!
Soberbo, encara a tormenta,
que vem rugir-lhe ao sopé!
Quem assim zombando tenta
céu e inferno? Este valor,
quem lho dá? a grande fé?
Quem vos insulta ou adora?
Quem rir pode assim, Senhor?
É um justo, ou um precito?!
Justo ou demônio, quem é?
Obscuras existências
arrastadas aí vão,
gota a gota derramando
o sangue da punição.
Deus lhes deu em longo espaço,
vasto alento para a dor;
mas à dor marcou um traço,
um limite, aquém da morte.
Manda ser lenta a agonia;
faz que o homem seja forte,
quando um longo crime expia.
E à fatídica bravura,
com que o homem vê o abismo
da tardia sepultura,
o mundo chama loucura,

impiedade, ateísmo,
perversidade, cinismo!
Deus o quer!... e o mundo exprime
a Providência?... talvez!...
Mas, se o gozo anima o crime...
Providência!... tu que és?

.....

Majestoso na miséria,
tal tu eras, réu sublime
duma agonia suprema!
Ainda assim, não resolvias
da desonra e da virtude
o lacerante problema.

V

Em berço de ouro embalado,
este prodígio na dor
vira o céu da leda infância
esplendoroso de amor.
Tudo em redor lhe sorria
crença, fé, amor, poesia;
tudo quanto anseia a alma,
de ideal, que o gênio sonha,
na primavera risonha
da fantástica magia,
em que o amor, em flor, expande
perfumada simpatia.
Rico dos dons da fortuna,
belo e gentil como poucos,
em seus devaneios loucos,
sobejavam-lhe carícias.
Muitos anjos conspiravam
contra a sua isenção;
asas cândidas vojavam,
e, na face, lhe tocavam,
por tocar-lhe o coração,

Era-lhe benquisto o incenso;
mas no êxtase, suspenso,
em que vivia, não via
que nem sempre a poesia
é do amor a condição.
Lucinda, a filha ditosa
da beleza caprichosa,
com mais astúcia que amor,
enlevou-lhe a fantasia.
Com a falsa pedraria
de um mentido pundonor,
vestiu-se aos olhos da crença,
deu-se um garbo sedutor
de estudada indiferença,
de uma engenhosa reserva,
que, a não ser cansada a alma,
alma não há, que resista,
que não queira, escrava e serva,
dar-lhe a vida como palma
da tão suave conquista.
Conquistara. A mão dum jovem,
que, na vida, amanheceu,
foi daquele amor, sem alma,
o suspirado troféu.
Foi!... Que vale o trono de hoje
amanhã trono de dores?
Esconde espinhos pungentes
esse diadema de flores,
que cinge a fátua rainha
daquela alma, que tinha,
mais vasto espaço infinito
para infinitos amores.

Quando a voz da consciência,

mestra amarga da inocência,
diz ao mancebo cativo
que a bela quadra mudara...
Quando na sala, a lisonja
não lhe afaga o gênio altivo,
como há pouco porfiara
em disputar-lhe um carinho...
Quando o espírito cansado
de enlevar-se na beleza
da mulher, que quis ser presa
àquele poste dourado,
novas imagens sonhou...
surge a pálida tristeza,
irmã da triste suspeita.
Lucinda, bela e orgulhosa,
ao amor feroso afeita,
sente, em breve, extinto o lume
dessa paixão momentânea.
Queima-lhe a alma o ciúme;
não pode crer, que o enojo,
o regelado fastio,
tanta soberba de rojo
aos pés doutra vá lançar.

Altiva, irada, não sabe
o insano orgulho humilhar.
Diz que o crime incita o crime,
e, na vingança, há nobreza,
porque é nobreza vingar
uma afronta ao amor-próprio
com uma afronta à pureza,
que condena a mulher débil
à desigualdade imposta
pelo mundo, e não prescrita

pelas leis da natureza.
Disse e viu tremer, no punho
do consorte alucinado,
um punhal, que o braço ousado
dum irmão, no ar, sustém.
E ela, destemida, encara,
com desprezo, a ponta aguda
daquele ferro cobarde.
A sorrir, olhava muda,
como a pungente ironia,
o ódio fundo, que ardia
no furor, em que ela arde.
De improviso, o rancor vence...
Nos brancos lábios lhe freme
um cavernoso gemido.
Era de alma um grito ardido,
o orgulho retraído,
que respira pelos lábios
do impudor, da vingança...
O que ela disse... era a morte...
Era o sepulcro, que avança,
onde a vida principia
a recolher no seu nada,
as ilusões dum só dia.

.....
.....

Desde esse instante caíra
ulcerado um coração
no desamparo, no abismo
de incurável perdição.
“Sou escravo!” ele exclama;
e respondia o cinismo:
“És devasso!... escravo, não!”

Pois sim, devasso!
E a desonra
vestiu as galas manchadas
da torpeza, mas douradas
pela opulência faustosa.
A aspiração generosa
desce do céu, onde fora,
numa luz fascinadora,
do gênio a asa crestar.
Cai!... na queda, a flor esmaga
da derradeira afeição.
Não pode, ao menos,
salvar por si próprio uma afeição.
Dá-se em pábulo ao desprezo,
quer o insulto, e a honra afronta,
e, se entre ele e a mulher fraca,
um braço de homem encontra,
de sangue tinge o punhal.

Longe da terra natal,
donde o crime o expulsara,
em cada passo deixara
um vestígio desonroso.
Francas as portas do gozo,
em toda a parte, encontrou,
enquanto o oiro abundoso,
na concorrência do vício,
lhe dava a glória no crime,
que avarento disputou.
Mas a nuvem da miséria
toldou-lhe o astro sinistro,
que lhe fadava as vitórias.
O oiro, a arma das glórias,
que tão caras conquistou,

entre as mãos sentiu partida.
Profundo golpe na vida
de vermes já combalida
o desgraçado sentiu!
Travou-se luta cruenta:
dum lado, a infâmia sedenta,
doutro, a miséria infalível.
Mas a infâmia reagiu;
fê-la a desgraça invencível;
a consciência algemou:
novo abismo, em fundo abismo,
aos pés do ímpio cavou.

Nos algares penhascosos
do Ladário, onde o terror
gela o peito ao caminheiro,
vêm-se cruzeiros, que pedem
orações ao passageiro.
Nas gargantas da montanha,
há vestígios duma gruta,
e, em redor, a mata hirsuta
esconde a boca do abismo.
Dizem que, há anos, vivera,
naquele fosso profundo,
um açoite das vinganças,
que Deus sugere no mundo.
Dizem que, à hora do dia,
daquelas furnas surgia
sanguinário salteador
e, talando as cruzilhadas,
com as joldas amestradas,
saciava em ouro e sangue
seu frenético furor.
Dizem que o chefe nascera

de pais ilustres, honrados,
depositários dum nome,
nome grande entre os maiores,
no brasão de seus passados;
que tivera, em verdes anos,
um amor louco, perdido,
sentimento repellido
pelos preceitos humanos,
que dão morte ao coração,
no casamento vendido.
Dizem que, longe da pátria,
consumira imenso ouro,
e volvera à pátria, pobre,
rico de infâmia e desdouro.
Que perguntara se ainda
na terra um anjo vivia,
essa mulher que o perdera,
e, morta, mais o perdia...
Morta, sim!... que a pobre amara,
nos transe do desconforto
um escravo... escravo!... um morto
para o amor que ela sonhara
abençoado por Deus.
E, depois, balbuciara
uma pergunta, que as faces
de vergonha lhe incendia.
Fora a resposta cruenta!
Pranto dos olhos rebenta,
pranto de raiva se o há...
Desonrado! último golpe,
que a desventura lhe dá...
E essa mulher... vive e goza...
Sonha venturas... não sonha...
Não vê o gume dum ferro,
que vem na nódoa afrontosa,
tingir de sangue a vergonha!...

VI

Alta noite, a Lua esplêndida
no esmaltado azul flutua.
Por entre os choupos, a réstia
da melancólica Lua
prateia as águas do Tâmega,
rio, que fala em saudades,
no seu soturno gemer.
Por entre a copa dos cedros
além, se vê nas vidraças
de majestoso edifício
da Lua o brilho tremer.
Tremem as frondes da acácia
em ligeira vibração.
A brisa brinca no mirto,
no rosmaninho oloroso,
rola, de leve, no chão
a murcha folha do lírio,
sorve um beijo sonoro
na rosa esquiva em botão.
Meia noite. Alva roupagem
entre os lilases perpassa;
ao pé dela, a Lua é baça
como a luz do lampadário,
junto ao mármore alvacento
do pomposo cinerário.
Soltas nos ombros as tranças
entrelaçam-se nas franças
das acácias recedentes.
Murmura a fonte, na taça,
a palavra, que lhe passa
por entre os lábios frementes.
Arfam-lhe os seios, ditosa,
ao colher a mais formosa
entre as flores, branca rosa,
flor de amores inocentes.

Inocentes!.....
Olha, e perto
vê um vulto avizinhar-se.
Sente o sangue alvoroçar-se,
no delírio da alegria.
Um ai, que ao peito lhe foge,
era amor, era ventura;
mas, ao pé da sepultura,
são assim ais de agonia.
Corre ao muro, e cair deixa
alvo lenço, onde envolvida
vai a chave da avenida
que o seu amante conduz.
Corre, voa a encontrá-lo,
quer escondida nas tílias,
onde não penetra a luz,
surpreendê-lo, assustá-lo,
e, depois, acarinhá-lo,
com um beijo desses beijos
abrasados de desejos,
que a rosa branca, se é símbolo
da inocência... não diz.

Abriu-se a porta. Profundo
o silêncio então reinou.
Lucinda espreita o amante,
toda sorriso, arquejante,
por entre as tílias oculta.
Mas, se o amado a porta entrou,
um passo ainda não deu.
Que será?!... Estremeceu...
é já instinto de vida,
que pressente a morte ali!...
Lucinda à porta correu, e murmura:

Tu não sabes
que eu não gosto vir aqui?
“Não sabia” — respondeu... -
“E porquê?” — continuou.
Um grito de alma estalou...
E foi único...
‘Piedade!
“Sim... piedade... mas silêncio!”
Murmurou em cavo tom
o traído, que não quer
que se escute ao longe um som.
“Triste vaidade, mulher,
— lhe diz ele em voz sumida -
me será tirar-te a vida,
morta de mais para mim!...
Quero mais... nem por tão pouco
perturbar teus gozos vim...
Não sou núncio da desgraça:
venho fazer-te uma graça,
que deve ser-te um conforto.
Tens uni amante?... que importa?...
não é belo cair morta
nos braços do amante morto?
E, de joelhos, prostrada,
Lucinda a face rojou
pelas lajes, donde o esposo
em ar de acerba ternura,
ironia amarga e dura,
carinhoso a levantou.
“Frio amor sentes por ele!
Pois não é tão belo lance
dar-se as mãos no mesmo trance
quem as deu já na alegria?!
Devem ser deliciosas
as contorções de agonia,
quando se abraçam, na morte,

e vão, no mesmo transporte,
duas almas carinhosas
habitar, no céu, a estrela;
e, na estrela, continuam
uma existência mais bela,
que a deste mundo traidor,
onde as delícias flutuam
na incerteza, na dor!...”
Lucinda, trêmula, fria,
roxa, da cor do cadáver,
sufocada, reprimia,
em soluços, o terror.
Ele, em pé, braços cruzados,
com as pupilas de fogo,
nos olhos negros, orlados
do negro sangue da ira,
um momento as não retira
da face dela, que a asa
da torva morte gelou.
“Tarde chega a sua casa
o teu amante!... É desdém?
— a sorrir, ele lhe diz -
não é grato aos teus carinhos
quem se espera, e tarde vem!...
Tão depressa cansaria
de teus extremos, Lucinda?
Já te não vê, como via,
entre as lindas a mais linda?
Não respondes!... não respondas...
natural é que me escondas
o amor-próprio ofendido...
Mas... um amante perdido
dará praça a outro amante...
Não vale a pena a tristeza...
Deves muito à natureza...
Tens, no vasto coração,

lugar de sobra, onde nasçam
muitas crenças todas nobres,
como foram, e têm sido
as tuas crenças... não são?
Vamos... que importa o segredo?!
O teu amante não vem...
São quatro horas... é tarde...
Não nos deve ver alguém.
É um desejo inocente...
Tinha vontade de vê-lo,
podes seu nome dizê-lo?...
Balbucias!... tu juraste
guardar segredo.... é de fé;
mas, se é crime... eu te absolvo...
O teu amante quem é?
'O meu amante!?'
"Decerto."
'Amigo... amante... isso não!'
"Pois sim... amigo, que oculta,
nas trevas castas da noite,
os seus carinhos de irmão...
Seja amigo..."
'Amigo, sim...
Viu-me, só, neste abandono,
em que, por ti, fui deixada...
compadeceu-se de mim...'
"Generoso coração!
Vê o ingrato que eu era,
que trazia a gratidão
na ponta do meu punhal!"
'Matá-lo!?'
"Sim... E a quem?"
'A teu irmão!'
.....

VII

A aurora tinge o horizonte;
arraia os visos do monte
indecisa, frouxa luz.
Some a Lua a fronte lívida
no branco véu da manhã;
em redor tinge-se o disco
da rubra cor da romã.
Ligeira névoa se estende,
ao correr das mansas águas,
como um véu de tristes mágoas
em rosto, há pouco risonho.
Começa, ao longe, o murmúrio
do lavrador, que saúda
a luz da aurora que o chama,
nas fendas do seu tugúrio.
A natureza acordada
eleva um canto ao Senhor,
nas melancólicas notas
do solitário cantor
entre os salgueiros da margem.
Como é santo este silêncio
dum formoso amanhecer!
Tudo aqui nos diz que a infância
é como a aurora a nascer:
primeiro, a luz, sem ardores,
a luz do amor, sem paixões;
depois o sol, e os amores,
como o sol, abrasadores...
de sedentas comoções.

Ouvide, além na outra margem
o cantar da pastorinha,
que desce à várzea, sozinha,

sem receios... tão feliz!...
Vede-a... afaga os tenros filhos
da assustada codorniz,
que dá lições de ternura
naqueles sustos de mãe.
Invejai-lhe o seu destino
à pastorinha d'além,
que não sabe as agonias,
que vão na casa soberba,
que vê na margem de cá...
Sentada, sobre o restolho,
velando o inquieto novilho,
cinge na folha do milho
flores agrestes, que afaga.
Em que amor ela divaga
di-lo a inocência da flor,
do malmequer, que lhe ensina
segredos do seu amor.
E, de repente, ouve um grito...
Corre à margem... na torrente
vê um vulto a debater-se
em terrível paroxismo.
Segundo brado aflito...
um ai de extrema agonia...
inda ouviu... Depois, o abismo
um cadáver e um segredo
escondeu à luz do dia.

E diziam que, ao sol nado,
o senhor daquelas terras,
que, de mui longe, viera,
à sua porta batera,
e que aos servos perguntara
se sua esposa dormia;

e acordá-la não deixara
quando a aia ao quarto ia
tão fausta nova levar.
Mas a serva não podia,
em seu júbilo, calar,
a sua ama o segredo,
pois quando é grande a ventura
nunca a ventura vem cedo,
nem há esposa, se adora
o esposo ausente, como ela,
que não queira, a toda a hora,
quebrar um sono de sonhos,
pressentimentos tristonhos
do muito amor conjugal.
Foi... Por fora a chave encontra
da silenciosa alcova!
este acaso é coisa nova,
se não foi esquecimento...
Ergue o fecho... era fechada
aquela porta por fora...
Abre, e corre, alvoroçada,
os cortinados do leito...
Encontra o leito deserto!...
Do fidalgo ouvem-se ao perto,
os mansos passos, que dá.
Vai-lhe ao encontro a serva aflita
da surpresa, chora e grita:
'ai, senhor!... ali não está!...'
"Quem?!"
'A minha ama, senhor!'

E na face ao assassino
não se vê lívida mancha
do remorso acusador.

Nem uma gota de sangue,
nem um ligeiro sinal
daquele infame punhal,
que tem na ponta o segredo.
Nem já dos ecos se ouvia
aquele grito, estalado
nas convulsões da asfixia!

Trinta dias, encerrado
em seu quarto, em sua dor,
vivera o nobre senhor.
E no fim de trinta dias,
voltam as tristes vigias,
que procuravam Lucinda,
a nobre esposa, chorada
pelo esposo inconsolável.
Dizem que, além, nas montanhas,
da outra margem do rio,
uma pastora dissera
coisas horríveis, estranhas!
Que, há trinta dias, ouvira
um grito agudo, e que vira,
sem podê-la socorrer,
ao romper da madrugada
uma mulher afogada
estrebuchar, e morrer!
Há trinta dias... Foi ela!
Traja de luto o viúvo;
cobrem-se as armas de crepe;
vem a nobreza em redor
consolar o primo ilustre,
que verga ao peso da dor.
O sino dobra a finados,
dizem-se missas gerais.

Soam, no templo, responsos
em pomposos funerais.
E, entre os muitos, que elevam
as suas preces ao céu,
o consternado consorte,
que, dizem, fora um ateu,
em maus tempos, que lá vão,
ergue as mãos, vai num transporte
de fervente devoção,
seguindo o rolo do incenso,
que perfuma os pés do Imenso,
a quem pede a glória eterna
para a esposa estremecida!...

.....

Ao pé dele, inseparável
todos viram... seu irmão,
por quem mostrava o dorido
extremos de alta afeição.
Raro, em seus lábios, o riso
da amizade carinhosa
era do irmão... dele só!
E, só com ele, falava
daquela pomba formosa,
anjo de amor, que ansiava
encontrar... para pedir-lhe,
de erros passados, perdão.
Vinha dos lábios ouvir-lhe
aquela santa expressão.
Vinha, ali, restituir-lhe
os extremos de ternura,
vitimados à loucura
duma infância criminosa!

A viração deleitosa
brandamente balouçava
a ramagem do jardim.
No céu a Lua amorosa
naquela noite, era assim,
naquela noite horrorosa
em que, sereno, medita
o matador sem remorso.
Além, das águas no dorso,
como sobre argêntea fita,
fulgem cintilas de prata,
onde a imagem se retrata
de Lucinda a vasquejar.
Soa, no tanque, um somido
que traz à mente o gemido
que a moribunda gera.
Mais ao longe, o mocho pia,
como grita, em agonia,
quem, de surpresa, é varado
pelo punhal dum traidor.
E o assassino, enleado
em cogitações de dor,
parece estar-se lembrando
delícias de extinto amor,
naqueles ermos gozado.

“Como é bela a natureza,
que saudade a noite faz!...
Quem pudera, neste instante,
sentir os gozos da paz!
Quem pudera àquele anjo,
que Deus da terra levou,

neste momento dizer-lhe
 as saudades, que deixou!
 É tão triste a viuvez,
 quando chora o coração!...
 Sinais de mártir não vês
 em meu rosto, caro irmão?”
 ‘Vejo, sim... Ai!... era um anjo,
 que Deus mandara, e voou
 rápido voo na terra,
 e, tão depressa, voltou
 para os anjos seus irmãos!
 Na terra as ânsias celestes
 são desejos sempre vãos...
 Os martírios, que lhe destes,
 na mocidade, infiltraram
 gotas de morte no peito,
 que a morte lenta lavraram...
 Foi-lhe este mundo um deserto...’
 “E eu fui perverso... decerto!...
 Troquei afagos de esposa
 por paixões... que esconde a lousa
 para sempre... ainda bem!
 Fui perjuro à fé jurada,
 e neguei, com vil desdém,
 essa dívida sagrada,
 nos altares contraída.
 E ela, a pobre, espavorida,
 num momento de terror,
 não sei que disse... um desaire
 ao seu casto pundonor...
 Não te lembras, meu irmão?”
 ‘Lembro, sim... Ela dizia
 que...’
 “O crime incita o crime,
 e na vingança há nobreza,
 porque é nobreza vingar

uma afronta ao amor-próprio,
com uma afronta à pureza
que condena a mulher débil
à desigualdade, imposta
pelo mundo, e não prescrita
pelas leis da natureza -
Não te lembras, meu irmão?”
‘Foi assim; e tu...’
“Convulso
duma cega indignação.
contra ela ergui um ferro.”
‘E eu sustive a tua mão..’
“Assim foi... mas diz-me, amigo...
Infame injúria eu fazia
àquela nobre mulher
em sonhar no pensamento
uma suspeita sequer!...”
‘Infame injúria fazias!...
chorava as noites e os dias!...
Nunca mais seus lábios riram,
nem seus tristes olhos viram
deste mundo as alegrias.’
“Infeliz!...”
‘A cada instante
o teu nome repetia...
Sempre só, vagava, errante,
nessa tristeza incessante,
que conduz à sepultura.’
“Pobre amiga!”
‘E sempre pura,
como pode a honra ser,
não sonhou, sequer, um crime,
nem o mundo ousou manchá-la
desse ferrete, que imprime...
desonra eterna...’
“Ai! cala,

meu irmão... basta, que é muito
para mim que sofro tanto!...
Se tu visses como estala
aqui dentro a minha dor!...
Eu tenho um crime... e não posso
ocultar-to... não!... O horror
deste mistério é mortal!...
Queres ouvi-lo?..."

'Sim...'

"Ouve...
Compadece-te de mim...
Sofro um castigo infernal...
Olha, irmão... vê este sangue?...
A ponta deste punhal...
no coração lha cravei!..."

'Tu!...'

"Sim!... maldito dos homens...
Fui eu... fui eu que a matei!"

'Horror!'

"Aerras-te, irmão?!...
Tens alma nobre... não podes
tal infâmia conceber.."

'Maldito!'

"Maldito, sim...
Eu não te disse que o inferno
ardia dentro de mim?!
Mas esta infâmia é segredo...
há de o ser... segredo eterno!...
e tu não podes guardá-lo!...
é forçoso sepultá-lo
num abismo... e esse abismo
hei-de, com ferro rasgá-lo
no teu nobre coração..."

Desceu, três vezes, o ferro.
Um grito rouco ressoa...
Roja um cadáver no chão.

VIII

Viu-se, nas margens do Tâmega,
entre gratas alamedas,
línguas de rogo cingirem
um vasto e nobre edifício.
Ao clarão das lavaredas,
que o fumo em rolos enturba,
vulto sinistro se viu,
rindo dos gritos da turba.
Em brasa as traves crepitam,
ao redor as chusmas gritam,
mas, em socorro... ninguém!
O senhor daquele prédio
quis gozar do fogo o assédio,
que apagar não ousa alguém.
Aquele vulto, que passa,
tem nas mãos ensanguentadas
um punhal, com que ameaça
as multidões aterradas!
Quem há aí, que tente a morte
contra um homem grande, e forte
do poder de Satanás?!

“Maldito!” o povo clamava,
quando a última centelha
dentre as cinzas faiscava.
“Maldito!” a turba rugia,
quando, ao longe, o campanário,
com seu dobre funerário,
um cadáver anuncia.
“Maldito!” que esse cadáver,
de punhaladas cortado,
fora na cinza encontrado
daquele incêndio!... “Maldito!”

soava um pávido grito
contra o bárbaro precito,
que matara o seu irmão!
Fratricida, entrega às cinzas
o segredo da traição!...
e, Caim, não vê que o sangue
lhe borrija a ímpia mão!

Foi este homem, que eu vira,
sobre as penhas escalvadas,
quando o látigo cortante
das indômitas rajadas
lhe sacudia os cabelos,
e lhe dava aos olhos, belos
daquele brilho sinistro
das paixões alucinadas,
terrível fascinação!
este o homem, que pede,
nos andrajos da pobreza
escassa esmola de pão;
e me diz: “Eis que um mendigo,
o teu futuro prediz!
Vai! que a dor irá contigo!
Olha... a sombra da desgraça
caminha a par co infeliz!”

De tal homem, insondável
como o segredo de Deus,
como o segredo do inferno,
que disputa o império ao céu,
de tal homem, que escarnece
as palavras do conforto,

para a fé extinto, morto,
para o amor sarcasmo atroz...
foi deste homem, que eu, na infância,
despertada à sua voz,
recolhi no coração
lições amargas da vida.
A mais viçosa ilusão
da Primavera florida,
aquele amor, todo flores,
o mais santo dos amores,
o primeiro... injuriou-mo!
Do escalpelo da ciência,
que lhe dera a experiência,
Senti profundos os traços
golpearam-me as entranhas.
Ouvi palavras estranhas,
que, nunca, em lábios devassos,
ousou dizer-me o cinismo;
desci, com ele, ao abismo
do que há aí mais nauseabundo
no prostíbulo imundo
das paixões degeneradas,
sem crestar as flores de alma
no fogoso entusiasmo
do despejo e da orgia...
A minha cândida palma,
da descuidada inocência
casto dom de áurea poesia,
aos pés dum ímpio caía,
como troféu conquistado
pelo crime impenitente!
Eram máximas, que ouvia
nas lições do desgraçado;
mas que máximas!... que infâmia
gravá-las mão pervertida,
em coração de inocente,

mal entra as portas da vida!

E gravou-as! Leio-as sempre,
quando o espírito ansiado,
almeja luz de esperança.
no denegrido horizonte
da vida escura, que vivo.
Se me impele a confiança,
e me diz que a morte afronte,
de vivas crenças altivo,
ouço-as sempre... que eu não posso
esquecê-las, arrancá-las
da consciência, onde estão.
Um homem pôde gravá-las,
e não pode a aspiração,
nem o desejo sedento,
nem a vaidade... nem essa...
esquecê-las, um momento!

“Não creias. É mau o homem,
é mentira a consciência,
é fantasma a providência,
verdadeira é só a dor.
Não creias. O céu é sonho
de vaidosa fantasia;
o inferno é mercancia
dos que te vendem o céu.
Não creias. A alma, que existe,
são os sentidos, que sentem:
depois, os vermes desmentem
essa quimera imortal.
Não creias. A sepultura

é do berço o complemento:
a vida vem num momento,
noutro momento se esvai.
Não creias. Honra e desonra
é um jogo atraído,
em que perde o mais honrado,
e, dizem, lucra no céu!...
Não creias. O amor singelo
ideal, casto, infantil,
é pieguice pueril,
sensual hipocrisia.
Não creias. Se o pranto vires
em mulher, que o pranto ostenta,
é a astúcia, que fermenta
a cavilosa traição.
Não creias. A virgindade,
em coração de mulher,
não chega nunca a nascer:
nasce e morre em embrião.
Não creias. Dizem que existe
santa amizade! É mentira!
quando a desgraça te fira,
abandonado serás.
Não creias. Quando o infortúnio
à tua porta bater,
manda-o calar, e morrer,
cospe-lhe insultos na dor.
Crê na matéria, na infâmia,
dom dos homens: nada mais!
joga com armas iguais,
paga afronta com afronta.
Pisa aos pés a caridade,
insulta os homens, e Deus;
afronta as iras dos céus,
zomba da vil sociedade.”

Dor! amargo patrimônio
de infelizes, que se extremam
da turba alvar, que sorri!...
esses lábios, que blasfemam,
quando os corrompe a desgraça,
beberam tragos violentos
de venenosos tormentos,
que lhe deste em negra taça!
Como teu poder é forte,
dor! que império tens no homem!
que veneno corrosivo
tu lhe filtras!... dás-lhe a morte
ao sentimento nativo
da consciência do mal!
Águia ferida em suas penas,
das regiões puras, serenas,
caiu, perdeu-se, abismou-se
neste sujo tremedal,
em que o despejo, revolto,
insulta homens, e Deus...
donde o sarcasmo vai, solto
das algemas da piedade,
poluir a virgindade
das almas puras, que podem
sonhar delícias nos céus!

IX

Como é que o homem se espanta
de se ver, cedo, cansado
quando mal começa a vida?
Hoje, pode a aurora, apenas,
na infância de alma nascida,
antes do sol das paixões,
queimar-lhe o seio... e das cinzas,

de congelados vulcões
nem um clarão reverbera.
O vulgo chama quimera
essas noites infinitas,
em que o talento lacera,
uma a uma, as ilusões.
Não crê, não pode elevar-se
à dor, que toca o sublime,
e, no gênio, um cunho imprime
de descrença e desconforto.

Pergunta o mundo ao poeta:
— como, tão cedo, está morto
quem, há pouco, amanheceu? -
E pergunta o poeta ao mundo:
— como pode o humilde tojo,
que nasce e vive de rojo,
ver o raio que fendeu
o cimo de alto cipreste? -

De amargoso sacerdócio
o talento Deus investe.
Da desgraça o gênio é sócio,
desta desgraça, que enturba,
como a nuvem da ciência,
a luz dum mundo que a turba
não aspira, nem deseja.
O pensamento, que sobe
da baixeza, onde rasteja
o trivial, o comum,
não tem, na terra, repouso,
queima-o a sede do gozo,

não satisfaz gozo algum.
Gasta-se o homem, que pensa;
o pensamento devora-o;
o prisma, caro à inocência,
vem a ciência, e descora-o...
Agra ciência da vida,
que adivinha a inteligência
concentrada, resumida
em se ler no coração,
onde a luz vem, refletida
mostrar-lhe o mundo, ao clarão
dos incêndios, em que
morre para os outros, na velhice,
de asco e enfado, a ilusão!

Não é no mundo, na luta
das paixões escandecidas,
que se vão esmaecidas,
donosas crenças ao nada.
Não é no mundo, é no ermo,
no pensamento insulado,
neste trabalho contínuo
dum espírito abrasado
em meditar no que é.
O livro, espelho da vida,
desmente as crenças e a fé.
O homem, de alma esvaída,
sem pudor para calar
os desenganos, que teve,
sente orgulho em desvendar
os segredos, que a desgraça,
filha do crime, devassa
nas trevas do coração.
E o talento sente as dores,

adivinha os dissabores
que na alma não sentiu.
Tem, na mesa do infortúnio,
um quinhão de dor, distinto,
dele só; e sem prová-lo,
sente o agro do absinto
desse cálice de agonia,
que, de sobre o pensamento,
o seu anjo não desvia.

O amor, eterno móvel
das ambições generosas,
sintoma eterno de vida,
tela, nunca denegrada
por torpes nódoas... o amor!
Esse, que é filho do instinto
nobre e bom de coração,
como o sentira na infância,
como, aqui, no ermo, o sinto,
e senti-lo-ei na ânsia
da final aspiração...
Esse não sofre, não perde
o condão do seu destino...
Ao nascer, nasceu divino,
morrerá manchado? não!
E sabeis qual ele seja
este amor, que vive em si,
que, no céu, tanto deseja,
e descrê de tudo aqui?
Sabeis que lágrimas custa
este amor indefinido
abrasado, e consumido
em procurar a verdade,
a verdade eterna e augusta,

que se esconde à humanidade
em pavoroso mistério?
Este amor, que anseia amor,
na mudez do cemitério,
é o amor, que vós sentis?
Este amor, que esposa a dor,
não é privilégio amargo
de quem é muito infeliz?

O amor, nos belos dias,
da mocidade inexperta
alto vai nas fantasias;
raro, desce ao frio estudo
da mulher anjo, encoberta,
como um sacrossanto mito.
Nobre ardor impele a alma
ao transporte, ao infinito.
Vê-se, na terra, uma imagem,
é profunda a adoração;
presta-lhe a alma homenagem
de entusiasta afeição;
mas no Céu; que, neste espaço,
curto e estreito, de ar impuro,
não respira o coração.
Luminoso fulge um traço,
onde corre o pensamento;
a cintila da poesia,
desferida pelo amor,
irradia um fogo etéreo
aos gelos desta existência,
positiva, sem mistério,
turva, e rude, e descarnada,
sem alento, amortalhada
nos ouropéis da ciência.

Mancebo, ninguém te diga,
nessa florida estação,
que vem perto o Inverno
triste arrefecer tanto fogo,
que, depressa, consumiste
num sonho de coração...
Num sonho, sim, que tão rápido
e ser no amor inocente,
que nem delícias, nem dores
desses primeiros amores,
raro, a memória as consente.
E eu recordo-as todas, sinto-as,
porque a saudade, e só essa,
tem sido o doce maná
no meu deserto da vida.
Embora a alma arrefeça,
a minha vida foi lá;
vivo, acordado, dos sonhos
vejo as imagens, que vi...
Umhas pálidas, sombrias
mortas dentro de alma, e frias
como eu sinto a alma aqui.
Outras, mal pôde a memória
tributar-lhes vassalagem
duma delida lembrança...
Esquecê-las foi coragem...
Calco aos pés a ignóbil glória...
nem eu tenho outra vingança.
Outras... vejo-as, ondulantes
sombras lívidas, errantes,
como nuvens alvejantes,
que, no espaço, o norte espalha.
Ei-las vão... além... passando,

envolvidas na mortalha,
e nas auras suspirando,
como a saudade suspira.
Tenho a saudade e esta lira,
minha querida pobreza,
minhas jóias, meu tesouro
não disputada riqueza,
neste meu século de ouro
e de lama! E só com ela,
há tantos anos, caminho
sobre um chão onde renasce
dum espinho um novo espinho.
E, muitas vezes, cansado,
nesta fadiga incessante,
em busca doutro destino,
tenho abastardado o hino,
nobre impulso de minh'alma,
aviltando a inspiração;
tenho aos pés calcado a palma,
e arrojado a lira ao chão.
Mas vendê-la a grandes, nunca!
Se manchada a vejo aqui,
é de a ter roçado em manchas,
que insultei, com frenesi.
Ao que vive circunscrito
em si próprio, e a luz da alma
bebe a haustos, do infinito,
que lhe importa o tremedal
em que, revoltos, disputam,
e, matéria vil, relutam
os que têm direito à herança
dum diadema sensual?
Aviltados dons, perdidos,
momentos nobres, de dor,
quanto dera eu da existência,
se eu vos visse esquecidos!

Dons do amor, prostituídos,
em fantásticas paixões,
sem nobreza, nem renúncia
de rasteiras sensações...
Poesia, a que vexames,
e cruéis humilhações,
sem pudor, eu te aviltei!
Quantas lágrimas infames
eu te fiz chorar, mentidas
calculadas, pervertidas,
vergonha doutras sentidas,
que, uma só vez, eu chorei!

Por esse mundo, dispersos,
eu lancei baratos versos...
versos só... poesia... não.
Meditai-os! Não têm alma,
nem amor, nem consciência;
são momentos de existência,
sem vigor do coração.
Não são meus, nem podem sê-lo,
nem orgulho deve tê-lo
que, vaidosa, aí presume
que era seu esse perfume,
essa baixa idolatria.
Foram lâmpadas extintas,
ao findar dum curto dia...
eram quadros cujas tintas
sobre a tela não são já.
A soberba envergonhou-se,
a razão emancipou-se,
e descorou-as de lá.
Celeste dom da poesia,
jóia sem preço, calcada

aos pés da turba, que insulta
as desventuras do gênio;
pomba mística, oculta
no santuário do amor;
filha do céu, que na terra,
vens ungir o sofrimento
e fazer sagrada a dor,
vituperada por homens,
algozes do pensamento;
bálsamo santo, alegria,
que deixa tanta agonia
desafogar-se em cantares,
às luzes do firmamento,
e ao hino eterno dos mares;
amor de infelizes, poesia,
tu me bastas, santo alento,
quando o limite do mundo
na estreiteza me angustia.
Ave linda, vens pousar-te,
descida lá do teu céu,
entre a folhagem das selvas;
e no regaço me lanças
uma folhinha das relvas
dos jardins do doce Alceu.

X

Luísa, flor dentre as fragas,
donairosa camponesa,
toda graças e pureza,
lindo esmalte das campinas,
colhes no prado as boninas
brincas à tarde, na espalda,
onde verdeja a alameda
da viva cor da esmeralda?
Brincas, Luísa, afagando,
o que mais amas no bando,

o teu alvo cordeirinho?
Vais ainda àquela fonte,
espelho aonde te vias,
onde me viste sozinho,
e de falar-me tremias?
Vens daí ver esconder-se
no purpurino horizonte
o sol dos teus devaneios?
Cantas a trova singela,
namoro da filomela
dos requebrados gorjeios?
Colhes as pedras brilhantes,
como penas rutilantes,
que te seduzem, no leito
do regato cristalino?
Sentes a crença no peito
palpitar de devoção,
quando, ao longe, ouves o sino
do aldeão presbitério
pedir-te a doce oração,
que, desde o berço, tu oras,
quando o sagrado mistério,
nas tão poéticas horas,
do entardecer te enleva?
Quando, à noite, o gado metes,
farto e ledado, em seu redil,
vais no coro das donzelas,
onde as não viste mais belas,
descantar cadenciosos
carmes de alma tão saudosos,
dum sabor tão infantil!...
E eu que muito a amei!...
À tarde
quando o Sol no ocidente
de escarlata as selvas tinge,
com o brilho refulgente

de floresta incendiada,
fui sentar-me, pensativo,
sobre a crista dos rochedos,
decifrando em minha alma
indecifráveis segredos.
Além, nas várzeas do vale,
tinha quanto o coração
sonha de belo, e imortal,
na sua ardente ambição.
Nem mais formosa que ela,
nem mais pura o mundo a tinha!...
Quisera vê-la, e não vê-la...
Antes fugir-lhe!... ofendê-la...
Mais valera não ser minha!

Por essas horas, que falam,
quando o coração é mudo,
quando as palavras se calam,
porque o silêncio diz tudo,
procurei nos olhos dela
ver a luz daquela estrela
onde os olhos dela eu via;
e, ao senti-la entre a ramagem,
esfriava-me a coragem,
e o pejo me estremecia.

Em tua face corada
pelas rosas do pudor,
não sabia eu ler segredos
que de balde esconde o amor.
Vim, depois saber no mundo,
onde o talento fecundo

tudo sabe, e nada oculta,
que a surpresa, quando tinge
de purpúrea cor a face,
é o amor, que não se finge,
é um místico enlace
de duas almas, que a flama
do mesmo facho abrasou.

Vês, Luísa, o mundo chama
ao teu corar e tremer
um nome simples, bem simples,
que não soubemos dizer.
E porquê? eu nunca pude
conseguir dissessem lábios,
quando a singeleza é rude,
esta palavra, que os sábios
do coração nos ensinam!
Simples palavra... e mal pensas
a que missão a destinam
e que paixões ela diz!...
Há um amor todo amarguras,
preço de crimes, e ofensas,
qual o dão instintos vis;
mente em suas alegrias
cala as surdas agonias,
a taça dos seus prazeres
tem venenos infernais.
Este amor não era o nosso;
nunca empeçonhei o gozo
dos teus risos festivos.
Eu velava o teu repouso,
como estremecido irmão,
na virgem fronte dum anjo,
vela a grinalda inocente

do virginal coração.
Aquele amor fulminante
que abrasa a flor que toca,
e da consciência sufoca
gemidos de ingente dor;
aquele indômito amor,
que se apraz na impudência
dum torpíssimo egoísmo!
Ai! Luísa, eu hoje posso
pela voz da consciência,
dizer-te, do meu abismo,
que este amor não era o nosso.

Olha, o mundo não sabia
como a nossa vida era...
O velho torpe riria,
se, tão novo, eu lhe dissera,
que, nos meus sonhos, te via!
eu era só, e não tinha
entre aqueles fragedos
senão tu, que os meus segredos
no silêncio adivinhasse.
Ninguém viu a minha alma...
Tanto amor, tanta poesia,
eu pensei que, se a dizia,
lhe abastardava o perfume.
Era egoísmo? ai! não... ciúme?...
Também não... nem hoje sei
como escalda o vivo lume
desse inferno... e creio, e juro
que me, lá, não queimarei...
Mas o teu nome adorado,
que eu não disse, nem diria,
o meu sacrário de afetos,

que não fora profanado,
e eu pensei nunca seria...
o nosso amor, tanto a medo,
escondido num segredo,
todo o mundo o conhecia.
Desceu do céu, despenhou-se
para vir na sociedade
receber a torpe marca
duma impostora piedade!
Lamentavam-te... previam
que as flores murchas caíam
do teu diadema!... Devassos!
Eu não sabia que o amor
murcha as rosas do pudor,
nem pudera inda sentir
que o diadema da candura
da fronte pode cair!
Que enlevos puros mataram
os moralistas zelosos
daquele amor inocente!
Que puro sonho acordaram
com seus gritos “virtuosos”
dum preconceito impudente!
Que a sociedade, atalaia
de incautas virgens, proclama
quando a virgem sente, e ama,
com descuidada efusão,
que do amor a flor desmaia
nos seios do coração,
e que é desonra a pureza,
e blasfêmia a devoção.

Amor, do céu refletido,
pura cintila da flama

que diviniza a paixão,
oh! angélica virtude,
como te arrastam na lama!...
Vê, que máscara hedionda
os hipócritas te dão!...
Despem-te as cândidas galas
que, no berço, a fé te deu!
Nua das jóias, que o gênio,
emprestadas, pede ao céu,
mostram-te esquelética, sórdida,
vagas, espectro do susto,
gemes, golpeada nas carnes
sobre o leito de Procusto,
onde o hipócrita demarca
o tamanho à honradez!...

A candura de teus lábios
manchou-ta um beijo?... talvez!...
na tua coroa de virgem
nenhumas flores já vês?
Olha... pede à sociedade,
que te abriu os olhos de alma
à nudez da realidade,
que tos feche ela, outra vez...

XI

E eu vi que o mundo era triste!
vi um cortejo humilhado,
inaugurar o reinado
do dinheiro e da torpeza.
Vi a púrpura do crime
nos faustos da realeza;
vi a nobre dor, que oprime
quem quis ser leal à honra,

enxovalhada de insultos,
que se ostentam, sempre inultos,
sob a máscara dourada.

Em leilão apregoada,
vi que a mulher se vendia,
não de rojo e maniatada,
mas, voluntária, sofria,
enquanto ao luxo sorria,
cativa no coração.
Quis sondar-lhe a alma, e pude
sobre o peito pôr-lhe a mão;
achei-a fria, sem pena
da aviltante condição,
do rebaixado desdouro
a que, na alma, a condena
mais um vil punhado de ouro.
Conheci homens altivos
de soberba independência,
encararem, revoltados,
os opulentos, manchados
do pranto da indignância.
E, depois, vi-os passarem,
na carruagem pomposa,
e de lama salpicarem,
com visagem desdenhosa,
a indignância importuna..
Vi roçar-se o vil talento
pela estúpida grandeza
dos heróis improvisados.
Em degradante proscênio,
vi poetas, laureados,
pelas migalhas da mesa,
assoldadarem o gênio

a miseráveis lentilhas.

Vi a luz de que tu brilhas,
fulgurante divindade,
refulgir, espavorida,
da ciência, pervertida
ao sabor da sociedade.
Vi apóstolos da luz,
que da base demoliam
o vulto inútil da cruz.
E em redor da cruz gemiam
muitas crenças virtuosas,
que a penúria perverteu.
Umas... o ouro cegou-as...
outras, a campa fechou-as;
e são estas da virtude,
moribunda, quase extinta,
o derradeiro troféu.
Vi as ânforas, fecundas
de inesgotável poesia,
jorrarem ondas de metro,
meigo de estilo e harmonia.
Nunca, tão alto, subira
a musa grega, na lira
das canções apaixonadas.
Oh, que almas tão cativas!
que paixões, que ânsias vivas
dos aéreos sonhadores!
Foi-se Deus, mas veio a crença
na mulher de áureas madeixas;
Portugal fez-se Provença
de arroubados trovadores.

Irrisão! Todo esse afago
de entusiasmo forçado,
esse exaltar-se do engenho
pela arte eletrizado,
em cadências numerosas,
eram modos de poesia,
gentilezas primorosas
dos artistas da harmonia.
Quando Byron domina
uma escola, a do “cansaço”
todo bardo a lira afina,
pelo tom do desalento;
todos têm de fogo um traço,
no espírito, sedento
de vida, escassa no espaço,
de paixões, que n’alma grande
são incansável tormento.

Soa um canto harmonioso,
rico de afetos divinos.
Quem o canta? É Lamartine.
Já não há quem não afine
naquela corda os seus hinos.
Sai das trevas o poeta,
crê, adora, vive, sente,
consulta, à noite, as estrelas,
chora em estilo de profeta,
canta em êxtase fervente,
inveja a sorte do Tasso,
quer a dor de Bernardim!
há pouco ainda o cansaço
lhe dá tudo escuro e feio...
felizmente, a crença veio

envolver tudo em cetim!

Carecia de alma a lira,
que tantas crenças fingia.
Era a formosa mentira
esmerando-se em branduras
de harmoniosa magia.
Nem a mulher respirava
no coração o perfume,
que o sacerdote do culto,
o cantor, desperdiçava
em cada altar, onde oculto
um novo anjo sonhava!...
Que o seu amor era imenso,
infinito e bem podia,
por cada anjo, que via,
repartir um grão de incenso,
e um diadema... de poesia!

Era na vida, sem sonhos,
nesta existência real,
que eu procurava o poeta,
em seu amor imortal.
Não o vi... Minto... encontrei-o
no vigor da vida e fé,
cheio de esperanças, sentindo
quanto o amor, na infância, é;
aspirando, em cada nota
do silencioso canto,
o aroma puro e santo
de remontada afeição;
segredando o sentimento,

que na alma não cabia,
à mudez da solidão,
onde o silêncio é poesia,
que adormece o sofrimento;
onde a mágoa, contraída
pela mão do desalento,
sente que é maior que a vida,
e suprema sobre a dor.
A ti, prodígio de amor,
jóia de extrema amizade,
um gemido, que a saudade
irá comigo gemendo
pelas veredas escuras
desta existência, sem ti!

Amavas!... Eras exemplo
de proibidade no amor.
Viste, neste mundo, um templo
de sincera adoração,
sem misticismo impostor.
Amavas, com que ternura,
com que virtude severa!
Renunciaste os prazeres,
que o mundo fácil te dera!...
Com que nobre sacrifício
amparavas um arcanjo,
na sua extrema agonia,
quando na terra despia,
o invólucro mortal,
a crisálida dum anjo!
A chorar, tu me disseste
que o amor, ao pé do túmulo,
era sagrado, sublime.
Era!... e a dor, que sustive

calada no coração,
sem o remorso dum crime...
essa dor é preito à honra,
é majestosa ovação,
que, pelo instinto, concebo;
é solene desmentido
no labéu torpe, cuspidor,
na face da geração,
em que nasceras, mancebo!

.....

Aquela gentil criatura
chorava, não pela vida,
mas por ti, na despedida,
tanto ao pé da sepultura.
E tu, febril, inspirado
por não sei que impulso aéreo,
rasgas o seio ao mistério,
falas do transe da morte,
dizes que a morte é mentira,
para a alma, que, em transporte,
a novos mundos aspira.
E ela ouvira-te, suspensa
de teus lábios, e, improvisa,
lhe subira o sangue às faces.
Nos roxos lábios um riso,
instantâneo, lhe fulgura,
riso de fé e esperança,
de conforto, e confiança
na tua fé, que não pode
restringir a sepultura.

Fria mão, quase cadáver,
em tua mão tu sentiste...
Duas lágrimas lhe viste,
as derradeiras, descer...
e nos lábios incendidos
viste-as brilhar, e morrer.
Entre soluços quiseste
dar-lhe um adeus... não pudeste!
Ela... sim!... no paroxismo,
sorrindo à beira do abismo,
não foi mulher na coragem!
eram dum anjo a mensagem
destas palavras, que ouviste:
“Amei-te muito... bem viste
que fui tua, enquanto pude
chamar à vida, que tinha...
tanta no meu coração...
chamar-lhe tua... não minha...
E tanta vida... acabou!...
Hoje... não posso... já não
ousa dizer que sou tua...
da sepultura é que sou!
Meu esposo n’alma, e irmão...
hás de ouvir-me... Na agonia
da mulher, que muito amou,
sem um vestígio de crime,
quem nos diz se Deus imprime
um cunho de profecia?!
Olha... o mundo é muito estreito
para a vida, que transborda
os limites de teu peito...
Não podes viver aqui...
Querem-te os anjos... não posso
pensar que o “sempre” da morte
quer dizer que te perdi...
Não! tu vens... breve, buscar-me

no céu, na estrela, que vimos,
quando a Deus, ambos, pedimos
outra existência... mas nunca
outro amor!... Vens esposar-me,
no espaço imenso, abraçar-me
num devaneio imortal...
Não vás à campa chamar-me...
não vás... que aí nada existe...
Esse silêncio é fatal...
Gera na alma o terror
ímpia descrença... talvez!...
Qual me viste, e qual me vês
foi um sonho... um fundo abismo
onde cai murcha uma palma...
Sabes a vida do amor?
Vai ser a minha, sem dor,
vida infinita da alma...
.....
Derradeiro beijo, amigo!...
Adeus... é tarde... escurece
o meu belo e curto dia...
Vem depressa, vem comigo,
dou-te metade dos louros
do meu sonhado troféu...
Serás, esposo... o primeiro
entre os arcanjos do céu...
Dá-me outro beijo..."
E morreu.

XII

O ateu, Senhor, não olha,
cego de orgulho, não vê,
em tantos lances da vida,
o vosso dedo, que os traça.
Da "razão" escravo, crê
na ventura, e na desgraça.

Reina o acaso, ou fatalismo,
vãs palavras, galardão,
com que se brinda a piedade
e laureia a corrupção.
Surge a escola, o aforismo,
que reputa inútil Deus:
É mentira o bem, e o mal,
nada é vil, nada é sublime;
não tem cadafalso o crime,
nem a virtude troféus!

E eu, Senhor, sinto-me grande
quando, na terra, pequeno,
até, na dor abatido,
vejo que o homem se move,
involuntário, impelido,
por misterioso aceno
duma suprema vontade.
Nunca tive um claro dia
de fugaz felicidade,
desde que peço à poesia
ilusões para viver!
E que flagelo seria
ser desgraçado, e não crer
na Providência que ordena
seja galardão da pena
este condão de enlevar-me,
forte da própria agonia,
nas visões, que pode dar-me
o vigor da fantasia!
E eu, Senhor, vejo o mistério,
nos longos dramas do pranto.
O terror, que infunde o espanto
na maquinal multidão,

o impotente orgulho humilha
desta vaidade, que é filha
da presumida razão.
Nos golpes grandes, que vemos
retalhar a humanidade;
nesses açoites extremos,
que deixam sangue a escorrer,
e que a soberba do homem
encara sempre a gemer...
nessas tormentas, sem porto,
nessas trevas, sem fanal,
quando o alento afrouxa, morto;
sem ver ao longe um indício
que lhe diga: “és imortal!...”
descrer de Deus, do conforto,
fora um tremendo suplício,
luta de morte infernal!

Senhor! eu vi nas orlas do ocidente
um negro disco, triste véu de luta
dilatar-se, esconder o Sol nas dobras.
E no dorso do mar, sereno há pouco,
perpassa o furacão; e o mar cavado
geme, soturno, como geme em ferros
o leão faminto que fareja o sangue.
Relâmpagos eu vi de luz sinistra
lampejarem nas trevas, azulando
as escarpas das ribas fragorosas.
E eu vi, Senhor, ao longe, entre coriscos,
um vulto escuro a balouçar nas vagas,
romper abismos, ressurgir ao cume
da procela, que roça o bojo às nuvens.
E a terra o vulto vem, fugindo à morte,
e a morte, em derredor, vem-lhe mostrando

as fauces do sepulcro, e as agonias,
que gelam de terror o sangue, e a alma!
Mais perto, eu vi; Senhor, um tubo negro
ruir, vergado ao vórtice, que ruga,
nas fendas do baixel, que se retorce,
nos braços da tormenta, em luta insana.
Em terra, ouvi um grito... eram mil gritos,
erguidos para vós, Senhor, no afogo
da dor, do desespero, inferno incrível
em tantas almas, que não têm só uma,
que seja, Deus do Céu, por vós ouvida!
Do mar percutem sons de aflitos brados;
ouvem-se os nomes dos que em terra pedem
um milagre, um perdão, se aquela morte,
a morte do afogado expia crimes!
“Mãe! socorro, ó mãe!” dizem as vozes
que vêm das ondas no bramir do vento;
“filho, querido filho!” a mãe responde,
sacudindo nas mãos inútil facho,
que mor terror incute aos naufragados.
E a morte, em derredor, mostra-lhe as fauces
do cavado sepulcro, e as agonias,
que gelam de terror o sangue e a alma!
Por quem chamavas tu, na tua angústia,
amigo, anjo no amor, anjo na morte?!
Por quem chamavas tu, filho extremoso
de estremecida mãe, de pai, que as rugas
da velhice precoce o pranto abraça?!
Por quem chamavas tu? Dizem que um nome
em teu lábios vibrou, roxos da morte,
um nome... era o de Deus, que fora sempre
o teu fanal na dor, fanal extinto
no lance atormentado em que o procuras!
E a morte, em derredor, mostra-lhe as fauces
do cavado sepulcro, e as agonias,
que gelam de terror o sangue e a alma.

E eu, Senhor, que ouvira o grito
daquela imensa aflição
buscar no amor infinito,
piedade, implorada em vão,
não quis negar-vos, Senhor!
Nem pude ver na tormenta
do irado mar, que rebenta,
tocado por vossa mão,
um capricho sanguinário
do vosso braço arbitrário,
que se apraz cavar nas ondas
a procela, a morte, o abismo...
Senhor, não pude negar-vos,
porque eu vi no paroxismo
dessa angústia de cem vidas
a inocência, a candura
pedir na mesma tortura,
o vosso amparo, Senhor!
Vi dois anjos abraçados
à margem da sepultura,
repassados de terror,
celebrar, na morte, o amor,
que seu pai lhe dera em vida.
Vi, no vórtice, sorvida
uma existência sem mancha,
um homem, tipo da honra,
um moço sem mocidade,
austero na proibidade,
desvelado filho e irmão;
e, para todos, sorriso
de bondade, e de afeição.

E morreram, quando a súplica
fervente, ardida, ansiosa,
era a vós, Senhor, mandada
nas vascas inoportáveis
daquela morte horrorosa!
Pois a prece afervorada
em tantos lábios, meu Deus,
compadece os maus da terra,
e não comove a piedade,
eterna essência dos céus?!

.....

E o ateu, Senhor, não olha,
cego de orgulho, não vê,
em tantos lances da vida,
o vosso dedo, que os traça.
Dores há aí que desluzem
a luz da crença. A desgraça
com ervada flecha passa
o seio mais forte em fé.
A esperança estremece,
a fé vacila, e perece,
e a fé, meu Deus, que é
senão a humilde aliança
com um ser que não seria
sem mistério, que a razão
não desvela, não alcança,
se a não leva o coração?

Amigo! Eu longo tempo, alucinado
na sinistra visão daquele transe,
esqueci-me do anjo, arrebatado
de teus braços, um dia.
Lembrei-me de ti só... pedi-te à campa,

procurei-te no espaço, alma gemente,
pairando sobre o leito de agonia,
da atribulada mãe.
Depois, amigo, recordei, que o anjo
te fizera na morte a profecia
da tua breve ausência dessa alma,
que da terra, tão cedo, te fugia....
E busquei-te no espaço.
Busquei-te, e nesta febre de saudade,
que ilumina visões de fantasia,
um luminoso traço,
vi das trevas profundas levantar-se
e esconder-se no céu...
Instantâneo se rasga o denso véu...
depois, mundos de luz, num giro eterno,
os olhos de alma, deslumbrados, viram.
Confusos turbilhões de aéreas flamas,
nas límpidas torrentes cintilavam
De elétrico fulgor.
De toda a parte um hino, em sons estranhos,
de pulcras harpas, ressoava: “Hossana,
ao gozo eterno dum perpétuo amor!”
Fendendo o espaço, com a ígnea cauda
da estrela errante, duas flamas, numa,
que cingem nuvens do candor da espuma,
vi, rápidas, passar.
Um préstito de arcanjos vai cortando
as amplidões do céu, e a lira eólia
dos cantares sagrados ao Senhor,
cuja fronte radia luz ondeante
em carmes divinais vai entoando:
“Hossana,
ao gozo eterno dum perpétuo amor!”
Eu vi-te, pois, no céu. Eras amigo,
devias sê-lo, ó alma! A profecia
do anjo, na agonia,

cumprida foi! A morte atormentada,
o transe da asfixia, nas roscas da procela,
foi tributo de dor, extremo grito,
que pagaste na terra, onde, proscrito
dum mundo teu, e dela,
poucos anos te foi pesada a vida.
Espíritos, brilhai no seio esplêndido
das lúcidas esferas!
Vagai, sombras eternas! que eu vos veja
como aceno de esp'rança à minha dor!
Ao ver-vos, minha alma aspira, ufana,
um prêmio no martírio animador!
Juntai ao coro de anjos vosso hino,
num salmear divino,
que eu não possa imitar! Dizei: "Hossana,
ao gozo eterno dum perpétuo amor!".

XIII

Oh Alda, eu, quando ouvi gemer o bronze
além pelas quebradas da montanha,
perguntei se morreras.
"Morreu!
me responderam Lábios frios,
faces sem pranto, corações sem dor.
"Viveu!"
Íntima voz ouvi....
"Viveras!..."
Alda, querida irmã, eu vou de joelhos,
orar por ti a Deus!
Pura tu eras, eras santa... e a prece
será talvez a flor, que orvalham lágrimas,
e não cabe em troféus
troféus de mártir, qual tu foste aqui!
Embora a minha prece inútil seja...
é tão doce o chorar, pedir por ti!...
é dor suavíssima elevar-se a alma

neste enlevo de fé, que diz ao Eterno:
Senhor! em vosso amor entrou um anjo!
Senhor! dai recompensa à virtuosa!
Senhor! realizai-lhe as vivas crenças,
que lhe deram coragem na tortura!
Olhai, Senhor, tragou quanta amargura
o cálice de infeliz em si continha.
Recolhei-a, meu Deus, em vosso seio...
Vai pura, não traiu, no desespero,
a divina missão para que veio.
Mensageira da dor, Senhor, quiseste,
mandá-la aqui sofrer... Sofreu, calada,
humilhou-se no altar do sacrifício,
o colo sujeitou à mão cruenta!
Fibra a fibra, retalhada,
gemidos... nem um só lhe ouviram homens
nem souberam, que a morte a devorava,
que veneno lhe foi n'alma vertido,
nem viram gotejar o sangue oculto
do pungente cilício, que lhe encrava
de agudo espinho o coração transido.

.....

Oh Alda! pavoroso sonho eu tive.
Descera a noite. Escuridão espessa,
caliginoso céu, trevas do caos
pesavam sobre a terra, que fremia.
No soturno rugir do fogo interno
das profundezas deste abismo lôbrego,
dum anjo eu vi fulgir a asa cândida.
Subiu, subiu, librou-se, alto, no espaço,
e na vasta amplidão que cinge o globo,
com sonora voz esperta os ecos:
“Abismo, que o tigre nutres

de infâmia e de rancor!
Terra, fojo de serpentes,
latíbulo de abutres!
Potro de espinhos pungentes,
gotejantes de sangue,
onde a Virtude se estorce
e desfalece, exangue.
Manda dizer-te o Senhor,
terra, terra maldita,
que o pesar, a dor infinita,
segunda vez punziu
a suprema onipotência
da inteligência incriada,
que te fez surgir do nada,
homem de barro vil!
Resfolga sangue, precita,
terra, terra maldita,
que te escondes num covil,
como a fera esfomeada,
a devorar, no segredo,
a virtude indefesa,
que se debate na presa do
cinismo feroz!
Pávida furna do algoz,
terra, terra maldita,
és na ciência infinita,
a mancha da criação,
que, tantas vezes, provocas
eterna maldição!
Maldita sejas, ó terra!
O teu nome maldito
soa no espaço infinito,
na voz do Eterno,
no urrar do inferno,
soa no canto da ave,
que louva o Senhor,

enquanto, homem, tu blasfemas,
Caim sanguinolento,
de infâmia avarento,
contra a virtude dos céus,
que desce à terra, um momento,
contra o santo sofrimento,
contra ti, e contra Deus!
Terra, terra maldita,
és, na ciência infinita,
a mancha da criação,
que tantas vezes provocas
eterna maldição!
Maldita sejas, ó terra,
como Lucifer, maldita
da maldição infinita,
que o anjo mau fulminou.”

E o meu sonho mudou. Rasgam-se as trevas.
Límpidas nuvens pelo sol doiradas,
a prumo, sobre o globo, a fronte erguem
às campinas do céu, cor de ametista.
Do seio delas, que tocara o anjo,
da maldição de Deus, terrível núncio,
ó Alda, rutilaste de improviso.
Ligeira vibração te vibra as orlas
da cândida mortalha. A fronte cinge-ta
de mirto funeral verde grinalda.
Teu rosto é lívido, e as pendidas pálpebras
são roxas, cor dos lábios mal cerrados,
daquele extremo “adeus” que murmuraste,
cingida ao coração da mãe, que apertas,
ao seio reprezado de amarguras,
no desejo de erguê-la ao céu contigo. Três
vezes te chamei, Alda! Teu nome

não tinha eco na mansão da glória.
Teus olhos não abriste à luz da terra;
teus lábios não moveste à fala de homens.
Os anjos, esses sim, ao perpassarem
em luminosas legiões no espaço
osculavam teu rosto, e tu sorrias
um rápido sorriso.
Depois, ó Alda,
os anjos pararam,
as harpas calaram
os cantos, que ouvi.
Silêncio profundo
nos orbes do mundo
se fez, nesse instante.
Celeste cintila
num disco rutila
em volta de ti.
E a terra a teus pés
aos justos da terra
pergunta quem és;
e os justos levantam
as mãos, e descantam
um salmo ao Senhor.
E os anjos, e os santos
respondem aos cantos,
que sobem daqui.
Silêncio profundo
nos orbes do mundo
reinara, outra vez.
Os olhos abriste,
e a terra, que viste,
chorando, tu vês.
Os lábios frementes
entoam gementes,
chorada canção.
Ó Alda, teu hino

humano e divino
recordo... era assim:
"Sofri... sofri, muito... na curta existência,
mas longa de mágoas, sem culpa, Senhor!
Fui grande nas crenças do amor, que previa;
e, ao ver quanto a vida real nos mentia,
senti que era grande, nos transes da dor.
Sonhei, como sonha a candura... Embalei-me
nos místicos hinos da lira infantil.
Pensava que à débil razão da pureza,
nas lutas do crime, bastava a defesa
da própria candura... vaidade pueril!
Diziam que a vida era eivada de dores,
contavam martírios, em volta de mim;
ouvia, e pensava que o mal era o prêmio,
de quem procurava delícias no grêmio,
do mundo, que exulta em mentido festim.
No ermo escondida, obscura, sem nome,
meus pobres desejos ninguém mos vedou;
sofria, se, às vezes, a brisa noturna
levava de rastos a cândida urna
do aroma da rosa, que um sopro esfolhou.
Ao longe, o que eu via no drama da vida,
mal posso dizê-lo... não era ambição!
Dizia-me a alma, que, ao longe, existia
o anjo num homem... um sonho que, um dia,
devera despertar-me em ditosa afeição.
E esperava ansiosa a promessa do instinto.
Por ele às estrelas do céu perguntei;
das brisas da noite seu nome aprendia;
nas sombras da acácia pensava que o via
colher-me o suspiro que, em vão, suspirei.
E esperava ansiosa, por ele, indecisa
imagem de arcanjo, que em sonhos flutua.
No peito, escondido, calava o mistério,
ninguém me seguira no êxtase aéreo,

amor confiado aos silêncios da Lua.
Senhor, depois vi, quanto a mente ansiara,
um ente a dizer-me: — Em sonhos te vi.
Sonhei-te no berço, busquei-te no mundo...
Es tu... deves sê-lo!... és o mito profundo
que em traços divinos na alma esculpi! -
Pois sim, serei tua... a ti me consagro...
Sou tua e não minha... é teu este amor!
Serás meu verdugo, se lágrimas queres,
se o pranto é destino de tantas mulheres,
será meu destino humildade na dor!
Ouviu-me, e nos lábios passou-lhe um sorriso...
de amor? de piedade? quem sabe dizer!
Exprime-se em risos a alma corrupta?
no lábio o sarcasmo revela essa luta,
que, em risos, procura o perverso esconder?
Depois... tudo soube, Senhor! A desgraça
toldou de improviso de negro o meu céu!
Apenas trilhara no mundo um só passo,
eu li a tristeza desse homem... “cansaço”
sepulcro de afeto que nunca nasceu!
Caí, Deus eterno, caí das alturas
do orgulho, da esp’rança, do amor, da ilusão!
Senti gelo n’alma, senti que tal sorte
não tinha recurso entre a vida e a morte...
Morrer com valor fora a minha ambição!
Ai! tudo que a terra na infância me dava
de belo, de puro, de encanto, e de amor,
vestiu-se de negro, de enfado, e de enojo,
caí de abatida... esta fronte de rojo
não pôde exaltar-se até vós, ó Senhor!
Gemi, solitária... ninguém pôde ouvir-me
gemidos represos no peito... ninguém!
Impus à minh’alma um silêncio forçado...
Calei-os... e a campa, mistério sagrado,
não há de na terra contá-los também.

Senhor! dai-me um prêmio por tanta amargura,
um prêmio que a mártir vos pede... o perdão!
Perdão, para o homem, que fica no mundo,
no peito cevando um remorso profundo,
qual sombra do crime, fatal punição!”

Coro de Anjos

“Graças, Senhor, que remiste
do cativo da vida
a pobre mulher cuspidada
na face, no coração!
Graças, Senhor, que desceste
vossa mão compadecida
ao atormentado abismo
daquela imensa aflição.
Graças, Senhor, que tiveste
compaixão da desvalida,
da pobre mulher cuspidada
na face, no coração!”

XIV

E, portanto, o mundo é triste,
vorazes herpes consomem a
natureza corrupta,
sórdida, vil, dissoluta,
degenerada no homem.
O crime ostenta-se, impune
com desgarro insultuoso.
Ao opróbrio o ouro une
um privilégio afrontoso
de aviltada tolerância.
Daqui foge, espavorida,
a virtude que não curva
à insolente arrogância,
ao despejado impudor
que vos arremessa à face,

o dinheiro afrontador.

Filha, vergôntea mimosa,
nascida à orla do abismo,
olha o sorvedouro imundo
donde o esqualido cinismo
te vê crescer para o mundo!
Vê, na voragem, sumidas
tantas afeições cuspidas,
augustas crenças manchadas,
tantas almas combalidas,
flores dum hora manchadas
pelo espírito do século!

E é assim o mundo, filha!
Lê-me estes quadros: decora,
imprime-os no coração.
Mas o tom destas palavras
os teus ouvidos desflora?...
Ilusões te mato?... Embora...
Eu sei que a alma se humilha,
quando se vê tão de rastos,
em tão baixa condição.
Mas o mundo é este... aprende-o...
Quero erguer-te o véu do enigma;
desde já... criança, entende-o,
qual ele é... não te aventures
a sondá-lo em outra idade,
quando o capricho, a vaidade,
mais calculada, e subtil,
cuida que pode em beleza,
o que não pode a destreza,

simulada em torpe ardil.
Verdade amarga! É forçoso,
custa muito acerbos dores
pegar da mão inocente,
conduzi-la aonde as flores
têm o áspide latente,
e dizer-lhe: “a flor da fé,
nas ilusões da candura,
filha, esmaga com teu pé,
porque não achas ventura,
como a quer teu coração.
Sonhaste afetos?... mentira...
Reprime a santa ambição,
antes que o mundo te fira
com desenganos mortais.
O gênio inspira-te imagens,
na região, onde vais
pedir culto e vassalagens
ao teu amor grande e nobre?
Quebra a lira, o mundo é pobre,
não tem amor para ti...
Ovações, prêmios à lira,
não se dão... roubam-se aqui.”

Verdade amarga!...
Foi crime,
foi talvez em outras eras,
desluzir doces quimeras,
o melhor que a vida tem!...
nessas épocas austeras
de temor, e amor a Deus.
eram infames as fronteiras
que enastram, hoje, troféus.
A inocência velada

era a sedução punida.
Podia a fé, descuidada
pelos desvios da vida,
confiar-se às ilusões.
Entre o dever e as paixões
estava Deus... nome intruso,
dizem os sábios do tempo,
pelo fantasma do medo.
Provou-se inútil, escuso
esse mito, vão segredo,
que abastarda o coração!...
É que o amor quer expandir-se,
nos horizontes infindos
da fervente aspiração!
Quer tocar dos sonhos lindos
a realidade, o gozo,
que nenhum Deus caprichoso
manda sentir, e conter.
Entre as paixões e o dever,
que nos dais, sábios? que lei
em vosso nome, filósofos,
à inocência darei?

Uma só. Filha, não temas
manchar as crenças supremas,
que te elevam para o céu,
se, tão cedo, ascosas manchas
és forçosa a ver, aqui.
Ninguém tens... filha, sou eu,
eu só, entre o mundo e ti.
Contra ele as débeis armas,
as que eu tenho, ele mas deu;
ostentou-se-me qual era,
envelheceu-me, num dia

tanto viço e primavera,
tanto amor, que se expandia,
em troca de vitupérios...

Anjo, crê, não há mistérios
que tu não possas sondar.
Tudo aqui descobre a face,
tudo se mostra qual é.
Temes as chagas tocar
deste mundo apodrentado,
sem o bálsamo da fé?
Não temas! Abre esses livros
onde o gênio atormentado
horríveis quadros gravou.
Caia, embora, espedaçado
o véu, que a terra separa,
do ideal santo de crenças,
que a tua infância sonhou.
Deixa-o cair... tarde ou cedo...
chorarias... sem remédio...
quando o mentido segredo
te rasgasse alheia mão...
Rasga-o tu, que, nesse esforço,
quebras o espinho ao remorso,
poupas muito do que é vida,
crença e luz, no coração.

Ouve:
Que a flor mais recatada,
toda amor, e candidez,
sem ambições, descuidada,
tranquila, acalentada,

em recordações talvez,
de altos céus onde voara
para vir pousar aqui...
um anjo, filha, que eu vi,
e, na alma, retratara,
com belos traços, que, apenas,
vejo impressos, hoje, em ti...
essa, que o mundo apontara
inacessível, defesa
ao astucioso verme
das celeradas paixões,
afrontosas à pureza!...

.....
.....
.....
.....

Que é do teu aroma, flor?
a tua alvura, açucena?
como pôde o ardente amor
daquela imensa paixão
esfriar, tão cedo, cinza,
de escandecido vulcão!
Como pode ser que eu sinta
sobre o peito, fria a mão,
quando peço ao meu passado
reminiscências de ti!
Que triste imagem, sem alma,
hoje te vejo, tão outra,
daquela imagem, que eu vi,
quando prostrado a teus pés,
te pedia... o quê?... que fosses
a desgraçada, que hoje és!...

.....

.....

Filha! se há tesouro, caro
de sofrimentos que apenas
recordá-los... é morrer...
és um tesouro de lágrimas,
que me sorris, e condenas;
dás-me instantes de prazer,
em troca de anos cortados
por pungidora aflição.
Vês-me nos lábios forçados
o sorriso contrafeito
que responde ao beijo terno,
mas não vês que dor, que inferno,
escondo no coração.

XV

Deixa-me recordar, Maria, um hino
de fé, verdade, e amor,
ouvido por ti só.
Ouça-o agora o mundo... eu profanei-o...
E tu... ambos, no pó,
calcamos essa flor.
Não recordas? Eu sim! Passaram anos,
revoltos de paixões,
muito ao longe de ti.
A saudade não mata... é grande o homem!
Vence sempre, e eu venci...
Achei consolações!
Mas não pude esquecer-te... O que tu foras
quem sê-lo poderia,
na terra para mim?
“Mulheres”? essas não! A alma nutre-se
de enlevos, sem um fim...

se o tem, a alma esfria.
Escuta o hino:
Em horas de agonia,
quando, em volta de mim tudo era triste,
meu anjo, eu te chamei, e tu me ouviste.;
Quase extinta sentia,
no frio coração, a luz do amor,
meu anjo, eu te chamei, na minha dor.
Sem fé, sem luz, sem guia
sem alma para o mal, nem para o bem,
virtude e crime olhava com desdém.
O meu passado eu via
de pálidas saudades nublado...
sentir assim é triste... é tormentoso!
Contristada, sombria,
a alma perde aquela ardente ânsia,
que tão rica de esp'ranças vem na infância,,
E desta dor vivia
o pobre coração... neste morrer!
Afiz-me ao fel... achei no fel prazer!
Ao perto me sorria
a estância, onde não pulsa o coração...
Mal sabes quanto dói sorrir então!
Apaga-se a poesia,
os alentos congelam-se... Que resta?
O cálculo, sem fé, que o mundo empresta.

XVI

Saudade, que me dóis, não fujas, crava
o teu pungente espinho sem piedade;
grava em meu coração, ó deusa, grava
os belos quadros da florida idade.
Eu quero padecer. Dest'alma trava,
assombra-a de tristezas, ó saudade.
Cala-me os hinos do falas futuro;
traz-me o passado, e aquele amor tão puro.

Aquele amor... Não podem já dizê-lo
lábios afeitos a mentir amores;
recorda o coração o quadro belo,
mas não podem pintá-lo falsas cores.
A frase é falsa, é louco, é vão desvelo
querer de árido peito haurir verdores.
Não sinto, não, por mais que o seio abra,
ungir-me a fé a juvenil palavra.

Comigo estás, mulher, sempre comigo;
em sonhos, és, qual foste, um anjo, um nume;
brilha o sorriso no teu rosto amigo,
ferem teus olhos da paixão o lume.
Não acha em nosso peito infausto abrigo
o Lucifer maldito do ciúme:
em sonhos, és, qual foste, o dom extremo
que concede aos da Terra o Ser-Supremo.

E pude-te perder, tesouro imenso,
após tamanha luta de incerteza!
e pude arrefecer o fogo intenso,
fundindo nele a única riqueza
que neste mundo tinha... Ai! quando penso
que, neste amor, senti mais que avareza,
como Job na penúria transformado,
suspeito que o Senhor me há castigado.

Recorda-te. Era o Sol no ocidente,
beijavam-te seus raios moribundos.
Éramos dois, uma só alma ardente,
voando deste mundo a novos mundos;
o lábio estava mudo; mas veemente
orava o coração; ambos jucundos,
anelantes de amor, nesse transporte,
talvez a Deus pedíssemos a morte.

Pedimos, sim; tal foi nossa ventura
que logo ali nos excrucia o medo
do breve instante que a bonança dura
neste de prantos mísero degredo.
Um nefasto presságio nos augura
à nossa doce crença a morte cedo:
nos extremos da dor, ou da alegria
pede-se a campa como a eu pedia.

Por que te amei eu tanto, se era crime
que o meu amor egoísta e delirante
calcasse a ímpia lei que te reprime
pulsar no peito o coração amante?
Se a mão do homem nessa fronte imprime
de serva humilde o estigma aviltante,
por que fui eu, em louco amor aceso,
fazer-te dos grilhões sentir o peso?!

Querida, o teu viver era um letargo;
nenhuma aspiração te atormentava;
afeita já do jugo ao duro cargo

teu peito nem sequer desafogava.
Fui eu que te apontei um mundo largo
de novas sensações; teu peito ansiava
ouvindo-me contar entre carícias
do livre e ardente amor tantas delícias.

Não te mentira, não. Sentiste-o, filha,
esse amor infinito e imaculado,
estrela maga e que, incessante, brilha,
no puro peito ao casto amor sagrado;
afeto nobre, que jamais partilha
o coração de vícios ulcerado.
Não sentes, nem recordas já, sequer?
Quem deste amor te despenhou, mulher?

Eu não. Se muitos crimes me desluzem,
se pôde transviar-me o seu encanto,
ao menos, uma só me não recusem,
uma virtude só: amar-te tanto.
Embora injúrias contra mim se cruzem,
cuspindo insultos neste amor tão santo,
diz tu quem fui, quem sou, e se é verdade
o opróbrio aviltador da sociedade.

E eu disse-te: “Este amor não te condena,
perante Deus, perante a consciência;
podes o mundo contemplar serena
qual virgem soberana de inocência;
o remorso cruel não te envenena
o sentimento desta infinda ausência;

se eu, porventura, de ti for olhado,
não volverás o rosto envergonhado.

Não é verdade, pois, irmã querida,
que não houve mulher mais adorada?
Escuta o coração: viste na vida
consagrar-se afeição mais recatada?
Conheces que jamais foste traída,
nem podes ser com outra confrontada?
Sabes o que é amor profundo e eterno,
que foi meu céu, e me é hoje inferno?

.....

Por que assim me despenhaste
nesta insanável tristeza?
Dá-me conta da pureza
da alma, que te entreguei.
Dá-me os prantos que eu chorava
quando tuas mãos beijei.
Dá-me as preces, que eu orava,
as preces que eu já não sei!...

XVII

Pude na alma concentrar-me,
vivos lances recordar-me,
lances daqueles meus dias,
poucos, longos de agonias,
sacrificados a ti.
Escravo, a rastos, se querias,
renunciei-me, aviltei-me,
de altivo, que era, descí,
para elevar-me a teus olhos.

Entre nós a tempestade
da tartufa sociedade
cavara abismos e escolhos,
humilhações, que venci...
Tudo por ti!

Soberbo, e ingrato furtei-me
às honrosas condições,
com que fizera infelizes
nobres, puros, corações
que conspiravam em dar-me
novos alentos no amor;
fui cruel, por libertar-me,
fiz-me escravo, e fui traidor.
Quis altear o teu prestígio,
incensando-te, sem alma,
cada afeto, e cada palma,
que, em peitos nobres, colhi.
Impassível, vi correrem
bagas de pranto, e sorri...
Fiz de bronze o coração,
abafei a compaixão...
Tudo por ti!

Eras escrava... eu sabia,
o teu pranto mo dizia;
mas esse pranto mentia;
pois que nunca a mulher nobre
o seu tormento descobre,
quando algemas a comprimem.
As que, a esmo, vão chorando
um barato pranto, imprimem,

como vergonhoso indício,
em cada lágrima fria,
indelével, feia mancha,
no seu falso sacrifício
de mentirosa agonia...
E, contudo, eu pude absorto,
no carpido desconforto,
com que choravas, Maria,
pude crer-te, pude amar-te
essa dor abençoar-te,
como irmão, acarinhar-te,
sofrer contigo... e sofri...
Afrontei... afrontaria
com desonrosa ufania
quantos verdugos o ódio
conjurava contra ti.
Sofrera opróbrios... bem sabes
que afrontas, mudo, curti...
Sofrera novas, e muitas...
Tudo por ti!

Apaixonada, rendida,
não temias ver manchada
tua honra, e denegrada
essa alma imaculada
de aleivasas tentações.
Nesse lânguido quebranto
de contrafeita tristeza,
que impostor era o teu pranto
de moribunda pureza!
E eu, tão velho nesta lida
de sondar os corações,
deixei-me ir, cega criança,
ao sabor das comoções,

de ternura, e confiança,
com que a mim te abandonavas,
naquele pranto... cuidavas
que eu via a dor dum remorso
presentido, antes do crime?
Vi, decerto, vi... e o esforço,
com que o homem se reprime
na presença dessa dor...
É sublime, é maravilha!
luz do céu, que, raro, brilha
no que há nome aqui de amor.
“Pura ainda duma nódoa,
nesta face hei-de cuspir!...
Esta consciência é pura...
e amanhã há de a tortura
este pobre anjo pungir,
abandonado, talvez,
por quem abismos lhe cava
de perdição, a seus pés!
Não! virtude é tua a glória!
Venceste! desceste aqui,
quando o homem vacilante,
entre a mulher suplicante,
e o fogo vivo do amante,
alheado já de si...
vai manchar... E não manchei!...
De meus pés pura te ergui...
“Serás anjo qual tens sido...
Serás! não profanarei,
esse laço santo, e ungido
pelos homens, ou por Deus...
Mulher... vês? não te perdi...
És, qual foste a casta esposa,
que, a sofrer vida de penas,
não pisaste uma só rosa
da florida capela,

que te faz, na dor, mais bela,
e, quanto mais desditosa,
mais radiosa!... assim te vi...
Anjo, assim te deixarei...
Perder mais?... mais perderei.
Tudo por ti!...

.....

Ai!... escrúpulos de poeta
são como a néscia inocência...
Pobre crente!... O bem pintado
duma estudada aparência
pinta-lhe coisas!... coitado!
O dom Quixote moderno,
não vê moinhos, vê anjos.
Sempre cético, no inferno
das decepções, se o quer
uma pouca de arte e estudo,
arma subtil da mulher,
o desgraçado vê tudo!

E, depois, a prosa” diz-lhe:
aquele “anjo” puro e limpo
de feias manchas da culpa,
que tu puseste no olimpo
caiu do seu pedestal,
não em braços de poeta
que lhe pregasse moral beata,
honrosa e discreta...
Bardo! o teu casto evangelho
desagrada já, de velho,
de infecundo, frio, e insosso!...

Os teus afetos são mitos...
Desce os voos infinitos
da região da quimera
às paixões... de carne e osso.

XVIII

.....
Pois, se eu não tenho alma
que supere o desconforto,
porque sorris, homem frívolo,
se te digo que estou morto?
se, perdida a esp'rança, existo,
sem amar, sem crer, sem fé...
se não é morte, o que é isto?
Pois um cadáver que é?
Esta vida é já castigo,
é já inferno em que peno;
vês palpitar minhas veias?
Ai! não é sangue, é veneno.

XIX

Ditosos são aqueles que percorrem
as difíceis paragens desta vida
opulentos de seiva, onde não morrem
os vividos alentos da paixão.
Ditosos, porque têm, no transe extremo,
na alma hinos de amor ao Deus supremo
e ao mundo um suave adeus, no coração.
Assim, que poucos vão daqui ditosos,
quão poucos os que vêm com alma aqui!...
Seus últimos instantes são penosos,
excruciada a vida lhes correu!
Assim lhe fora a vida ao pobre amigo!
Ao resvalar-lhe o pé sobre o jazigo,
do fel o trago extremo, ali, bebeu.
Cortado de aflições, sorrindo a elas,

a mão de amigo dando ao inimigo,
acarinhando a morte, entre as procelas,
que a vil má fé do homem levantou,
do berço à sepultura vai sereno
a sorrir da tristeza ao torvo aceno
que, em leito de agonias, lhe acenou.
Caminha e leva n'alma atribulada
imagem de mulher, roubada ao mundo...
mulher, em vil leilão mercadejada,
acorrentada aos pés do seu chatim...
Resgata-la... por quanto?... é pouco o sangue,
a força é débil nesse corpo exangue,
a vida não resgata, a morte sim!
Mau foi cevar paixões com sangue de alma,
paixões, que o mundo diz "infando crime" ...
o mundo, em cujo seio abrolha a palma
do austero pundonor... sempre ironia!...
Mau foi deixar nutrir no seio a esp'rança,
sem ter, no ardil, travado uma aliança
coa régia estupidez, coa hipocrisia.
Hasteam-lhe uma cruz, cingem-lhe a fronte
de espinhos, e de fel roçam-lhe os lábios;
não há birbante alvar que o não afronte,
réptil ascoso, que o não manche aqui!
Alma soberba que és na dor sublime,
deixas à turba condenar um crime,
que não te acusa a consciência em ti!
A fronte já pendida ao pó do nada
cuspida e injuriada tenta erguer-se...
Levanta-se, e, num grito, a dor rasgada,
na fibra derradeira, é "maldição!"
Seu cântico suavíssimo de morte,
depois é fé, e amor!... Morreu um forte...
Agora, arraia vil!... pisa-o no chão!

XX

És tu Ângela? é de ti,
que me vem esta frescura
de celeste orvalho à alma,
requeimada de segura,
sedenta dos gratos pomos
que saboreia a paixão?
Tentas rasgar a espessura
das trevas do coração,
com os lúcidos assomos
da minha estrela de amor,
perdida, há muito, na escura
cerração da minha esp'rança?
Mensajeira de bonança,
quem te há dito a minha dor?
Quem te segreda a amargura,
que devora o esquecido,
o solitário cantor
de abrasadoras saudades?
Donde vens "irmã"? Que impulso
te fez voar para mim?
Dileta filha do gênio
que me contas os suplícios,
que, a sofrer, na terra, vim!

Ângela! crê-me... Há um destino,
deve havê-lo... é um segredo,
entre o humano e o divino,
obra do céu, que os proscritos,
rebeldes em seu degredo,
dizem ser fatalidade!
Sei.
Sei que vivo, há anos,
quase extinta a mocidade,

esperando... não sabia,
que novo astro, que dia
doutra vida para mim.
Descrito em sonhos, descreia
daquele anelo ideal,
arroubo de alma sem fim,
que, a poder muito podia,
só dizer-me: “és imortal!
Esse espírito, que estala
as gastas cordas do peito,
não dorme o sono do leito
daquela gélida vala!”
Nada mais! Daqui da terra
fugira, tudo, que fora
luz de estrela precursora
de venturas malogradas.
Nada a esperar! E, contudo,
tantas vezes me dizia
um brado íntimo, mudo,
agra e doce profecia:
“Crê e espera a fada errante
em regiões onde habitam
os espíritos, que anseias,
abrasada e anelante
das pulsações, que palpitam
corações, órfãos, aqui...
Crê e espera! Anjo é, e existe
perto e longe. Vive em ti,
porque sente, e foge, expulsa,
como tu da turba ignara...
Vive da vida, que pulsa
tua alma ardente, avara
duma ventura impossível.”
Impossível!... Ângela, vês?
Impossível... Pôde a alma
presentir-te, adivinhar-te,

pôde erguer-se, acompanhar-te
no sublime, onde respiras,
mas... feliz... não pode ser,
nem por crenças, que lhe inspiras,
nem do amor santo, espontâneo,
que não se sente nascer...
que vem de dentro, instantâneo,
como lava irresistível,
fogo de intenso prazer...
Ângela... vês?... é impossível!
.....

E, contudo, é outra a vida,
outra alma esta que eu sinto!
Se é sofrer... a taça é outra...
travor novo o do absinto.
Em tua frente, esculpida
vejo a sina do talento,
altos segredos do instinto
no sondar do sofrimento.
Ouvi sons da tua lira,
e, de ouvi-la, estremeci...
Quem será, que vem dizer-me,
nestes sons misteriosos,
que chorara, e que sentira
em segredo, o que eu sofri?
Há dois órfãos desditosos,
há dois ermos tormentosos,
onde os sons de dois gemidos
choram em triste harmonia?
Existes, anjo, entre os homens,
ou teus hinos vêm, mentidos,
insultar minha agonia!?
Existia!

Irradiava-se
daquele rosto a cintila,
como éter luminoso
da elétrica pupila.
Na tez pálida, mostrava-se
o doer continuo intenso,
o cismar triste num gozo
impossível... e adorado,
com toda a alma da infância,
com todo o amor, todo o incenso
da abrasada juventude,
reprimida em sua ânsia.
Existia!
Eu nunca pude
esquecê-la... esqueceri-a?...
cinzelada, como a estátua
da Níobe, que pranteia,
no da alma mudo pranto,
o morrer de tudo, quanto
lhe adoçara a vida aqui!...

Não! ó Ângela, por ti,
que farei?... Diz-mo, profeta!
Onde irá contigo o espírito?
Em que céus te luz a meta
do meu destino, e do teu?
Só tu podes, tu, poeta,
que concebes o que eu sou,
dissipar a sombra, o véu
que me esconde ao longe o enigma
que ninguém profetizou.

XXI

Amizade, dom precioso,

perfume santo na ara
do tranquilo e eterno gozo;
Alva pérola, tão rara
das paixões no oceano iroso;
Amizade, luz querida
de corações, que puderam,
entre as ruínas tristonhas
das ilusões, que perderam,
salvar-vos, crenças risonhas
na lealdade do amigo;
Hálito suave e sereno
do peito de homem, sem seiva,
porque o cético veneno,
infiltrado, ulcera e eiva
o melhor do coração;
Formosa, vem bafejar-me,
com singela expiração,
a corda aspérrima, rude
do lutuoso alaúde,
sempre gemente e funéreo!
Dá que eu possa a ti altear-me
deste baixo, e positivo
viver de mágoas rasteiras,
em que morre o estro vivo,
sem ideal, sem mistério,
como ele é naquela dor,
grande, e ardente do amor.
Ai! suavíssimo martírio,
que enquanto a vida golpeia,
deixa expandir-se em delírio
a febre de alma, que anseia!
Não! meu Deus! é agro o cálice...
Afastai-o! Antes assim...
antes n'alma esta frialdade,
esta lânguida atonia,
triste, e escura soledade,

profundo sono, sem fim,
contínua noite sem dia!
Mas, Senhor! nesta pobreza
de comoções que dão vida
fogosa, cálida, ardida,
dai-me o plácido remanso
daquela branda amizade,
daquele afago de irmão,
em que me acolho e descanso
das lutas do coração!
Amigo! vê que estas páginas
são minha alma! vieram
aos lábios, que tas disseram,
do coração, que tas disse.
Eu não me escondo a teus olhos!
Sabes que sofro... sabias
que profundas agonias,
há muito, escondo... e de mim!
Predisseste, muitas vezes,
os desastrados reveses
a que vieste, e a que vim!
Quase marcaste o momento,
em que tanto sentimento
expirar devera, enfim.
E expirou!
Que salvei eu
desse opulento tesouro
De afeições? Só tenho um louro,
o meu mais caro troféu...
É teu nome, amigo, aqui,
como a primeira expressão,
que saudei, quando a escrevi
no livro da solidão...
Deixa que fale a vaidade,
outra, já não tenho, amigo...
Deixa expandir-se a amizade.

Este orgulho é justo e nobre,
engrandece-se contigo;
dou-te um nome, que não posso
dar no mundo a mais alguém...
Foi condão, só meu, só nosso,
esta aliança de extremos
que te devo... Aos lábios vem,
vem da alma a confissão...
Fiz-ta já, sem pejo, amigo,
quando em ti, buscando um abrigo,
encontrei braços de irmão...
.....

Olha... eu vim buscar ao ermo
paz, e um novo coração...
Ai! não pode já fazer-mo
tal milagre a solidão.
Sentir profunda saudade
do amor, que, em outra idade,
me deu vida, alento, e ar...
Pude! Amei, senti, transpus
a minha alma abatida
aos jardins daquela vida
cheia de flores e luz...
Tens assim horas, no dia,
atribuladas na cruz
da saudade, e da agonia?

Ilusão! ainda és bela,
mesmo pálida e sombria!
Na longa noite da alma
brilhas, instantes, mas brilhas!...

Rica das pompas do dia,
um relâmpago desferes
de deslumbrante poesia;
mas depressa a luz se apaga,
que o artifício acendeu...
A arte morre esvaída,
onde o coração morreu.

XXII

Mulher! onde hás descido que não vejo
vestígios teus no mundo onde hei subido,
queimando incensos puros de um desejo
três vezes santo, só a Deus devido?
Busquei-te num altar com teu cortejo
dos anjos, teus irmãos... Tinhas fugido,
fugido para a terra, onde perdida
nem memória já tens duma outra vida!

E a buscar-te, assim, vão indo tristes
meus já tão longos dias! Longos anos
contai em vida breve, se não vistes
durarem muito os mágicos enganar.
O sonhos infantis, que me fugistes,
desta vida mostrando-me os arcanos,
volvei, sonhos, volvei, ainda um dia;
pousai sobre o meu leito de agonia.

Deixai-me ver o céu da minha infância,
aquele céu de estrelas namoradas,
Por onde se perdia esta alma em ânsia
de crenças que nem já tenho sonhadas.
Deixai-me inda aspirar essa fragância

de viridentes flores cultivadas
por mãos de arcanjos, que lá vão perdidos
convosco, ó sonhos, nunca mais volvidos!

Eu fui sempre infeliz. Alma abrasada
em anelos de amor sempre impossíveis,
seguindo uma visão, palpava o nada,
o nada, o vácuo... sensações horríveis!
De novo, erguia a crença despenhada
aos mistérios de amor incompreensíveis;
e, quando a espr'ança, toda luz, radiava,
súbita escuridão meu céu toldava.

Que importava ter alma entusiasta
de formosas mentiras desta vida?
Sonhar o belo, em vão, é dor, e gasta
no devorar-se a alma em insana lida.
Não é cinismo, não, que nos arrasta
ao baixo afeto de alma desflorida...
Há delícias no amor? queres gostá-las?
Desce, aqui, do teu céu, para encontrá-las...

É isto o coração? a vida? o homem?
Amor é isto só? num gozo breve
se esfriamos vulcões que nos consomem,
e amarga esponja as lágrimas embebe?
Aonde, aonde essas visões se somem,
visões queridas de sonhar tão leve
na doce madrugada dos amores,
em que há prantos e bênçãos para as dores?

Ai! não. A vida é mais. A bela imagem,
o rútilo fantasma que extasia,
que nos cativa e a curva à vassalagem,
e, a cada instante, a crença ludibria;
essa eterna visão, falaz miragem,
que aos sequiosos lábios nos mentia,
segue-nos sempre, ou sempre a nós seguimos,
e, ao pé da campa, ainda a lá sentimos.

O que é dizer “estou morto”? Vã mentira!
não morrem corações predestinados
para este amor profundo que delira
em febre de desejos malogrados;
enquanto um hausto de ar o peito expira,
enquanto os olhos buscam arroubados
sobre a terra a mulher que Deus não fez,
não se morre... agoniza-se, talvez.

XXIII

Mentira! escárnio atroz!... Ontem vivia...
ainda ontem pisou sobre meu seio
a celeste ave. E a pomba mensageira,
falou-me do seu céu! tanta alegria
lhe irradiava a fronte! e com que enleio
me disse: este raminho de oliveira
é símbolo de paz! A tempestade
de tua vida passou. Repousa agora
no regaço da cândida amizade.
Aqui me tens... Mas olha esta alma chora...
Pressinto a morte breve... E tu sozinho
e, tu sem mim, perdido irás na senda

daquele em que te eu vi fatal caminho
da infâmia, do remorso! Ai! eu não quero!
Tens força? tens? suplica a Deus comigo
pede-lhe a morte, pede que eu espero.

XXIV

Abre-te, meu coração, às grandes dores,
de lágrimas te nutre! Ergue-te, alma,
ao teu abatimento: olha, e contempla
as muitas não sabidas agonias
escondidas no lodo da miséria.
Olha e contempla, e, a chorar sobre elas,
esquece as tuas fantasias negras.

XXV

A pobre mãe, sentada entre os dois filhos,
do peito os aconchega, e diz: “quecei-vos,
filhinhos: não choreis... É fome?... eu dei-vos
o pão todo que eu tinha... Ora, esperai...
Eu tenho aqui o livro em que rezava
a vossa santa avó; irei vendê-lo...
não volta mais a santa ao mundo a lê-lo...
Tereis hoje mais pão, filhos sem pai!”
Consigno a mãe os leva aconchegados
nas dobras do capote. Um dos meninos
folheava com os dedos pequeninos
o livro, e certa imagem queria ver.
A estampa era Jesus preso à coluna;
costumava beijá-la a criancinha:
achou-a, deu-lhe um beijo, e a pobrezinha
quisera já seu livro não vender.
Susteve-se, e pensou: “...Mas os meus filhos!...
e a fome!... e as longas noites de dezembro!...
e o dia de amanhã!... Eu não me lembro
de nada mais que venda...” E caminhou...
Viu pão num tabuleiro; entrou à loja,

e disse, a soluçar de dor e abalo:
“Quanto vale este livro? quer comprá-lo?”
— Veremos... — disse alguém; e examinou.
— De que serve? — pergunta um homem nédio
os óculos montando mui de espaço; -
— já falta nesta folha um bom pedaço,
e os outras... ai! que sujas que elas são!
É livro lá do tempo de Afonsinhos!
Tem as letras comidas neste canto...
E que é feito da cara deste santo,
que, enquanto a mim, já foi um S. João? -
“As nódoas (disse a mãe das criancinhas)
são lágrimas... talvez!... da santa alma,
que já se foi a Deus buscar a palma,
do muito que penou... dela é que são!...
Talvez também que os dedos de meus filhos,
estragassem a página rasgada...
mas ela não tem letras... não faz nada
a quem quiser rezar... Compra-mo ou não?”
— Quanto quer? -“Veja lá, que eu não entendo...
o que eu quero é dar pão às criancinhas...
Valerá oito pães?... Pelas alminhas
dê-me os oito pra hoje e pra amanhã.”
O lojista entregou o livro à pobre,
e disse:
— Vá com Deus! Grande empreitada!...
Três pães inda talvez... mas oito? nada...
Um livro que já estive na sertã!...
Tomou a pobre mãe o livro, e disse:
“Pois fique-se com Deus.”
E os inocentes,
que vendo o pão, sentiram, mais pungentes,
da fome as dores, clamam: “dê-nos pão!...
Entrega o livro a mãe:
“Pois sim, eu vendo...
Dê-me os quatro, sé pode; ou três... que importa?

A santa bem me vê aqui tão morta
de trabalhos, de fome, e de aflição!”
O homem repassou inda três vezes
as páginas do livro, e fez reparo
em outras nódoas feias... — Comprei caro...
— (disse ele), mas, enfim... são três... aí tem... -
Rompeu ela um dos pães entre os dois filhos.
De lágrimas a face tinha cheia;
e o quinhão, que tomou daquela ceia,
foi lágrimas... Ai! chora, pobre mãe!
Chora, se to não veda o mundo, chora!
És desvalida? o céu te abre um tesouro...
cada lágrima tua é conta de ouro,
que lá te encendra e guarda a mão de Deus.
Não cesses de chorar... semeia pérolas
sobre a terra maldita! morre em dores!
Já teus espinhos desabrocham flores...
verás que lindas são à luz dos céus!

NOTAS

(Página 95)

Este caráter, ligeiramente esboçado, não é fantástico nos traços essenciais. O homem, que aí se pinta, foi, viveu, e conheci-o tal, na primeira luz do quadro, em que os acessórios, o ornato, é o que menos vale. Chamava-se José Pacheco de Andrade.

Oriundo de uma das mais distintas famílias de Cabeceiras de Basto, era filho do capitão-mor Serafim Pacheco dos Anjos. Senhor do vasto morgadio de Friúme, em Ribeira de Pena, dissipou-o em hipotecas tão ruinosas para ele como para os especuladores, os quais deixando morrer de fome o senhor do vínculo, viram-se despojados das regalias da fraude e dolo pelo sucessor imediato.

José Pacheco de Andrade, quando eu o conheci, trazia sobre os ombros uma manta, apontoado de farrapos, uma, tigela vermelha debaixo do braço, e dormia no palheiro dum lavrador, onde creio que morreu. Representava quarenta e quatro anos, quando muito. A fome não pudera ainda descompor-lhe o rosto Lírio e feminino. A expressão torva, pânica, e repulsiva tinha-a nos olhos coruscantes e encovados. No trato era rude e afável. Tinha ásperas vaidades de fidalgo, que se esquece de que é mendigo, e mansas humilhações de mendigo, que se esquece de que é fidalgo.

A parte da sua casa, não vinculada, andava por mãos de mulheres (donzelas, não...) dotadas umas a cem, outras a duzentos mil réis: era conforme a cara, que tinham.

Às feias dava mais. Mas tudo isto fora em bom tempo. No fim, como sabem, pedia uma tigela de caldo.

O caso é que, de tal homem, há muito que dizer, e eu prometo dizer muito num romance.

Pág. 74

A ti, prodígio de amor,
jóia de extrema amizade,

um gemido, que a saudade
irá comigo gemendo
pelas veredas escuras
desta existência, sem ti!

São reminiscências dolorosas do meu amigo José Augusto da Silveira Pinto, e do naufrágio de 28 de Março de 1852. Traslado competentemente para este lugar a poesia, se assim hei-de chamar ao gemido de mui lancinante saudade, que saiu nestes improvisos versos escritos à hora em que me anunciaram a morte do meu amigo.

Versos à desventura

Versos à desventura?! Sim, que dá dores
que despertam na alma essa harmonia,
acorde som de angústias, que soluçam
no seio da poesia.

Embora orvalhe o pranto a mão que treme
sobre as cordas da harpa da paixão,
pelo hino, que, a gemer, ascende aos anjos,
respira ó coração.

Há tristezas no mundo inconsoláveis,
que do mundo ninguém as avalia...

Alívios... só em DEUS, que o homem busca.
nos voos da poesia.

É linguagem da mágoa a voz dos carmes;
a dor faz o poeta; é só a dor,

que faz subir ao céu cantos ferventes,
em perfumes de amor.

AMOR! palavra santa, que aprendemos
dos anjos, quando o beijo maternal,
nos lábios nos vertia esta palavra
de unção celestial!

AMOR DE DEUS, amor da humanidade,
que nos faz devorar do mesmo fel,
que punge um nosso irmão, despedaçado
por saudade cruel!

AMOR DE DEUS, amor da humanidade,
que espontâneo da alma aos olhos vem,
quando descem no túmulo dum filho
as lágrimas de mãe!

AMOR DE DEUS, alívio à desventura
que precisa do céu consolações...

Oh, harpa do amor, se compreenderas
dum pai as aflições!...

.....
.....

Em seu berço dorme um anjo...
que sereno é seu dormir!

Que sonhar será o dele?!
Não no vedes a sorrir?
Perguntai à mãe, que o vela...
saberá dizê-lo ela,
ela só, que é sua mãe!...
Talvez um beijo paterno
despertasse o riso terno,
que do anjinho aos lábios vem!
Junto ao berço de seu filho,
que ternuras sente um pai!
Que tremor lhe abala o seio,
se o filhinho solta um ai!
Com que afago o toma ao colo,
como exprime esse consolo,
quase delírio de amor!
Neste afeto à inocência
não vos fala a Providência
pela voz do Criador?
Entre afagos e temores
cresce a tenra criancinha...
Qual dos pais mais pressuroso
a vontade lhe adivinha...
O pai lhe escuta anelante,
numa voz balbuciante,
o doce nome de “pai”.
A mãe, ébria de alegria,
aos pés da Virgem Maria,
com seu filho ao colo, vai.
Pede-lhe um belo destino,
cheia de amor e de fé...
Belo futuro a seu filho,
que do mundo escravo é.
Ergue-se, crente, e confia
na proteção de Maria,
que foi mãe de imenso amor!
Crê-se feliz, e segura,

Vendo, à sombra da ventura,
ir-se abrindo aquela flor.

Depois, a linda quadra dos brinquedos,
fechou-se para o filho estremecido,
e dos braços dos pais entra no mundo,
na carreira das pródidas ciências.
Do berço a inocência o acompanha
convertida em bondade e gentileza.
É velho entre mancebos, que desvairam
pelas vias escuras, tortuosas,
das dementes paixões da mocidade.
Orgulho de seus pais, anjo entre amigos,
não sei que luz celeste iluminava
aquela fronte sempre pensativa!
Às vezes esta luz misteriosa
brilhava-lhe nas lágrimas dos olhos,
e não fosse ninguém sondar-lhe o seio,
pois calado segredo era o seu pranto.

.....

Nos bailes, onde a vida se reveste
das galas mentirosas da alegria,
quantas vezes o vi fugir às turbas,
vergar ao pensamento da tristeza,
buscar a solidão, buscar o amigo,
contar-lhe as pulsações da sua alma,
sacrário de honradez, defeso ao crime!
Amor de irmão, de filho... oh! se há na terra
quem já visse no céu amarem-se anjos,
não peça um quadro, que não podem homens
em pobre linguagem dar-lhe cores!
Se no seio do filho um pai reclina
a fronte, onde alvejavam longos anos
de virtudes... irmãs do sofrimento...

se no seio da mãe repousa o filho
a face irradiante de alegria,
perdida a ilusão doutros afetos...
Se nos braços de irmão busca um refúgio,
que terrenas paixões não podem dar-lhe,
depois que as santas crenças lhe roubaram...
quem é que pode aí pintar o afeto
que prende os corações de quatro anjos,
vivendo desse amor num só espírito,
na mesma aspiração, no mesmo enlevo!!
Mistérios de alto amor, vínculos santos,
selados pela mão da Providência,
no coração dum anjo!
E este era o anjo...
Era teu filho, ó pai das amarguras!
Era aquele inocente, em alvas faixas,
que beijavas no berço, enquanto a alma,
receios do porvir te palpitava!
Tinhas nele o tesouro de tão gratas
esp'ranças, firme amparo doutros filhos...
doces sonhos dum pai, que, na velhice
às bordas do sepulcro lega um nome,
com quantos foros lhe engrandece a honra,
nas virtudes dum filho digno dele!
Desça em teu rosto consternado pranto!
Lamenta, ó pai, a perda inconsolável!
Vai às rochas do mar, chama teu filho,
que, no rolo das vagas espumantes,
invocando, ó Senhor, teu nome augusto
a morte lhe gelou, talvez, nos lábios!
Não ouves este som cavo e profundo,
que ruga na amplidão daquelas águas?
É a voz do Senhor!... Curva o joelho,
e pede, e clama, e chora, pois o Eterno
do túmulo já fez surgir um Lázaro!

.....

Curva, sim, o joelho, mas teus rogos
sejam preces humildes de cristão!
Não digas ao teu Deus — “dá-me o meu filho...
que eu morro de aflição!”
Esta vida que é? astro dum dia,
que, sobre espinhos crus de intensa dor,
nossos passos dirige à eternidade
da luz, ou do terror!
Quando em braços de pai um filho expira,
chamando em seu auxílio o amor de Deus,
seu Pai, seu Criador, não lhe deu morte...
deu-lhe a vida dos céus!
Ao homem, pó da terra, frágil barro,
quebrado no seu trono de ilusão...
que lhe resta? chorar!... mas seja o pranto
de amor, e de oração.
Tinhas um filho, herdeiro de virtudes,
mas herdeiro também era dos céus!
Tu, pai, lamentarias, se escutasses
chamá-lo a voz de Deus?
Humilde no revés da desventura,
levanta para Deus trêmulas mãos;
tens um filho no céu, pedindo ao Eterno
amparo a seus irmãos!

Pág. 66

Luísa, flor dentre as fragas

No “discurso preliminar” às Memórias do Cárcere, escrevi, cinco anos depois:

“...Ao seguinte dia da minha chegada, parti para a aldeia; onde passara alguns anos de minha infância em companhia de minha irmã. Ali é que me levavam memórias, que por aí estão escritas em livrinhos, de que o leitor se não lembra. Ali estava o crânio de Maria do Adro (*Duas Horas de Leitura*), e aquela Luísa...

Ai! Luísa

...a flor dentre as fragas

que eu cantei num poema, escrito com as minhas últimas lágrimas, adoçadas de esperanças! Meu sobrinho ia murmurando ao meu lado:

Luísa, flor dentre as fragas,
donairosa camponesa,
tipo gentil de pureza, (*Não sei porque refiz este verso na 3ª edição*)
lindo esmalte das campinas,
colhes no prado as boninas?
Brincas, è tarde, na espalda
onde verdeja a alameda
da viva cor da esmeralda?
Brincas, Luísa, afagando
o que mais amas no bando,
o teu alvo cordeirinho?

Encarei sorrindo tristemente em meu sobrinho, e ele disse-me:

— Não a vê?

— Luísa?

— Sim. Aquela que tem os braços cruzados.

Contemplei-a, e vi... uma velha.

— Aquela que me está olhando?! — perguntei.

— A Luísa de há quinze anos.

E eu disse entre mim: Estará ela dizendo às outras: — Ele é aquele velho?!

E passei avante.

E o meu sobrinho ia recitando com sentimental ironia os versos do meu poemeto consagrado àquela moça, que fora formosa e Linda:

E eu amei-a muito... À tarde

quando o sol..... etc.

É, pois, aquela a Luísa... — murmurei tão manso que só a minha alma podia ouvir-me.

E, na noite daquele mesmo dia, assim que a lua assomou nas montanhas, fugi à aldeia da minhas infância, e da infância de Luísa.....”

(Memórias do Cárcere)

Pág. 171

Ditosos são aqueles que percorrem
as difíceis paragens desta vida
opulentos da seiva, onde não morrem
os vividos alentos da paixão.
Ditosos porque têm no transe extremo,
na alma, hinos de amor ao Deus supremo,
e ao mundo um suave adeus, no coração.

Escrevi, há tempo, sob a mesma impressão, uma prosa, que me parece mais poesia que o verso, e que muito serve de comentário ao poema. Ele, o poeta, que o foi na vida, na resignação e na morte, que abraçou, sorrindo-lhe, como desgraçado e como cristão, não direi quem foi. Cubra-se-lhe a face com uma dobra da mortalha de Alda. São dois nomes, que não profanarei duas imagens magníficas na dor e na poesia.

É esta a prosa: diz mais que os versos, penso eu:

Vinte dias de agonia

Quis abrir um abismo na minha alma. Quis envolver-me nas trevas de angústia mortal. Quis imaginar as agonias dum homem, que, aos vinte e seis anos, cai na sepultura, depois de erguer-se ao ponto culminante da vida e esperança. Vi-o morrer.

Morreu como se a morte, seu único anjo de amor, lhe desse um beijo de paz eterna na hora final. Mas os vinte derradeiros dias foram a purificação daquele holocausto sublime, consumado pelas bagas dum suor frio, pelo cair duma lágrima glacial, pelo estorcimento convulso dos lábios, semelhante a um sorriso.

E eu quis compenetrar-me daquele santo martírio. Um mancebo, a escrever a página mais risonha, a primeira página das suas esperanças, apaga as letras proféticas da sua ventura com uma lufada de sangue. Sente expandir-se-lhe o coração, e retrair-se os pulmões. O espírito de asas arrojadas ala-se aos jardins infinitos da vida. O sangue estua-lhe nas veias, e depois reflui-lhe em borbotões aos lábios. O anjo cândido da vida ajoelha aos pés do anjo de aniquilação. A faísca elétrica do amor quer alumiar aquela fronte, e a nuvem pálida da morte desluz o brilho dos encovados olhos!

Uma coroa de flores, e o capuz de uma mortalha!... O moribundo não pode escolher. Quer vencer o destino com as orações. Quer com as mãos convulsas segurar a vida, a fugir-lhe em cada suspiro. Quer suster-lhe os bagos da ampulheta que se esvazia.

Quer suspender o pêndulo dum relógio, que lhe soa os derradeiros minutos da vida...

Hás de morrer, poeta! Hás de morrer, amante! Hás de morrer, mancebo, duas vezes desgraçado!

Morreu!...

Ninguém fala dele.... E eu tenho-o visto em sonhos. Passa silencioso por de sobre túmulos. A aragem, que faz gemer a ramaria do cipreste, ondula-lhe a mortalha branca.

Não há gota de sangue naquela túnica. Tem feições marmóreas. Os olhos, suspensos na imobilidade eterna em que os deixara o ósculo da morte, vêem a majestade de Deus.

Estende um braço sobre o mundo, que deixara, e assim vai, aquela visão dum sonho, através da vida, como o espírito de Deus sobre a negridão amorfa do caos.

É assim que eu o vejo, uma, cem, mil vezes. E hei-de vê-lo sempre, até ao dia do nosso encontro num mundo, onde viçam as flores regadas com lágrimas aqui.

Tenho chamado a uma santa eucaristia aquela alma errante. Quero a sua dor identificada com a minha alma... Quero a angústia dos seus paroxismos. Quero muito sofrimento. Que a minha alma, ilustrada pela dor, se abra em inspirações de vidente.

Quero compreender-lhe as suas aflições. Que o seu espírito fale em mim! Que o frêmito da sua mortalha, esvoaçando sobre os túmulos, seja a afinação deste cântico de agonias!

Desce a mim, espírito de mundos invisíveis! Conta-me os segredos da morte.

I

Tenho amado tanto.... Era eu tão novo ainda, quando senti!... Aquela flor duma lindeza tão pura, duma inocência tão grandiosa... MARIA! Como eu a vejo ainda, lá ao longe, naquele horizonte da minha infância!... Eu tinha doze anos... Como era aquele meu amor? Sei que chorava... Era a profecia de todos os outros. Riam-se de nós...

Porquê? Não concebiam que o meu peito pudesse conter uma alma grande! Oh, meu Deus! vós não marcastes espaço ao espírito.

Eu tinha uma alma ilimitada, como faísca da vossa imensidade, como raio nunca extinto da vossa luz!

Vives, Maria?

Quem sabe!... Nem eu sei já quem tu eras. Sei que te via nas salas, e a casa onde tu vivias não conserva hoje memória da tua existência ali. Já cisme longas horas de uma noite de Abril, com os olhos fixos na janela, onde te vira doze anos antes!

Espelhava-se um raio de luz na tua vidraça; pedi ao astro, que adorávamos ambos, o segredo da tua existência, e desfaleci na desesperança de ver-te um dia.

Morreste, Maria?

Nas valas do cemitério não vi teu nome, esse nome simples que eu conhecia! Meu pai era amigo íntimo do teu. Nossas mães abraçavam-se, contemplando nossos brinquedos. Mas meu pai e minha mãe saíram, há muito, deste mundo, e não me deixaram, em tamanha herança de sofrimentos, a consolação do teu apelido!

Viva, ou morta, Maria, és a imagem esvaecida no sonho duma criança! És um sorriso nos lábios avaros da felicidade. Formosa mentira da minha infância, não te maldigo! Se não fosses tu, a minha alma não tinha uma flor, a minha mocidade não tinha um idílio, a poesia do passado, saudosa a tantos, seria escárnio para mim.

Sinto que entre os espinhos do meu coração, esterilizado pelos desenganos, se esconde a serpente da dor. Deixá-la espedaçar-me; que a flor, deixada lá por ti, é das que viçam na terra da sepultura. Irá comigo!

II

Envenenaram-me a seiva da vida, quando, vergôntea débil, eu principiava a florir!

Não tive primavera. Desabrocharam em redor de mim tantas sementes que pareciam enfezadas no embrião! E vingaram todas. Fui eu só a árvore amaldiçoada.

Porquê?

Entrei, neste mundo, com o coração cheio de amor, com o amor santo de uma crença, com imensa candura de fé tão alegre para crer, para adorar, e para ser bom! Que mal faria eu a Deus, ou aos homens? Minha mãe era uma santa; meu pai era o anjo daquela mulher... morreram beijando o mesmo Cristo, oferecendo a Deus as mesmas virtudes, o mesmo amor, e os mesmos sacrifícios. Serei eu o holocausto de expiação das suas faltas? Não, porque um Deus caprichoso é uma blasfêmia!

Só, como a andorinha que perdeu o bando, como o naufrago que aportou sozinho a praias despovoadas, achei-me aqui, anelante de amigos, sôfrego de corações, e ansioso de pai, de irmã, de lábios que me bebessem das faces uma das mil lágrimas do órfão.

Ninguém, meu Deus, ninguém!

Eu tinha ouro: desperdicei-o. Tinha inocência: corrompi-me. Tinha generosidade: dissipei-a. Tinha brios: depravei-me.

E considerei-me moralmente morto aos quinze anos.

Enojou-me a vida. Zombei da Providência. Atirei com a lama do lodaçal

prematureo, em que me enlodei, à face da imagem de minha mãe. E disse muito alto, na presença dos homens, que este mundo não valia uma lágrima honrosa; que a chamada dignidade humana era um sarcasmo de hipócritas ao sofrimento.

Perdido aos quinze anos! Perdido para mim e para a sociedade! Tive horas de chorar-me! Oh! o homem é muito desgraçado quando tem compaixão de si!

Anjo da — minha inocência, onde estavas tu? Envolta a face no véu fúnebre do luto, choraste sobre o meu cadáver, e voaste a velar no berço um inocentinho? Não o deixaste seguir os meus vestígios?

Anátema! eu sentei-me cansado, na minha peregrinação, olhei ao longe o caminho que deixava, e vi grandes infelizes que me seguiram!...

Meu Deus! o homem será mau desde o ventre materno? A organização será o instrumento do crime? Aquele grito de Job resumirá o longo gemido dos milhares de infelizes que se revolvem no caos das almas, onde, ó Senhor, não mandastes à luz que se fizesse?

III

Era uma alma privilegiada aquela mulher! O anjo da tristeza roçou-lhe na face, e marcou-a. Nunca mais a viram rir. As virtudes esfolhavam-lhe flores no seu caminho; e ela regava-as com lágrimas proféticas de infinita desventura. Pendia o colo em humildade de vítima. Procurava entre os homens o seu algoz. E via nas estrelas do céu as lâmpadas do altar do seu sacrifício.

Pediu aos túmulos que lhe abrissem o seio. E os túmulos responderam-lhe que não eram os mortos algozes dos vivos.

Pedi ao Senhor que lhe afastasse o cálice da agonia. E o anjo da consolação não desceu ao Getsemani do anjo das lágrimas.

Encontrámo-nos a chorar.

“Vai teu caminho, filha do desgosto! Não roces esse manto poluído de manchas.

Olha que a desgraça é contagiosa. O mau hálito envenena. Os meus olhos fascinam com o fulgor da ira. Vai teu caminho, e não perguntes ao forçado das galés o peso do seu grilhão!”

Quis caminhar e não pôde. Expulsei-a com a força da minha última virtude, e vi-a imóvel.

Fatalidade.

Erguemos um marco no nosso caminho. Assinalamos aquele encontro. Duas existências vinculadas ao mesmo poste da ignomínia. Dois corações varados pelo mesmo punhal!... Quem pôde separar a onda do murmúrio? Quem pôde separar a luz do raio? Vivemos assim, e não podemos assim morrer.

“Eu, dantes, via-te brincar com as flores, minha pobre amiga!... Levou-tas o norte, quando mal te amanheceu a mocidade... Por que não brincas?

Quem te disse a ti que eu detesto as alegrias dos que me rodeiam? Por que não folgas?

Quem te diz que as minhas lágrimas não bastam para encher a taça do destino?

Não chores!...”

Chorava, sempre!

Queria dar-me a sua vida! Inocentinha, beijava os lábios, que lhe cuspiam na face!

Pomba resignada, pousava na mão, que a ferira de morte.

Adorava-me com devoção ascética. Nunca me encarou com olhos enxutos. Nunca me falou sem o sobressalto do respeito.

Dizia-me:

“Deixa-me assim morrer... Não tenhas compaixão de mim! Ser-me-ia um céu esta vida se pudesses amar-me... Não há outra? Deixa-me voar a um mundo donde possa velar os teus dias. Eu sei que és muito infeliz. A desgraça e o amor... repelem-se. O túmulo há de atrair-nos, não é verdade?”

Aquelas lágrimas estancaram-se.

Não a vi morrer... Mas ao Longe, muitas léguas distante daquele leito que entregava um cadáver ao esquife, na hora derradeira, senti o coração sobreexcitado.

E uma voz ouvi que me dizia:

“Morrerás daquela morte!”.

Meu Deus! Deixai-me contemplá-la no raio de uma estrela!

As minhas últimas orações rezei-as sobre o seu túmulo. Eram o eco amortecido das orações de minha mãe.

IV

São cinco horas da manhã. Os sofrimentos do corpo e as dores do espírito parece que me trituram a existência átomo por átomo. Estou fatigado de lutar com as agonias precursoras duma grande agonia. E, contudo, o homem é forte! Ainda tenho vida na inteligência, e energia na matéria. Posso ainda dizer que sofro. Posso ainda apertar a mão a um amigo. Dizer palavras de esperança e piedade a uma amiga. Reúno ainda as minhas reminiscências num ponto negro, que aumenta... aumenta até cerrar-me todo o horizonte da minha vida.

Foi-me preciso grande esforço para enervar esta máquina, ainda robusta, quando o espírito a não impelia. Eu era ainda forte, quando o meu espírito vital se resumia nos instintos mecânicos da organização.

Aos vinte e seis anos envelheci na matéria, e aos quinze envelhecera na alma.

Lutei onze anos. Hoje, sinto-me combalido como o cadáver, que estremece ainda, eletrizado pela faísca.

Sinto no peito uma consumpção vagarosa, mas dorida. Não sei que fruto de morte está sazonzando aqui ao pé do coração. Dissolvem-se as fibras que

prendem o motor à roda da vida. Sinto em mim este trabalho, que produz um, cadáver; este verme do coração, que me sorve o sangue, e me despede em vômitos aflitivos.

MORRERÁS DAQUELA MORTE!

E Laura morreu tísica.....

.....

Vou escrever a Miquelina, amiga lacrimosa, organização angélica, sombra derradeira das minhas afeições... É um feudo do coração, que eu pago àquela rainha de mil vassallos, que desceu do seu trono de risos para ajoelhar no meu estrado de lágrimas.

“Miquelina! Repara bem nas tuas cartas. Cada uma é um sorriso das minhas consolações. Escreves-me, há seis meses, e não conseguiste ainda acender uma luz, diante de mim, neste subterrâneo de trevas onde caí. Se pudesses esquecer-me!...

Miquelina! eu rasgo a, aliança que fizemos. Dissolve o vínculo do sagrado juramento que nos prende. Fica aí com a tua amizade, minha santa amiga. Dá esse tesouro dos anjos a algum mendigo de consolações, que possa aproveitá-lo. Ai! filha, eu não posso.

O fim da minha vida vai ser uma enfermidade repulsiva. O leproso de Aosta não queria que lhe enxugassem as suas lágrimas. Fraqueza de homem, que inclina a fronte fulminada pela desgraça sobre o regaço de uma mulher... não quero tê-la! Que podes tu fazer, Miquelina! Chorar? Não há lágrimas de sangue que me regenerem... não se entram as portas da vida com esse batismo... Não me julgas morto? Deus te permita um momento de elevação até ao meu martírio!... um momento só!.....

Não te disse eu que a imagem daquela mulher me esperava sentada na lousa do meu túmulo? Lá a vejo, Miquelina!... Se pudesses dizer-lhe que morro!... Não, não, pela tua honra, que a matas! Olha... não vês duas criancinhas, que lhe sorriem no colo? E depois... ai delas! Eu e tu seríamos os responsáveis de muitas agonias, que arrastariam à minha situação esses dois órfãos...

Adeus. Hei-de ver-te, quando puder erguer-me deste leito...”

V

É uma jolda de infames essa turba de biltres que volteia em redor de mim, contemplando, pasmada, os atos da minha vida.

Estúpidos, não ousam perguntar-me por que vivo assim. Devoram-se dum rancor selvagem quando não podem explicar as alegrias do espírito!

Esses homens saíram pela porta falsa dos bordéis, e vieram syndicar as minhas imoralidades.

Ao filho da inteligência, que arrasou as barreiras hipócritas das conveniências, chamaram-lhe devasso, através da máscara traiçoeira da opinião pública.

Abri as vossas portas, fariseus da desonra! Queremos as orgias dos vossos salões!

Vossas mulheres enlanguescem no torpor voluptuoso das Faustinas. Vossas filhas, prostituídas na alma, adjudicam-se ao mais hipócrita de vossos comensais.

Hortênsia foi vendida por seu marido, pontífice da moral do universo. Mas as vossas preleções de decoro não encantam os ouvidos como as orações de Cícero.

Tragai, silenciosos, o cálice da desonra: não apostoleis. Scarron viu a mulher nos braços dum amante, sufocou a afronta, e não veio às praças perguntar quantos eram os devassos amantes da devassa Ninon.

Não posso respirar a podridão do cadáver, embora a envolvam num crepe dourado.

Estes sórdidos, que se arreiam da libré beatifica de austeros, enojam-me. Digo que não há Deus, nem há justiça, quando o crime clandestino é abafado pelo ouro com que se enroupa. A sociedade absolve as infâmias do rico. As virgens, arrastadas pela fome a um leito de ouro, não gravam com lágrimas na fronte do algoz um sinal de reprovação.

Maldita seja a sociedade!... O homem é a desonra do Criador!...

Tenho febre...

Perdoai-me, testemunhas lagrimosas das minhas tribulações, almas queridas que me seguistes até este leito, última paragem da minha carreira!... Perdoai-me!

VI

Quando olho daqui para esses retalhos de vida que espalhei na minha trabalhosa carreira de dez anos, introverto-me, pasmo, e vejo em mim os destroços de uma luta dilacerante entre um anjo e um demônio.

No mesmo dia, e na mesma hora abençoei o mundo com saudações angélicas, e amaldiçoei-o com imprecções satânicas!

No mesmo dia, e na mesma hora busquei a felicidade na virtude, e saciei as minhas ânsias na voluptuosidade do crime.

Vi a mesma mulher vendada por amículo da inocência, e falsificada com máscara de impostura.

E estes homens, que se chamam meus irmãos, pela semelhança do organismo, chamavam-me: “visionário, extravagante e romanesco”.

Escórias do espiritualismo, máquinas de deglutição, quem lhes permite rasgar a crusta de matéria que os separa da região das almas? Quem pôde insuflar alma no molusco, que sente a dor sem a consciência da mal, que saboreia a nutrição sem a consciência da vida? Quem disse ao réptil que se elevasse do rasto da sua condição paraacompanhar o voo da águia, que se roça pelo flanco das nuvens?

Eu sei que adormecia ao repontar da alva, quando a pálpebra, úmida de pranto, parecia ter contadas as lágrimas daquela noite.

E no dia dessa noite quantas ilusões me alvoreciam no seio, quantas esperanças eu colhia no meu imaginário jardim!

O amor, esta, ânsia, esta sede sôfrega, este afogueado aspirar e arder... O AMOR... foi a minha vida inteira.

Ouvi palavras de mulheres, que as vendiam por uma pouca de vaidade. Vi sorrisos maquinais, que me pareceram expansões espontâneas do coração.

A mulher confundia-se com a atriz.

E, depois, vinha a hora da reflexão. O espinho da dúvida cravava-se na corda vibrada pela mão da poesia. O som da profecia perdia-se nas ruínas deste mundo íntimo, que me dera o estro. E a ave das trevas carpia, na longa noite da alma, os seus gemidos de desolação, pousada nas ruínas donde fugira, ao escurecer, a alva pomba da fé.

Quantas mulheres amei eu com devoção, com desesperação, com demência?

Não sei! Lembra-me que foram muitas, e que, no rápido fugir duma hora, amava com paixão impetuosa uma eternidade. Uma hora foi, muitas vezes, o espaço de tempo em que eu vivi com o entusiasmo, com o fervor de uma idolatria, por longos anos sofreada.

“Amar uma hora!” diziam, a rir-se, estes realejos inalteráveis, chamados homens constantes, que vos dão, todos os dias, a mesma música, as mesmas frivolidades glaciais, e a mesma simetria na disposição do seu programa amoroso.

“Amar uma hora!”

Estes homens-vegetais são como o cascudo tronco dum sobro de quatro séculos, que, na longa estação da sua vida, não viveu um minuto pela exaltação do espírito, e pela vibração da mais pequena de suas fibras. Os chamados “constantes” são assim organizados. Quando Lamartine lhes diz que o minuto dum homem tem mais vida do que os quatro mil anos dos cedros do Líbano, riem-se. E o riso alvar destes detraidores do coração primoroso, e, portanto, infeliz, tem alguma coisa em si que me contrista e nauseia. Envergonho-me de pertencer à espécie humana, quando o naturalista me diz que tal homem é meu irmão.

Mentira!

O espírito repele com raivosa indignação a ignomínia que a ciência impõe ao homem da inteligência, irmanando-o com a estúpida máquina, também chamada homem, porque ostenta uma posição vertical, uma cabeça altiva, e umas pernas, que lhe dão domínio no espaço que calcam.

Chatterton será irmão do imbecil, que morre de fome, sem a coragem do suicídio?

Armand-Carrel, que morre varado de uma bala em desforço dum melindre, será irmão do carrasco, que recebeu a vida com a condição de exercitar a estrangulação, segundo a lei?

Joana d'Arc, a mulher que atravessa de vitória em vitória até vestir de lavaredas o seu espírito de fogo, será irmã dessa amante de Luís XV, que, ajoelhada no carro da morte, pedia às turbas que a salvassem do patíbulo?

Aristóteles! tu sim... Escreveste, há dois mil e duzentos anos, uma verdade eterna!

(Há na espécie humana indivíduos tão inferiores aos outros, como o corpo é para a alma, ou o animal para o homem; estes seres são próprios unicamente para os trabalhos do corpo, e Incapazes de fazerem coisa mais perfeita... Arist. Polít.)

VII

Uma paixão, aos vinte e três anos, no homem que envelhecera, fatigado de abalos e desastres; uma paixão, que nos surpreende com um desmentido cruel à consciência em que vivíamos da nossa atonia de espírito, é uma transição da neve, que nos regela, ao fogo, que nos abrasa... e uma suprema desgraça!

Foi na noite maldita daquele baile. Achei-me na presença daquela mulher.

Acobardei-me como aos treze anos. Estremeci. Amesquinhei-me à vista daquela frágil criatura, que tremia diante da minha famosa altivez de espírito. Um coração de rocha, fendido pela vara miraculosa da fatalidade, manava jorros de lágrimas.

Eu fechara-me num túmulo. A dor expansiva, a exuberância de fel, o ímpeto do homem vivo contra a lousa forçada, partiu-a! Respirei o ar da vida, naquele momento.

Pareceu-me lindo o céu, e encantada a minha existência.

Hora ditosa, oásis santo do meu abraseado caminho, magia do céu, sorrir de anjos, remissão do meu inferno incomportável!

Devera ser a última aquela hora para mim! Fui homem então! Bendisse com devoção o meu Criador, que depusera no filtro das agonias todas as fezes do meu drama de crimes, e me julgara digno de uma hora de virtude, e me coroara

de não sei que auréola celeste, e me abriera as portas do éden, e me dera a Eva da regeneração, para que a culpa que infelicitou uma pobre mulher fosse remida por outra!.....

.....

Não posso! Tenho fogo no peito, e contorço-me neste leito sem encontrar a menos atribulada das posições!... Esta solidão é o remanso do pensamento... mas a dor do corpo não me deixa a liberdade das reminiscências... Eu sofro muito!...

JÚLIA... Ao menos o teu nome... JÚLIA! Que existência a nossa!...

VIII

Não podia ser minha... Venderam-na! Vítima humilde, beijou as mãos do sacrificador!... Matou em si as mil formosas vidas, que sonhara... Pendeu a fronte fulminada pela desgraça, e regou de lágrimas estéreis a algema de cativa! Pobre criança!

Amanhecia-lhe o seu dia de beleza, e fizeram-lhe cobrir o rosto dum véu, que só devia erguer-se na presença de seu senhor! Nascera debaixo do sol europeu, nutrira o espírito da seiva do livro de Jesus, julgara-se emancipada da servidão ignóbil, vergonha das nações incultas, e aqui fizeram-na odalisca, serva de harém, segregada do mundo espiritual, e posta aí no museu de regalos, como coisa que representa um preço, um capital, uma propriedade!

“Era pobre e fizeram-na rica!... Deve ser escrava!...”

Almas sórdidas! Foi assim que me responderam os impudentes apologistas da chatinagem de mulheres!... Estes tais eram os honrados na aura popular. Honra!...

Quando a civilização aniquilou os contos onde o assassino, o infame, e o sacrílego se refugiavam, abrigados pelo privilégio do nobre, veio o refúgio da honra, essa amarra de salvamento a que se apegam muitos bárbaros de coração!...

Era pobre: fizeram-na rica... Deve ser escrava!”

E é! Bem sabiam eles que a pobre mulher não respiraria um gemido na hora amaldiçoada da sua renúncia de coração, de pensamento e liberdade. Despida das galas, que a esperança lhe vestira à feição da sua alma angélica, Júlia sepultou-se. As trevas, onde a fizeram rainha, não contaram ao dia as suas lágrimas. O céu nunca mais recebeu o perfume daquela flor. E os homens, que a viram ir, toucada de rosas e diamantes, pensaram que as rosas fanadas valiam menos que os diamantes esplêndidos!

IX

Era tudo silêncio em redor de nós.

Vinha de longe um murmúrio. Era o eco da minha alma, que falava com Deus, além, no infinito dos céus. Era o som plangente da onda, que vinha trazer à praia a nota partida do hino santo, que sobe a Deus da amplidão dos mares.

Júlia sentara-se ao pé de mim, triste como Raquel, e silenciosa na sua angústia como a viúva de Naim.

Caía-lhe um raio de prata sobre o coral dos lábios. A alvura das faces empalidecia-lha o reflexo da lua. Nos olhos amortecidos via-se a beleza desbotada pelo delir das lágrimas. Mas era bela como a filha duma divindade! Era sublime de santa poesia!

A alma daquela mulher resumia, neste momento, as dores de longa vida.

Nascera para a virtude austera. Bebera nos seios duma santa o leite da religião.

Afizera os ouvidos do espírito ao cântico da esperança, cuja nota final balbucia o justo no seio do Senhor.

E a violência empeçonhara-lhe a fé, denegrira-lhe as noções da justiça, desmentira-lhe o influxo da providência nos atos humanos, e dissolvera-lhe os vínculos sagrados que a prendiam ao céu pelo sagrado liame da virtude.

E calara esta revolução dilacerante que sentira em si.

Nem ela tinha um irmão, uma amiga, a quem dissesse: “A virtude é mentira.

Sofro resignada, não por me aterrar da culpa, mas porque não posso ser culpada!”

E este grito das entranhas, este estalar de coração, que se parte pela fibra mais dolorosa, fugira-lhe dos lábios, pela primeira vez, na minha presença, a sós comigo.....

O juramento que eu fiz era uma renúncia da minha alma com todas as suas aspirações.

Vi um futuro de flores, regadas de lágrimas, mas... vi um futuro!...

Nessa hora senti esta dor, que me calcina o peito... Ao transpor os umbrais da vida, encontrei a morte...

TÍSIKO!...

E ela ajoelhou-se, pedindo a Deus, com ansiedade extrema, a minha vida!

Inocente, ainda tinha fé!...

X

Paz, meu Deus! àquela mártir,
mártir humilde, que chora,
só, calada em sua angústia,
e, inda assim, sofrendo, adora...
Adora os ferros que a pungem
adora as leis, que a sepultam
nesse abismo, onde tão raro,
nobres lágrimas se ocultam.
Adora o cálice da morte,
lenta morte imposta à escrava,
que sorri, se os lábios roça
no violento fel, que trava.
Sobre o seio, arfando em ânsias,
pende a fronte fulminada...
Ouve um grito... É a consciência
que lhe diz: “foste comprada!”
Véu de luto inconsolável
cobre a face ao anjo expulso...
Vê que a honra imposta ao pranto
à desonra imprime o impulso...

Quer vencer-se... quer a vida...
Delirante, ansiosa, diz:
“Quero a luz, o ar e a esperança...
Quero a vida, e ser feliz!”
Olha em torno... vê algemas...
Olha ao longe, e lá fulgura
uma estrela... a liberdade...
Mas... ao pé... a sepultura!
Triste!... triste até à morte!...
O perfume destes céus
esta luz, o ar, a vida,
pobre escrava, não são teus!

Quando eu me acolhia no regaço carinhoso da musa dos túmulos, saboreava confortos de paz, que já agora não sinto. Pedi à corda de ferro do meu alaúde um cântico, que fosse o último... o último que fosse o mais orvalhado de lágrimas!... É um engano! A poesia não é a linguagem do infortúnio... Nos gemidos não há harmonia! Das notas, que fogem partidas ao coração, não se formam hinos!

São gritos convulsivos de desesperado.

XI

Júlia! recordas aquelas noites, que passavam como as sombras derradeiras da nossa felicidade? Não as viste, como o débil reflexo de uma luz, que já não pode atravessar as trevas interpostas entre a esperança e o desgraçado.

Que doce me não era o chorar então! Os anjos falavam-me naquelas melodias da música! Eu já vi anos depois, que limpavas lágrimas, quando os mesmos sons te acordavam na alma as doridas reminiscências daquelas noites. Pensavas tu que o anjo da saudade queimara as asas cândidas na flama da paixão? Cuidavas que a saudade imortal não renascia das cinzas nunca arrefecidas?

.....

E, depois, Júlia, eu não quis morrer no prolongado flagelo, com que a minha própria consciência me punia. Fugi de ti, como se foge à desonra, como se foge às cavalações dum inimigo traidor!

Debatiam-se numa luta de rancorosa vingança duas facções, aguilhoadas pelo espinho sangrento do interesse sórdido.

Alistei-me nas fileiras mais rareadas; ergui do chão a arma, que caíra da mão dum cadáver; perfilei-me no local onde se finara um homem, que adorava a existência.

E as balas, em redor de mim, semelhavam não sei que zumbido de demônios, que apupar sarcástico às esperanças, que me trouxeram ali.

Sabes tu que a vida é uma zombaria à desgraça?

E quando o sangue espadana as faces, e quando o ranger dos ossos arrepiava as carnes, e quando a cabeça do morto, impelida pelo pé do vivo, bate, no fundo da cova, sobre o crânio partido do companheiro... então, Júlia, recrudescem os ódios à sociedade, faz-se o tédio no coração das ilusões da vida, nega-se a virtude e a honra, duvida-se de Deus e da justiça, blasfema-se de céu e terra.

E eu maldisse a hora do meu nascimento.

Chamei-te, e vi-te, ave do céu, librar as asas esplêndidas entre a nuvem cerrada dos vapores da polvorada. Ouvi o salmo cadencioso da tua voz, cantora do céu; por entre o silvar agudo das balas, e o reboar cavernoso dos canhões.

Misto do céu e inferno, lá ficam no lento arrastar da minha vida, esses dias em que a minha alma se avinculou à tua imagem, porque eu não queria abraçar a morte sem pronunciar o teu nome.

O adversário, que me varasse com uma bala, seria o sacerdote, e o fosso dos cadáveres o altar de nossas núpcias.

A morte escarneceu as minhas últimas esperanças!... Escarnecido sempre!...

XII

Dizem-me que, lá fora deste quarto, se respiram aromas da formosa natureza que renasce. O céu dizem-me que é azul como a superfície dum lago em tardes de agosto. O ar, temperado pelos raios tépidos do sol de abril, coa não sei que alegrias na alma, onde a poesia da primavera rebenta em viçosas estrofes como os gomos da madressilva. Eu já senti o que eram estas galas do espírito, festejando a bem-vinda dos poetas, a fada radiosa de grinaldas, a inspiradora

dos cânticos matinais, a virgem leda, que se assenta nas quebradas dos montes, esparzindo pelos valados perfumes de rosmaninho, e lençóis de águas cristalinas.

Hoje!... eis aqui a minha última paragem... Um leito requentado pela febre de três meses, e um ar impregnado desta bafagem tépida das exalações corrompidas do pulmão, que se desfaz!

Não me falem do sol, que eu tenho saudades do sol!... Não me digam, que fora deste filtro onde sinto coarem-se-me os átomos de vida na sepultura... não me digam que, fora deste quarto, há o alvorecer dum belo dia de março, um ar cheio de vida, um céu cheio de júbilos, e uma primavera fecunda de saudades e êxtases!

É matarem-me mais cedo!... é zombarem do moribundo, que não pode morrer tranquilo, se lhe disserem que o mundo é belo!...

Mentem!

O mundo é horrído como o aparelho dum cadafalso! Eu venho daí fugido, com as faces escorrendo sangue, com os olhos petrificados pelo terror, e com o coração cheio dum amor impestuoso, e exausto de alentos, que me amparem na esperança de ser feliz uma hora!.....

Sábios da terra! vinde aqui ao leito dum mancebo, que vos quis acompanhar os voos audaciosos!

Sábios da terra! dai uma esmola de ciência a este mendigo de consolações, que bateu às portas do mundo, rico de confortos, e foi repellido como o pobre da parábola de Cristo!

Sábios da terra; dizei-me se o homem acaba no homem; se a campa é o último alcáçar desta realeza, que tem por dossel o firmamento cravejado de milhões de lumes!

Sábios da terra! dizei, se passados alguns dias, este corpo, ulcerado pelos vermes da enfermidade, vai ser o vil pedaço de barro, que o gusano dos túmulos acaba de pulverizar!

Dizei-me, oráculos! É mentira a alma? É mentira Deus? É mentira os mundos, que lá em cima caminham, como caravanas, que levam regiões de espíritos à região do Supremo Ser?.....

PROFISSÃO DE FÉ DO SÉCULO XIX (*De Eugênio Pelletan*)

Aqui está um livro, que resume os trabalhos da inteligência humana, desde que as gerações tiveram a consciência da sua história, e a tradição do seu princípio. É este o fecho da abóbada para a qual todo o homem inspirado conduziu unia pedra. Eis aqui a profecia do último profeta.

Consultemos a sibila, que fala em nome das gerações idas às gerações vindouras.

Consultemos o arcanjo da civilização, que faz soar a trombeta, e chama os homens à ressurreição da ideia, morta nas agonias do materialismo. Paremos diante de Jericó, cidade da mentira e da superstição. O Josué restaurador fará soar a trombeta; e veremos então a terra da Promissão, o reinado do espiritualismo! Que fale o profeta deste século, e eu possa adormecer no meu sono eterno, acalentado pelo seu hino!

“(Cap. XXXI.)... Mostrei-vos a vida humana sobre o planeta, mostrei-vo-la cada vez mais ativa, cada vez mais expansiva no tempo e no espaço, cada vez mais divina pelo sentimento e pela ideia, cada vez mais independente da natureza e da matéria, cada vez mais espiritual, íntima, e pessoal, enfim. Mas é isto bastante? O progresso, debaixo do sol, limita-se ao fato vivo, ao homem carnal, que vemos e apalpamos? O nosso destino resume-se num átomo que se esvai num túmulo? A morte é o termo derradeiro desta magnífica Ilíada do progresso, que eu desenrolei perante vós? A aparição do homem na cena de Deus termina por uma brincadeira?

Eis aqui um criador de ideias, um gênio. Viveu e pensou. Subiu tão alto quanto pode subir um homem. Entreviu, pela ascensão da sua inteligência, um ideal imenso. A sua visão inspirou-lhe necessariamente imensos desejos. A morte vem no auge da sua aspiração — da mais sublime explosão do seu destino. Extingue-lhe da retina o raio luminoso, sufoca-lhe nos lábios a palavra, apaga-lhe no corpo a eletricidade e a luz, arrebatá-lhe os instrumentos da vida, e repele com o pé o resto ao nada.

O nada! Que palavra eu disse, amigo! O nada! O ser, em toda a sua plenitude, repugna e foge a tal pensamento. Instinto, razão, sentimento, consciência, tudo em nós, até à última fibra do corpo, protesta contra nossa própria destruição. O nada! mas então Deus não exaltaria os melhores, os privilegiados do espírito à contemplação do seu esplendor e da sua sabedoria, senão para precipitá-los de mais alto num castigo terrível!

Aperfeiçoaria, sem cessar, a vida: impulsá-la-ia incessantemente para o progresso, para abandoná-la depois, em meio caminho, ansiosa e desesperada? Imporia ao homem a ciência, a meditação, esta virtude da alma, unicamente para ter lançado de impor-lhe mais imprevista pena o requinte do nada!

Mas, se o nada fosse o derradeiro termo do ser, porque seria tão longa a viagem a tal fim? Porquê tamanhos esforços por chegar finalmente a ser aquilo que todos são de per si, sem empenhar esforços? Por que criar a humanidade para a deixar interrompida, suspensa, sem significação possível, sem conclusão? Por que principiar uma criação para suprimi-la? Deus teria de principiar por onde acabou — pelo nada. Não teria ao menos feito o homem testemunha da sua impotência ou da sua injustiça. Em verdade não sei porque discuto o nada!... só a palavra é uma blasfêmia! Graças a Deus, neste instante, discutimos com o silêncio, porque o completo aniquilamento da vida humana não tem, no século XIX, um só filósofo.

O homem de nossos dias crê na vida futura. Porém, como, com que sol, com que forma, em que teatro? Eis aqui toda a questão. Vou examinar rapidamente convosco cada sistema de per si.

Há uma escola, que pretende que o grande todo humano, o grande Pã, é o único imperecedouro, o único imortal; que cada vida, individualmente tomada, é uma manifestação, que vem, passa, foge, desaparece sem jamais voltar. Dada a morte dum homem, a natureza retoma a matéria que emprestou. O corpo torna ao cadinho de misteriosa alquimia. Cede a outros seres a sua molécula. Flutua disperso no espaço. É árvore, flor, rochedo, húmus, sopro, nuvem, vapor.

Pela mesma razão, e da mesma maneira que a natureza retoma, átomo por átomo, a matéria — a humanidade que é para o espírito o que a matéria é para o corpo humano — sua universidade e unidade — retoma a alma, depois da morte, pensamento por pensamento. Um gênio, Orfeu, por exemplo, é morto.

As ménades dispersam ao longe os pedaços do seu cadáver. Sua cabeça, levada na corrente do tempo, murmura ainda uma palavra eterna. O espírito humano revive assim em cada ideia, em cada lição que ele emitiu, e transmite desde o seu alvorecer até ao seu ocaso de luz. Assim a imortalidade de Homero é a sua poesia.

Ninguém por certo negará esta imortalidade. Sim, uma parte da nossa alma fica na terra, depois da nossa existência. Flutua indefinidamente de metempsicose em metempsicose, incessantemente retomada, contínuo aviventada por uma nova geração.

É a nossa sobrevivência aqui; nossa perpétua presença entre os vivos. Quem quer que tu sejas, ilustre ou obscuro, desde o momento em que pregares o bem e o bom, a uma criança que seja, serás sempre presente a esta alma assinalada por tua mão, e impregnada de tua palavra. Mas será isto verdadeira imortalidade? Um nome, uma lembrança, uma palavra, uni eco disperso, errante, à ventura, na memória?... A obra seria, então, mais imortal que o obreiro, um minuto de vida teria mais poder que a vida inteira. Dizei antes que o efeito é superior à coisa, que o movimento é superior ao motor, que o espírito comunica a sua duração ao ato, mas que a renúncia, que a perde, como a abelha abdica a vida no fermento, que faz. Mas não! A consciência protesta contra semelhante paradoxo do destino... Se o gênio é imortal na sua criação, o eu humano, que constitui esse gênio, é imortal também.

Uma outra escola, que mais respeita a esta nonada (*Segundo Leibnitz — o elemento simples dos corpos*), a esta entidade íntima que denominamos “nossa alma”, nossa personalidade — afirma a ressurreição, a perpetuidade do homem, mas sem a memória, ou com a memória confusa do seu estado passado. Esta escola argumenta por analogia, e diz: se o indivíduo deve viver ainda, é que já viveu; porque a imortalidade repele a ideia de fim e de princípio. Ora, aqui em baixo, não há algum conhecimento de vida anterior, além das entranhas maternas; logo a vida anterior é para o homem um estado imperceptível.

Mas, sem a memória, a ressurreição o que é? Que é a personalidade, sem a consciência?

Não é um ente ressuscitado que vós mostrais, um ente continuado — é um ente de nova criação, um ente novo. Entre a imortalidade e o nada qual é a diferença? O que eu ai vejo é um nada num círculo vicioso. Inutilmente, para repelir a objeção, quereis renovar a doutrina da reminiscência confusa, inventada por Sócrates, quando os vapores da cicuta lhe toldavam o cérebro. Apagais a lâmpada, e deixais a torcida que fumeja ainda. Que quereis vós que eu faça duma cintila que não brilha, duma memória que nem sequer se lembra da sua identidade?

O homem, dizeis vós, não tem a consciência do seu estado anterior. Tendes razão; mas que quereis concluir daí?

Não sabeis que a vida é progressiva, que marchou, lenta e sucessivamente, do fluido ao mineral, do mineral à árvore, da árvore ao animal, antes de chegar ao homem, seu último termo, seu último progresso, e que só no homem tem conhecimento da sua entidade? Não direi que ela tem uma memória; mas uma consciência, sim. Por que é que quereis que o homem possua uma personalidade em uma época em que a personalidade não estava ainda formada? quando errava ainda debaixo de formas preparatórias, e através dos limbos obscuros da sua existência?

Uma terceira escola, tradição prolongada do bramanismo em nosso século, diz que a vida imortal é uma encarnação sucessiva da alma em um outro corpo, uma emigração, uma palingenesia perpétua do indivíduo no seio da humanidade. Se esta metempsicose fosse possível, todo o sofrimento seria legítimo, porque seria a consequência, a expiação de vida passada. A caridade veria no homem desgraçado o crime de outrora. Recearia ela, estendendo-lhe a mão, rasgar antes de tempo o decreto do Senhor. O progresso paralisaria, pois, para certos homens, para certos gênios, que lugar encontraríeis vós?

Ó Platão! ó meu mestre! ó apóstolo santo do idealismo! como se daria que, todas as vezes que tomasses debaixo do sol um manto vivo e um nome de homem, cumprisses um progresso, de ti para ti, em graça, em poesia, em profundidade, ó tu, que há longo tempo, estás sentado na tua cadeira ebúrnea, ó maior e o mais inspirado entre todos os filósofos teus sucessores?

Decerto, há aí — e eu sou o primeiro a reconhecê-lo — continuamente, transmissão do século ao século, do pai ao filho, de todas as ideias e de todas as noções do passado.

Se neste instante, abrissemos a alma de cada homem promovido à inteligência, e lhe decompuséssemos cada fibra constitutiva, encontraríamos aí, camada sobre camada, as ciências diversas, as diversas verdades, que a série inteira das gerações encontrou sucessivamente. Aí veríamos, que cada um de nós, em tal ou tal ideia, é alternativamente índio, hebreu, assírio, grego, romano. Neste sentido, mas só neste sentido, a vida individual, elevada, em nossos dias, ao máximo da inteligência, é a encarnação de toda a humanidade. É por isso que a humanidade é eterna, que não tem passado, nem presente; e que a vida e a morte, no ponto de vista intelectual, formam um só pensamento sempre vivo, sempre idêntico, sempre continuado. Mas esta metempsicose é a encarnação da obra na alma, e não a alma na sua essência. Procede não por via de geração, mas por via de educação.

Enfim, uma quarta escola, puramente mística, proclama que a alma, depois da dissolução dos corpos vai receber diretamente em Deus a sua recompensa. Exalta-se a um céu invisível, incorruptível, para viver a sua eternidade fora de toda a manifestação, de toda a condição de espaço, em uma completa imobilidade, em uma completa imutabilidade, ignorante ou sábia, inculta ou desenvolvida, pouco importa, participa igualmente, pela adoração e contemplação, da beatitude e plenitude da Divindade.

Esta vida imortal, se pudesse existir fora de uma imaginação exaltada pelo ascetismo, seria evidentemente a comunidade — ainda mais — a promiscuidade da ressurreição. Seria igual a remuneração, a felicidade nas almas desiguais em virtude e em conhecimento. Suprimindo a ideia do espaço, suprime-se a ideia de ser, e a relação do finito com o infinito suprimindo o progresso. Não pode conceber-se o ente vivo sem concebê-lo ativo, e ativo sem concebê-lo agente, desejoso, mudável, passando duma a outra forma, dum a outro pensamento. Mas o homem perdido, esvaído em Deus, sem desejo, sem mudança, eternamente cheio da sua própria eternidade, ou seria o infinito, ou seria o nada de joelhos diante do infinito. Eu não me canso a discutir esta hipótese.

Remeto-a a toda e qualquer doutrina, que supre com o milagre o argumento.”

XIII

A leitura fatiga-me. À hora da morte, estudar o segredo da morte é muitíssimo doloroso. A mão quase arrefecida pelos gelos do cadáver, não pode já erguer a cortina do santuário dos túmulos. Ainda assim... é necessário criar uma esperança!... Eu quero a imortalidade! Preciso que esta ânsia da minha alma se não quebre debaixo duma pedra! Quero uma flor no céu, orvalhada com as lágrimas, que eu derramei aqui num chão estéril. Oh, meu Deus! a minha coroa de espinhos não seria nunca um diadema glorioso da vossa justiça!

Deixai pois perguntar ao padecente, que conta, no oratório, os escassos minutos, se os horizontes da vida são marcados pelos postes do seu cadafalso!...

Responde-me tu, homem de Deus, inteligência de anjo vidente dos destinos que traduzes, talvez, na terra, a página, que leste nas estrelas do céu!

“A humanidade crê na imortalidade com uma crença irresistível, eu o sei, de diversas maneiras e por diversas razões. Mas esta diversidade não ofende; pelo contrário confirma a crença. Nenhuma hipótese é absolutamente falsa, como podemos já prová-lo.

Cada teoria contém uma parcela de verdade. Eu vou mais longe, e acrescento: longe de rejeitar a previsão, por não dizer a presciência de uma vida ulterior além da agonia, como uma quimera, como um erro destinado a fugir diante da inteligência, o homem reconheceu sempre, e proclamou, cada vez mais na razão direta do seu aumento de razão, a realidade, a necessidade da ressurreição. Quanto mais vivia, mais a vida, rica de sentimentos e ideias, lhe raiava no futuro, gloriosamente refletida em um outro hemisfério de existência. No princípio, ignorou a imortalidade; mais tarde, entreviu-a; mais tarde ainda, afirmou-a; mas como a civilização de então era, sobretudo, material, o homem proclamou simplesmente o renascimento da matéria. Só o corpo ressuscitava, e cumpria as simples necessidades corpóreas em outro teatro. Bebia, comia, pelejava, dormia. E, à medida que o progresso, sem cessar crescente, elevava o homem pela inteligência, e subordinava a sensação ao pensamento, a fé no mundo futuro tomava um caráter mais ideal e moral, de certeza. O homem via na imortalidade a sanção do seu destino aqui, a sua remuneração. Compreendia que a sua segunda existência avançaria necessariamente no sentido do

progresso, continuaria a primeira existência ampliando incessante em si, e em redor de si, a personalidade e a ideia.

Assim, a crença na imortalidade é progressiva como a humanidade, como a civilização. Esta prova devia satisfazer o espírito. Mas o espírito é mais inquieto, quer ir além: saber de baixo de que forma e sobre que cena deve reviver. Assim posta, é insolúvel a questão — convenho eu nisso; porquanto, para conhecer uma outra vida, é preciso vivê-la; para conhecer o segredo da morte, é preciso morrer. Queremos que a alma viva duas existências: a que é, a que não é ainda. Ah! meu Deus!... vivamos, e esperemos. Tenhamos confiança... e não nos impacientemos com a nossa eternidade.

Entremos numa outra vida, como entramos nesta, com os olhos fechados.

Contudo, esta resposta não satisfaria a minha consciência. Eu devo ainda uma prova à necessidade da certeza. Eu posso achar na vida atual a presunção da futura, e concluir por dedução. Porquanto, se a imortalidade é uma prolongação, e não um rompimento do ser, comecemos por investigar o ser continuado, e poderemos pressupor a continuação.

Esperar a imortalidade? — não me exprimi bem. Não temos necessidade de esperá-la para proclamá-la, para vê-la tão invisivelmente como no dia do nosso enterro.

Realizamo-la, cada dia, em nós: possuímos-la já. Temos uma faculdade íntima, misteriosa, que denominamos com um nome vago, e muitas vezes falso — a memória. Lá vem sucessivamente, e sem interrupção, fixar-se, aliar-se, tudo o que vivos, sentimos, aprendemos, quisemos, conhecemos e amamos. Não há em nós uma ação, uma virtude, uma falta, um conhecimento, uma ideia, que lá não vá e aí não fique insculpida como na lâmina de prata do tabernáculo. E a memória o que é que recebe na hora, que passa, em sua dobra profunda? É o fato puramente físico, acidental, contingente, passageiro, o repouso, o movimento, o dormir, o sonho, a nuvem, o ruído, a flor, a comoção do momento? Não. A hóspeda desdenhosa deixa ir, e fugir a sensação a todos os ventos do finito. Acolhe, pelo contrário, e acumula preciosamente tudo que participa, de perto ou de longe, com a ideia de infinidade, de eternidade: a ciência, a poesia, o entusiasmo, a verdade, a beneficência. Uma vez entrada na

memória e transfigurada por ela, a recordação é imortal! Não aproveis ainda, mas esperai:

Em verdade o ato anterior à recordação pertence exclusivamente a um espaço e a um instante dados; mas, uma vez convertido em recordação, não pertence nem a este nem àquele dia, nem a este nem àquele lugar... Está sempre presente, sempre inteiro.

Pode ser evocado sempre, sempre recordado. E como é que a língua humana denomina o que está fora do tempo? Denomina-o imortal, creio eu. E onde nutre a recordação a sua imortalidade? No seio da memória. A memória é uma, inteira, idêntica, independente do local e do tempo, hoje o que ontem era, reproduzindo e regenerando sempre da mesma maneira, sem mais nem menos, a noção, a verdade que ela, uma vez, adquiriu. Eis aqui um homem distraído na impressão do momento, vagando de sensação em sensação. Vive no exterior. É músico, suponho eu. Um sinal revoca-o à orquestra.

Acorda em si o pensamento, e a harmonia salta do seu instrumento, e ele tem a certeza de encontrar, em qualquer instante da sua vida, a sua ciência. Confia na sua memória como se ela fosse já, nesta vida, uma imortalidade. Começais a compreender o mistério?

Prossigamos.

Este ser interior e constante, que sentimos sempre, e que denominamos memória, é, pois, desde esta vida, o ser imortal, ou antes o embrião destinado à imortalidade, que nós propriamente formamos e constituímos, cada dia e cada hora, com nossas obras, estudos, aspirações e virtudes. Todo homem na terra por decreto divino é o criador da sua própria eternidade, ou, mais exatamente criador do lugar que ocupará na eternidade. Tal lugar não o recebe das mãos da morte; conquistou-o de antecipação.

Neste mundo, toda a ação participa da ideia da infinidade. Quanto maior quantidade de raios desta infinidade misturardes à vossa existência, e maior heroísmo e entusiasmo empregardes nas funções da vossa imortalidade, tanto mais verdades e simpatias tereis em vós, como estâncias ascendentes, que vos elevam ao céu; quanto mais vos engrandecerdes em essência e força, e maior testemunho derdes da duração, tanto mais profetizareis à vossa alma séculos

de esplendor. E quando entrardes na morte... — não digo bem — na vida eterna, Deus se levantará para receber-vos.

Onde, e em que grão de pó? Não sei. Há de o homem, seguramente, ignorá-lo sempre. Mas, pela irresistível lógica da ideia, eu creio poder afirmar que a vida imortal terá o espaço infinito por lugar de peregrinação, porque a eternidade e a imensidade são de tal sorte solidárias, de tal sorte dependentes uma da outra, que, apenas, interpelada e chamada uma, invoca e espera sempre a outra, como sua inseparável companheira. O homem irá, pois, continuamente de sol em sol, subindo sempre, como sobre a escada de Jacob, na jerarquia da existência; passando sempre, segundo o seu mérito e seu progresso, de homem a anjo, de anjo a arcanjo. Mas esta migração perpétua no seio do espaço é possível, e acessível razão? Vede: cada mundo está rodeado de insondáveis precipícios. O dedo de Deus interpôs uru passadiço duma a outra margem, para o trajeto da larva errante da alma, que foge do túmulo.

Aceito a objeção. A alma humana, bem o sei, não pode viver em parte alguma sem estar envolta na natureza, ou em substância da natureza. Mas, para responder a tal dificuldade, a ciência não depôs em nossa alma uma suspeita, ou mais que uma suspeita? A fisiologia não provou já que a alma, sequestrada da matéria, de nenhum modo em contato com ela, ainda a domina por meio dum medianeiro, que se chama o fluido nervoso, e reside no cérebro no centro deste fluido? A ciência não provou ainda que o fluido nervoso era exatamente o fluido elétrico, modificado somente pelo organismo vivente; de sorte que se possa dizer que a eletricidade é o primeiro invólucro da alma, e a sua atmosfera? Sobeja-me esta prova. Como a eletricidade está universalmente derramada no espaço, posso supor, sem demasias de temerário, que a alma avança ao nível pelo espaço, sobre o fluido elétrico, como sobre o solo duma mesma esplanada.

Mas, se assim é, se devemos sempre subir, em coluna radiosa, de estrela em estrela, de transfiguração em transfiguração, para uma contínua plenitude de amor e de inteligência, de que serve a existência da personalidade? A que vem a memória? Por que levaremos conosco lembranças do que fomos? tal memória, avivando-nos a lembrança duma falta ou duma fraqueza, não será uma obsessão, um sofrimento? Respondo: não. Se a recordação é um remorso, é um testemunho da nossa grandeza. Pois o remorso o que é? É a reação da virtude

contra o crime. É o trabalho da consciência contra o mal para trazer o mal à inocência. É o fogo purificador, que devora a mácula: é o redentor. É um merecimento, depois da sua obra. Se a recordação, pelo contrário, nos apresenta um ato ínfimo, que lembra somente a inferioridade da nossa vida passada, não julgueis que essa lembrança será, na memória do arcanjo, aquilo que é hoje na memória dum homem do nosso planeta. A alma imortal, transfigurando-se, transfigura sem cessar sua memória, perfumando-a de seus perfumes.

Por que é, pois, que o poeta, o pensador, no derradeiro crepúsculo da vida, recolhe com uma piedosa comoção, e ressuscita com uma eloquente ternura, as ações, as reminiscências, as mais simples em aparência, e as mais insignificantes da sua mocidade? porquê? porque recopila o progresso de sua alma para o futuro, e retempera-o ao raio da sua imortalidade. Pela mesma razão, o homem de nossos dias continua a admirar a poesia infantil das primitivas idades da história. Como se lhe depara na leitura da antiguidade um rico teclado de sensações, sente, por consequência, mais que o poeta sentiu. Cria a obra, dalguma sorte, segunda vez, e adjudica voluntariamente ao obreiro primitivo a sua própria criação. Ditosa ilusão do espírito humano, que, regenerando sem cessar a poesia passada ao foco vivo da sua sensibilidade, permite ao homem sempre admirar o que uma vez admirou. Assim, para nenhuma geração uma hora de poesia se perdeu.

Um justo vai morrer. Repousa no seu leito de agonia. Uma lâmpada bruxuleia à sua cabeceira. A pêndula secular de seus avós soa a sua hora derradeira, com esse grave som, que assemelha o som da eternidade Sua filha, de joelhos, comprime em seus lábios a mão gelada do moribundo. Sente já descer-lhe nos olhares a sombra escura. No último pensamento retrospectivo, recapitulou toda a sua existência. Viu-lhe nessa rápida revista o número das virtudes. Prevenira-se contra as eventualidades do incógnito. E quando, curvado sobre ele, um amigo lhe pergunta como é esse momento de mistério, responde:

“Sempre tranquilo.” Enfim, sua mão estremece pela última vez. O anjo da morte, passou. Passando, colheu a alma do justo. A lâmpada arde ainda. O ponteiro caminha sempre no mostrador.

E, depois, esse corpo sem alento torna-se sagrado, como se o dedo de Deus lhe tocasse. Dir-se-ia o altar, donde, extinto o sacrifício, a flama subiu à região celeste.

Donde vem esse respeito à forma quebrada do homem, se o homem, no findar da vida, se desfaz em um pouco de fumo? Tal respeito é involuntário, imperioso, de todos os tempos, de todas as nações. Faz parte da alma humana; nasceu com ela como um elemento constituinte da sua essência. Se é um erro, a alma é um erro também. É necessário escolher: ou o nada, ou o homem é uma mentira. A questão assim posta está resolvida. A imortalidade está provada.”

XIV

E portanto, eis-me aqui passando, como a larva, às novas formas de uma nova existência.

A minha alma é imortal! Sinto-me orgulhoso desta convicção à hora da morte!

As cortinas dum outro hemisfério vão ser-me erguidas!

Asseveram os sábios da terra que a sepultura é o cadinho onde os homens se purificam em anjos.

Mas a metamorfose é feita à custa de dores, O homem é coisa de condição deplorável, enquanto não despe o invólucro da carne para vestir-se da electricidade dos espíritos!

Bem puderas, meu Deus, correr, depressa, diante de meus olhos, esta última cortina da matéria!

Dá que eu deponha no barro o manto de vida, que o barro me deu, sem senti-lo cair a pedaços arrancados pela dor

.....
.....

Eu quero ainda ver o mundo pelo prisma duma fantasia, que já não pode escaldar-se no entusiasmo de poeta. A atmosfera da minha alma é fria. O gelo do túmulo, como preexistência da morte, vai-me esfriando, fibra a fibra, as molas, que jogavam vertiginosamente impelidas pelo gênio.

Se não fossem as contorções maquinais do corpo que se despedaça, eu quisera que a mórbida tranquilidade do meu espírito assim tivesse sido, no frenético decorrer da minha vida.

Disseram-me que o sintoma infalível da morte é a conformidade com ela.

Assim o juro com a mão sobre a consciência, que me manda resignar.

Estou tranquilo! Lances da minha vida, que ontem me azedavam as agonias, esqueceram-me hoje. A memória, que não pode acompanhar-me na transfiguração da eternidade, vai legando à terra as recordações da terra

.....

.....

Dá-se, neste momento, um drama sublime em minha alma. É o proêmio do grande livro que não pode ler-se à luz da vida.

Se não fosse este cilício de espinhos, que me cinge o peito, devera ser dos anjos o hossana, de graças, que vem, dum mundo remoto, embalar-me o sonho do espírito.....

Esta mulher de vestes brancas, de faces pálidas, com o êxtase nos olhos, e a vibração da súplica nos lábios, é Júlia!

Cinge-lhe a fronte o resplendor duma santa!

Vejo, em torno dela, uma Coreia de anjos, que esparzem flores, e entoam não sei que salmo, que me não parece cântico, nem gemido, nem voz, nem silêncio, nem sonho, nem realidade.

É esta a minha última e a minha primeira visão dulcíssima sobre a terra.

Eis aqui o homem que Píndaro definira: eu sou o sonho duma sombra!

Júlia! O mundo era pequeno para nós. A poesia santa de nossas afeições asseverava-nos a imortalidade, que principia hoje.

Eu vejo-te ajoelhada no peristilo do santuário, onde o sonho da vida se converte em eucaristia perpétua no seio do Senhor.

Voaremos de mundo em mundo, impelidos pela mesma faísca elétrica, embriagados da mesma taça de delícias, abraçados ao mesmo raio de luz dum sol, que lá deve estar em cima escondido nas profundezas do céu!

Quem te disse a ti, minha irmã de angústias, que o meu dia de amanhã será talvez a aurora da minha nova existência? Porque vieste agora só, meu fanal da morte, mostrar-me a luz de esperança, quando as sombras da dúvida me faziam terrível este fim?

Onde tens vivido até este instante, mágica aparição? Vens agora recordar-me que fui um homem de paixões arrojadas, e uma criança de ilusões loucas?

Que venham ao pé deste leito os infelizes da terra! Aqui ensina-se o desprezo de vida, e despreza-se a compaixão dos que ficam.

Quem morre assim não pode ser ateu.

O anjo do Senhor está sentado à cabeceira do agonizante.

As saudades do mundo, pouco a pouco, esvaecidas, cedem a alma às esperanças da imortalidade.

Este prodígio não o podem fazer os homens. O moribundo não dominaria o espírito pela lógica da resignação.

Há um mês aterrava-me a ideia da mortalha, cuja sombra agora vejo com o sorriso do coração, e com as lágrimas benditas do reconhecimento.

É Deus! O homem não sabe senão ser mau. A desesperação na vida não pode ser nunca serena tranquilidade à hora da morte!

Uns morrem, abandonando-se à misericórdia divina. É tranquila a sua morte.

Outros expiram nos braços da ciência. É sublime o seu passamento.

Uns e outros são profetas da imortalidade, e eleitos do Senhor

.....
.....

Grande espírito! Mistério sem princípio, que principias em ti e em ti acabas!

DEUS! não afastes dos olhos de meu espírito este quadro que me enleva, esta esperança que me indeniza de quantas vi levadas na torrente das ilusões, onde a humanidade se perde e purifica para crer em vós!

XV

Era no sonho febril dos meus rápidos instantes de repouso.

Tinham-me corrido tão suaves as horas da vigília!... Das regiões altíssimas da alma caí, algemado ao peso da matéria, neste mundo dos homens, neste bazar de vendilhões, em que a honra se vende por um punhado de lentilhas, e se compra por outro.

Em redor de mim estavam as sombras trêmulas duma lâmpada. Além, com a face escondida entre as mãos, um amigo que contraí nos últimos dias da minha, vida...

Parecia chorar.

Chorar um homem!...

Ó suavíssima consolação das lágrimas! quem pudera merecer-te, à custa destas últimas agonias da vida!

Chorar um homem... é delir no pranto espinhos, que o frenesi da desesperação não desencrava da alma!

Felizes são os que choram!... Experimentaste, ó Cristo, a felicidade das lágrimas!

Aconselhaste-as ao gênero humano, que remias daquela grande dor, que, antes de ti, não podia respirar a atmosfera dum céu em que falaste!

Quiseste, ó Cristo, fazer os homens bons pela compaixão; e conseguiste amaciar o coração da mulher, que lava com suas lágrimas muitas nódoas, degradantes ao gênero humano, indigno de ti, ó anjo da cruz e do resgate!

Ensinaste a sofrer e a chorar, filho da mais atribulada das mulheres! Há dezoito séculos que choraste; e a geração, que passa, vai deste horto de aflição e prece a buscar-te no mundo dos espíritos com as vivas reminiscências das tuas lágrimas!

A parte do mundo, que te adora, tem razão para adorar-te; porque foste tu quem pregou o sermão da montanha.

Foste tu, ó Nazareno, quem limpou na face da samaritana o escarro da afronta, e restaurou a dignidade perdida de Madalena!

A ti meus hinos de morte, a ti, mensageiro de Deus, que surgiste no dia das agonias do escravo, e disseste: “Felizes os que choram!”

.....

.....

XVI

Era, no sonhar febril dos meus rápidos instantes de repouso...

Encostada ao meu leito, com o ouvido aconchegado à minha respiração, com os olhos absortos no estremecer das minhas pálpebras, Júlia esperava, na ansiedade aflitiva do receio, que eu abrisse os olhos para vê-la, e os lábios para balbuciar-lhe o adeus do caminhante, que vai primeiro atravessar os limbos da morte.

Acordei.

— A que vens, esposa do túmulo?

— Não é à beira do túmulo, é no limiar da existência, que contraímos perante Deus, e a imagem do infinito, a mística união, que tem a eternidade por limite.

— E as torturas, e as violências, e os desconfortos, que levamos desta vida, serão o patrimônio... a riqueza de santas alegrias, que o dedo de Deus marcará com o selo da sua perpetuidade?... Fala, inspirada dos espíritos! abençoa as lágrimas... o incenso que queimaste nas lavaredas de uma paixão, que sacrificas a este ídolo de barro, a esta sociedade ulcerada no coração...

— Abençoada seja a hora em que amei, pois embora amargurada, e sem esperança aqui, este amor é a vida única do meu coração!... Bendita seja a mão de Deus, que lançou no fundo da minha alma este gérmen fecundo de sensações apaixonadas e ardentes, este manancial inesgotável de tão puros e suaves afetos...

— Que sentes, filha da amargura?

— A necessidade duma ventura imensa, e deslumbrante. O meu espírito concebe-a.

É uma embriaguez deliciosa... O que eu sinto? Uma esperança frenética e delirante...

Um desejo de morte, e de repouso... O sono entorpecido do espírito...

— Fada misteriosa, verbo dos anjos, profeta balbuciante, que vês além dos horizontes do túmulo?

— Irmãos pelos afetos e pelas dores profundas, professamos a mesma crença, comungamos às mãos do mesmo sacerdote: mas não é no inverno desabrido e gelado duma vida gasta e agonizante que nos encontramos. É durante o estio abrasador da paixão, com o coração a transbordar lágrimas e afetos, que repousaremos suavemente no seio de uma afeição tranquila e santa.

— Como é o teu amor, arcanjo das lágrimas?

— Um martírio na vida do tempo, e um mistério entre o meu coração e o Eterno! É uma planta maldita, que nasceu ignorada, e ignorada morrera.

— E, portanto, tudo está consumado para nós sobre a terra?

— Tudo!

— Espera... Eu fui teu escravo longo tempo... Deves pagar a minha servidão com lágrimas... O túmulo que tas receba. Dizem que os cemitérios são mudos... Não creias, Júlia. Há segredos entre os vivos que chamam, com ansiosa fé, as sombras dos mortos.

Se morresses, antes de mim, eu colaria os lábios na pedra avarenta de tuas cinzas! E tu virias, espírito arrojado, pelo rasto dos voos, que deixaste impressos no mundo, virias, ao som de meus lábios, e envolverias a minha fronte na dobra da tua mortalha!... Não me fujas!... Vieste, sacerdotiza de moribundos, murmurar-me ao ouvido as orações da agonia... Fala

.....

XVII

Um sacerdote!

— Que me quereis, senhor?

— Uma alma contrita, e um adeus resignado ao mundo.

CONCLUSÃO

O dia dezenove das agonias de *** era o quarto dia do mês de Abril de 1851.

A noite do dia três não permitiu duvidar da sua próxima morte. Queixou-se, ao escurecer, duma dor lancinante, que lhe cortava os tecidos do peito. A febre encrustara-lhe os lábios dum roxo escuro, semelhante à putrefação duma ferida. A respiração, convulsa e acelerada, arfava-lhe as paredes torácicas com estes violentíssimos. Uma hora depois, a transpiração cessou; o enfermo revolia-se no leito, como se encontrasse um espinho em cada ponto de apoio.

Mandaram-lhe um sacerdote para junto da cruz que sua irmã lhe pusera à cabeceira do leito.

A majestade fúnebre daquele trance imprimia nas vestes do levita caráter de tremendo mistério, que só um agonizante poderá avaliá-lo à luz da eternidade.

Era tudo sublime ali naquele quarto! O moribundo é grande e sublime nos fins da vida, quando mais se revela a debilidade de suas forças, a miséria de seus orgulhos, a mesquinhez da sua condição

— Padre — exclamou o enfermo com o esforço de vontade, que já não pode imperar no maquinismo da voz — padre!... esta morte, assim trabalhosa, é... como foi toda a minha vida... Que mais quer que eu lhe diga?...

— Não sente em si alguma coisa invulnerável aos golpes, que lhe retalham o corpo?... Não vê que o espírito, no desprender-se dos fios, que o prendem à matéria, é ainda um ente que recorda as tormentas passadas, os naufrágios da vida? Não se sente imortal quando os órgãos da vida se dissolvem?

— Sinto... sinto... Eu já sabia que era imortal... O que eu não sei... tentação vã!... quem mo poderá dizer nesta vida?!...

— O quê, senhor?

— O segredo da imortalidade...

— Eu.

— É um homem que mo diz...

— E o mais humilde, e o mais ignorante dos homens... Não são estes hábitos que me fazem o intérprete da linguagem muda do seu destino. Não é o padre que lhe profetiza o segredo da imortalidade: é o homem, que consulta o oráculo da consciência... é o seu irmão de amarguras, que procura, no fundo da sepultura, à lâmpada da inteligência, a metamorfose do homem...

— Fale... fale... que me adormece estas dores dilacerantes... Se tem a inspiração de Deus, não me esconda os segredos do meu destino... Eu tenho uma esperança... se ela é mentirosa... não ma desvaneça... Oh! diga-me que eu posso encontrá-la ainda... voar com ela nos turbilhões dos mundos... Padre! não há porventura mundo... não há estrela, onde se encontrem duas almas, que este mundo varou com o mesmo punhal, que este deserto deixou ressequir na mesma sede... que este inferno queimou com a mesma lavareda?... Não há, padre!... não há uma providência, pregoada por todas as religiões, revelada e adorada por todos os sacerdotes... uma justiça eterna, que recompense com eternas alegrias os martírios aqui suportados, as leis malditas aqui obedecidas, as taças de fel aqui devoradas no silêncio... Não há, padre?... É, pois, mentira a minha esperança?... depois do inferno da vida... vem o inferno do nada?...

O sacerdote quisera logo responder, mas não o deixou a torrente da rápida exclamação. O agonizante, exaltado a ímpetos de frenesi, descaiu na imobilidade duma anemia semelhante à serenidade do cadáver. Fecharam-se-lhe os olhos, exsudaram-lhe bagas frias na testa incendiada, e os Lábios entreabertos coavam uma respiração quase imperceptível.

O padre ajoelhou: os que estavam ali, sentiram-se comovidos, e ajoelharam-se, sem fé, obrigados por impulso misterioso.

O tísico permaneceu assim duas horas.

No despertar, soltou um como rugido semelhante ao ranger das costelas que se lhe partiam.

A respiração cavernosa ressoava, e parecia sufocá-lo a cada instante.

O ouvido, aplicado aos lábios, escutava um ruído tumultuoso, uma dissonância indefinível de sons na região do coração. Dir-se-ia que duas forças, morte e vida, se despedaçavam ali em dolorosa repugnância.

O moribundo nesse dia, parece que detestava os entes mais amados nos seus últimos dias. Repelia, com as feições descompostas e com trejeitos horríveis, as pessoas que o consolavam com palavras fúteis, naqueles trances em que Deus parece abandonar o homem. Sangraram-no. Foram rápidas as melhoras. O infeliz perguntava se dali até à morte lhe era permitido confiar no remanso de alívio que estava gozando. O médico, com imperturbável placidez, respondeu-lhe que sim.

Tranquilo, nada alterado na fisionomia, livre na respiração, sonoro na palavra, e recostado em dois travesseiros, sem o menor constrangimento, assim principiou o último dia daquele homem, que não devera ter conhecido o primeiro.

O sacerdote não o abandonara um instante.

Sua irmã, com o forçado sorriso da forçada esperança, animava-o a esperar do Altíssimo a sua saúde.

O agonizante sorria-se.

Às nove horas da manhã, pediu ao sacerdote que ficasse a sós com ele.

Ficou.

As lágrimas, choradas no coração do ministro do Deus, são como as lágrimas vertidas no oceano: apenas derramadas, confundem-se, e perdem-se. Só Deus as estrema.

E ninguém dirá o que se passou aí nesse quarto!...

O sacerdote, quando voltava para os que, na 1 antecâmara, discutiam aquela cena imprevista, trazia o rosto banhado de lágrimas, e ao passar pela irmã do moribundo, murmurou:

“Jesus, o Salvador, triunfou!”

Entraram. Viram um rosto sereno... sereno de mais... Estava morto.